



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC – SP**

**Dominique Lemes Chagas**

**RASTROS DO PÓS-HUMANO NA ESTÉTICA DO AUDIOVISUAL: DO CINEMA AO  
TIKTOK**

**Mestrado em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital**

**SÃO PAULO**

**2023**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC – SP**

**Dominique Lemes Chagas**

**RASTROS DO PÓS-HUMANO NA ESTÉTICA DO AUDIOVISUAL: DO CINEMA AO  
TIKTOK**

**Mestrado em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica, como exigência para obtenção do título de MESTRE em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - Área de concentração Processos Cognitivos e Ambientes Digitais, linha de pesquisas Designer Digital e Inteligência Coletiva sob orientação da Prof. Dra. Maria Lucia Santaella Braga.

**SÃO PAULO**

2023

Banca Examinadora:

---

---

---

Aprovado em: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente a minha inspiradora orientadora, Lúcia Santaella, que despertou em mim o interesse pela pesquisa e me guiou durante toda a jornada deste mestrado.

Ao TIDD, sou grata pela oportunidade e pelo acesso à educação de qualidade em um contexto em que isso ainda é escasso em nosso país. Agradeço também à Profa. Dra. Ana Maria Di Grado Hessel pela dedicação e amor à docência, e ao Prof. Dr. Winfried Nöth pelo rigor e conhecimento compartilhado.

A Banca examinadora Profa. Dra. Roseli Guimarães e Prof. Dr. Marcelo Prioste, pelos apontamentos tão valiosos e pela leitura cuidadosa .

Aos meus colegas e amigos que me acompanharam ao longo deste percurso, expressei minha gratidão pela troca de conhecimento pelo apoio mútuo e pelas experiências enriquecedoras que vivenciamos ao longo deste processo. Em especial, agradeço ao Macgyver Felix, cuja amizade ultrapassa o oceano, hoje é o amigo mais presente e ao mesmo tempo mais distante, me escuta, me incentiva a encontrar o melhor de mim. Agradeço também ao Lucas Mariano, pela voz doce e calma, sempre disponível para discussões e reflexões. À Ana Carolina Barbosa, por ser meu presente acadêmico e incentivar minha escrita e a Marina Junqueira, por sempre lembrar-me de ocupar meu lugar.

À Mecalor, empresa em que trabalho, meu agradecimento especial pelo custeio de metade do curso como incentivo a profissionalização em especial minha diretora Claudia Arruda e aos colegas do marketing, que pacientemente escutaram minhas teorias a cada nova descoberta da pesquisa.

Por fim, agradeço imensamente à minha família pelo incentivo constante, apoio incondicional e compreensão durante os momentos de isolamento dedicados à escrita. Ao Gláucio, "meu bem", por entender minha ausência em alguns momentos e ser meu maior apoiador. Aos meus enteados, meus filhos do coração Carol, Vitor e Renan, por sempre se preocuparem com meu bem-estar e oferecerem ajuda em todos os momentos.

Esta dissertação representa um marco significativo em minha vida, e sinto-me honrada e privilegiada por estar neste lugar que tanto sonhei.

"A estética é a busca pela essência da beleza, é a tentativa de capturar o indescritível em formas e cores."

“O artista, como o Deus criador, permanece dentro ou além ou acima ou através de suas criações, invisível, restrito por suas criações.”

Stephen Dedalus Retrato do Artista quando jovem – James Joyce

É que Narciso acha feio o que não é espelho  
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho  
Nada do que não era antes quando não somos mutantes

SAMPA – Caetano Veloso

## RESUMO

Esta pesquisa que tem como objetivo analisar os rastros do pós-humano nas relações estéticas da produção audiovisual, com foco especial na rede social TikTok e seus filtros que transformam os rostos em figuras espectrais. A metodologia adotada é cunho bibliográfica, construindo um repertório intelectual baseado em teorias do pós-humano, estética e análise semiótica para identificar pontos de convergência e divergência sobre o tema, além de explorar a confirmação da influência do pós-humano em produções audiovisuais específicas como índices da virada estética do pós-humano. O estudo revela que os aplicativos de manipulação de imagem fornecem uma potência criativa que permite que as pessoas criem múltiplas versões de si mesmas e experimentem diferentes possibilidades estéticas. Entretanto, essa facilidade também leva a uma busca incessante pela aparência ideal, lisa e jovem, mesmo que seja uma idealização irreal. As pressões sociais e os padrões estéticos exercem uma influência significativa na sociedade, levando muitos a perseguirem a perfeição e se distanciarem de sua própria natureza humana, aproximando-se assim do ideal pós-humano. Essa busca por uma aparência transformada impulsiona a demanda por procedimentos estéticos e cirúrgicos, tornando esses serviços mais acessíveis financeiramente. O resultado é uma cultura obcecada pela aparência, o que pode ter consequências negativas para a saúde mental e a autoestima das pessoas

**Palavras-chave: Pós-humano, estética, produção audiovisual, TikTok, filtros.**

## ABSTRACT

This research aims to analyze the post-human traces in the aesthetic relations of audiovisual production, with a special focus on the social network TikTok and its filters that transform faces into spectral figures. The methodology adopted is a bibliographical one, building an intellectual repertoire based on post-human theories, aesthetics and semiotic analysis to identify points of convergence and divergence on the subject, in addition to exploring how this influence of the post-human has been confirmed in specific audiovisual productions as indexes of the aesthetic turn of the post-human. The study reveals that image manipulation apps provide a creative power that allows people to create multiple versions of themselves and experiment with different aesthetic possibilities. However, this ease also leads to an incessant search for the ideal, smooth and youthful appearance, even if it is an unrealistic idealization. Social pressures and aesthetic standards significantly influence society, leading many to pursue perfection and distance themselves from their own human nature, thus approaching the post-human ideal. This search for a transformed appearance boosted the demand for aesthetic and surgical procedures, making these services more financially accessible. The result is an appearance-obsessed culture, which can have negative consequences for people's mental health and self-esteem people.

**Keywords: Posthuman, aesthetics, audiovisual production, TikTok, filters.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Relações entre os componentes lógicos do signo.....	53
<b>Figura 2</b> – Relações entre as classes de signo .....	53
<b>Figura 3</b> – Ilustração da percepção na operação do signo .....	58
<b>Figura 4</b> – Cidade Futurista “Metrópolis” .....	68
<b>Figura 5</b> – Diálogo do Filme.....	69
<b>Figura 6</b> – Cena da descrição do diálogo.....	69
<b>Figura 7</b> – Cientista apreciando sua invenção .....	71
<b>Figura 8</b> – Maria antes da transformação.....	71
<b>Figura 9</b> – Maria transformada em Mulher Máquina (MM) .....	72
<b>Figura 10</b> – Cidade Futurista de Blade Runner – I .....	73
<b>Figura 11</b> – Cidade Futurista de Blade Runner - II.....	73
<b>Figura 12</b> – Personagem Priss - I.....	75
<b>Figura 13</b> – Personagem Priss - II.....	76
<b>Figura 14</b> – Sra. Ida fazendo um procedimento estético.....	79
<b>Figura 15</b> – Sra. Ida com aparência mais jovem I.....	80
<b>Figura 16</b> – Sra. Ida com aparência mais jovem II.....	81
<b>Figura 17</b> – Ava personagem de Ex Machina.....	84
<b>Figura 18</b> – Relação entre Ava e Caleb.....	86
<b>Figura 19</b> – Rosto de Ava.....	86
<b>Figura 20</b> – Ilustração dos primeiros passos - I.....	104

<b>Figura 21</b> – Ilustração dos primeiros passos - II.....	104
<b>Figura 22</b> - Print do “para você” .....	105
<b>Figura 23</b> – Zona do polegar.....	106
<b>Figura 24</b> – Zona do polegar aplicado ao TikTok.....	106
<b>Figura: 25</b> - Diagrama de funcionalidades do Tiktok.....	108
<b>Figura 26</b> - Portal Creator.....	110
<b>Figura 27</b> - Porta Creator – Ferramentas de criação.....	110
<b>Figura 28</b> – Filtro famoso em 2019 que simulava o rosto de criança.....	112
<b>Figura 29</b> – Exemplos de antes e depois do filtro do stories Instagram.....	113
<b>Figura 29</b> – Colagem de uma imagem modificada.....	114
<b>Figura 30</b> – Exemplo de antes e depois do filtro nos stories .....	115
<b>Figura 31</b> - Antes e depois do filtro Sardas Falsas. ....	115
<b>Figura 32</b> - Foto direita no app TikTok sem nenhuma funcionalidade de filtro ou efeito aplicado.....	118
<b>Figura 33</b> - Ilustração de filtros aplicados.....	119
<b>Figura 34</b> - Print do vídeo com frame do início e quando se mostra o procedimento.....	121
<b>Figura 35</b> - Os Harmonizados .....	131

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. O PÓS-HUMANO</b> .....	22
<b>2.1 Gêneses Pós-humano</b> .....	24
<b>2.2 O corpo em questão</b> .....	26
<b>2.3 Levítico Pós-Humano</b> .....	29
<b>2.4 Números Pós-humano</b> .....	32
<b>2.5 Deuteronômio Pós-humano</b> .....	35
<b>3 A ESTÉTICA DE ONTEM A HOJE</b> .....	38
<b>3.1 Definir estética</b> .....	38
3.2 A Estética à luz da Semiótica .....	47
3.2 A Estética do digital .....	59
<b>4. MARCAS PÓS-HUMANAS EM FILMES</b> .....	64
<b>4.1 Metrópolis</b> .....	66
4.1.2 Figuras 5 e 6 .....	69
4.1.3 Figuras 7, 8 e 9 .....	71
<b>4.2. Blade Runner</b> .....	72
4.2.1 Figuras 10 e 11 .....	73
4.2.2 Figura 12 .....	75
4.2.3 Figura 13 .....	76
<b>4.3 Brazil 1985</b> .....	77
4. 3.1 Figura 14 .....	79
4.3.1 Figuras 13 e 14 .....	81
<b>4.4 Ex Machina</b> .....	83
4.4.1 Figura 17 .....	84
4.4.2 Figuras 18 e 19 .....	86
<b>5. MARCAS DO PÓS-HUMANO NO TIK TOK</b> .....	93
<b>5.2. O TikTok na mídia</b> .....	98
<b>5.2. Funcionalidade</b> .....	102
<b>5.3. Os filtros digitais</b> .....	111
<b>5.4 Os filtros sob a perspectiva semiótica</b> .....	122
<b>5.5 Marcas pós-humanas</b> .....	123
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	136

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a presente pesquisa busca indagar até que ponto as transformações, que são impostas ao corpo e ao rosto na era pós-humana germinada na cultura digital, chegam a desenvolver um novo acordo estético, ou seja, se essas transformações são disparatadas ou se constituem um padrão específico reconhecível. "Rastros do Pós-Humano na Estética do Audiovisual" envolve uma análise de como as representações do corpo e do rosto no campo do audiovisual refletem as transformações e questionamentos em relação à ideia de humanidade e sua relação com a tecnologia. O termo "pós-humano" refere-se à compreensão de que os avanços tecnológicos estão levando a uma reconfiguração da noção tradicional de ser humano, questionando sua identidade, limites e possibilidades.

Ao explorar o tema, examinamos como filmes e outras formas de expressão audiovisual, retratam assuntos como a inteligência artificial, a corporeidade transformada, a realidade virtual, a fusão entre humanos e máquinas. Essas representações podem evocar uma sensação de estranhamento, desconforto ou fascínio diante das possibilidades e dilemas do pós-humano. Podemos analisar tanto os elementos visuais, como cenários futuristas, imagens digitalmente alteradas e estéticas diatópicas, quanto os temas abordados, como a busca pela imortalidade, a transcendência dos limites incorporados e a interação entre humanos e tecnologia. A estética do audiovisual desempenha um papel fundamental na construção dessas narrativas e na provocação de reflexões sobre o impacto das tecnologias na nossa percepção e do futuro.

Nessa análise, podemos percorrer as abordagens teóricas como a filosofia do pós-humano, as teorias estéticas, evidências no cinema dessa frente e o objeto mais profundo de análise, a rede social TikTok, para compreender como a estética do audiovisual reflete e influencia a nossa compreensão do pós-humano. Além disso, explorar os rastros do pós-humano na estética do audiovisual nos permite compreender como as representações artísticas simbolizam e questionam as transformações tecnológicas

Com o aumento da popularização da internet, especialmente com o advento do uso do smartphone, os pequenos dispositivos, que se destacam pela capacidade de conectar-se à internet, além de combinarem recursos, anteriormente exclusivos dos computadores, permitem o *download* de uma ampla gama de aplicativos por conta das funções avançadas em seus sistemas operacionais. Esse contexto transformou a comunicação e colocou as redes sociais como partes indissociáveis da vida pós-moderna, proporcionando um acesso instantâneo a informações e interações com outras pessoas, independentemente da localização geográfica.

As redes sociais, devido à sua funcionalidade, possibilitaram a conexão entre indivíduos, o compartilhamento de informações e ideias, a criação de comunidades e a construção de identidades digitais. Esse fundamento, originário da cibercultura, tornou-se um terreno fértil para as plataformas digitais, que hoje ocupa posições de destaque nas áreas de comunicação, publicidade, marketing e negócios, estabelecendo-se como um fator crucial para uma economia global. Além disso, o surgimento das redes sociais impulsionou a criação de novas profissões, como as de mídia social e influenciadoras digitais.

O objeto deste estudo são os recursos tecnológicos que, disponíveis no mundo virtual, metamorfoseiam tanto o corpo quanto a face por meio de filtros em aplicativos, notadamente na rede social TikTok. Operantes no universo digital, esses dispositivos acabam por conduzir à busca de transferência dessas transformações para o corpo e rosto real. Quando se trata do rosto, assiste-se ao crescente consumo de procedimentos estéticos, tais como harmonização facial, rinomodelação<sup>1</sup> e bichectomia<sup>2</sup>, entre outros. Trata-se de um fenômeno que afeta igualmente e cada vez mais os jovens, antes mesmo da idade adulta, trazendo consequências que cumprem ser discutidas.

Reportagem do site Jornal da USP (<https://jornal.usp.br/atualidades/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>) de 11 janeiro de 2021 e atualizada em 24 agosto de 2021, traz em sua manchete “Cresce em mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens anos. Essa crescente busca por intervenções estéticas por jovens” com base em especialistas está relacionada a vários fatores, incluindo a pressão social para atender a padrões de beleza irreais, a exposição constante a imagens manipuladas digitalmente nas redes sociais e o fácil acesso a aplicativos com filtros de beleza. A Dra. Beatriz Lassance, cirurgiã plástica e membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, diz:

" os jovens estão cada vez mais expostos a imagens de beleza e perfeição nas redes sociais, o que pode gerar uma pressão para que eles se encaixem nesses padrões. Além disso, as redes sociais oferecem aplicativos que permitem o uso de filtros de beleza, criando uma ilusão de perfeição que pode ser difícil de

---

<sup>1</sup> Rinomodelação ou bioplastia nasal, é uma técnica de preenchimento nasal que visa corrigir imperfeições de contorno ou defeitos de rinoplastias anteriores.

<sup>2</sup> Bichectomia é um procedimento cirúrgico que visa a remoção da "bolsa de gordura de Bichat" tanto para fins estéticos quanto funcionais. Esses procedimentos podem ser realizados como parte de uma harmonização facial abrangente ou separadamente, dependendo das necessidades individuais.

alcançar na vida real. Esses fatores podem levar muitos jovens a buscar procedimentos estéticos cada vez mais cedo.” (JORNAL DA USP, 2021)

Outra especialista, a psicóloga clínica Camila Cury, destaca que a busca pela perfeição estética pode ter um impacto negativo na saúde mental dos jovens. “A obsessão pela aparência pode levar a transtornos alimentares, baixa autoestima e até mesmo depressão. É importante que os jovens entendam que a perfeição é uma ilusão e que a verdadeira beleza vem da autoaceitação e do amor-próprio”. (Ibid,2021)

Essas reflexões corroboram a importância de apontar para os efeitos que artifícios corporais e faciais provocam na percepção estética dos jovens, muitas vezes resultantes do desejo de alcançar uma aparência irreal, seguindo padrões de beleza inalcançáveis. Isto posto encontramos em Santaella (2004a, p. 98) uma definição sobre esse novo corpo característico da cultura do pós-humano, que clama por mudanças em sua superfície, por ela chamado de “O corpo remodelado: uma manipulação estética da superfície do corpo”.

Portanto várias questões permeiam a relação simbiótica entre humano e tecnologia: qual é o novo padrão de compreensão da estética que migra do corpo virtual e busca se estabelecer no corpo real? Como a tecnologia está mudando a forma como as pessoas se relacionam com suas próprias imagens corporais? Os filtros em aplicativos de redes sociais estão influenciando a percepção das pessoas sobre sua própria aparência? Como podemos desenvolver uma consciência crítica em relação à influência da tecnologia na percepção da aparência cujas modificações resultam do consumo de procedimentos estéticos? Quais impactos podemos esperar nas artes, bens e consumos, e quais os sintomas culturais de uma maneira geral diante desse fenômeno?

As constantes evoluções tecnológicas trazem hoje novas possibilidades de estetização dos corpos e faces digitais por meio de filtros e outros artefatos e ferramentas. Diante disso, observa-se uma oportunidade de discussão acerca da emergência de novas estéticas nutridas de tecnologia, dizendo respeito à apresentação do sujeito nos espaços virtuais e uma busca por maior entendimento sobre como isso se dá. Se, de um lado, os corpos-avatars parecem se distanciar cada vez mais do real; por outro lado, os corpos reais parecem buscar se tornar análogos e especulares aos corpos virtuais.

## Discussão do tema

As pesquisas acerca da pós-modernidade nos abrem um horizonte de possibilidades e um desafio de acompanhar a velocidade com que as mudanças acontecem (LYOTARD, 1979). Diante disso, é importante ter em mente que muitas pesquisas acabam abordando um recorte que pode ficar obsoleto rapidamente, principalmente em relação às novas mídias e tecnologias digitais. Desde os anos 1990, a cibercultura (LÉVY, 1999) tem sido objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, que buscam compreender as transformações socioculturais e tecnológicas decorrentes da ampla disseminação das tecnologias digitais e das redes de comunicação (JENKINS, 2008). No entanto, é somente a partir dos anos 2000 que se intensificaram as discussões sobre a convergência midiática, a cultura participativa e a inteligência coletiva.

Um dos primeiros teóricos a esboçar a convergência midiática foi Henry Jenkins, em 2006 com o livro *Cultura da Convergência*, que abriu o debate para compreender o mundo das novas mídias. Desde então, vários teóricos têm se dedicado a entender a relação entre humanos, tecnologia e cultura na contemporaneidade, e isso inclui as abordagens do pós-humano, semiótica e psicanálise, entre outras. Esses estudos têm sido essenciais para compreender a natureza fluida e mutável das identidades e subjetividades, a transformação dos processos comunicativos e a emergência de novas formas de expressão cultural. É importante ressaltar que a cibercultura está em constante transformação e evolução, o que torna fundamental acompanhar o percurso histórico dessas mudanças.

Para o conceito de pós-humano encontramos autores precursores como Donna Haraway. Além de ser uma das principais teóricas do pós-humano, ficou conhecida por seu manifesto *Manifesto Cyborg* (1985), no qual ela argumenta que as fronteiras entre humano e máquina, homem e mulher, e natureza e cultura estão cada vez mais embaçadas. Sua obra abrange questões de gênero, tecnologia, natureza e cultura, e é altamente influente nas áreas de estudos culturais, estudos de gênero e teoria da mídia.

Katherine Hayles - outra teórica que escreveu sobre o pós-humano que tem explorado as relações entre humanos e tecnologia em suas obras. Seu livro *How We Became Posthuman* (1999) é uma leitura essencial para entender o movimento do pós-humano e suas implicações culturais. Ela argumenta que a cultura está se tornando cada vez mais pós-humana, ou seja, que estamos passando por uma transformação fundamental em nossa compreensão do que significa ser humano.

Lucia Santaella contribuiu para o desenvolvimento do pensamento pós-humano no Brasil. Ela explora as implicações éticas, estéticas e culturais do momento histórico que estamos vivendo, em que as tecnologias digitais estão reconfigurando não só as nossas relações sociais e a nossa percepção do mundo, mas também a nossa própria condição humana. Em seu livro *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura* (2003), a autora apresenta uma reflexão sobre as transformações que a cultura contemporânea vem sofrendo com o advento das tecnologias digitais, em um momento em que a subjetividade humana está sendo reconfigurada por essas mudanças. Além disso, Santaella também aborda o conceito de pós-humano em outros livros e artigos, como: *Os desafios do Pós-Humano* (2004b), *Pós-Humano, Por quê?* (2007), *O pós-humano e a reconfiguração do sujeito* (2008), além de entrevistas e palestras na proposta de difundir o tema.

No artigo *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*, escrito por Santaella e Felinto em 2013, os autores discutem a obra do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, enfatizando suas ideias sobre a importância da tecnologia e da comunicação na construção da realidade humana. Os autores exploram as implicações do pensamento de Flusser para o campo do pós-humanismo, que busca compreender as mudanças na condição humana em um mundo cada vez mais digital e tecnológico. Entre os temas abordados no livro, estão a relação entre humanos e máquinas, a ideia de que a tecnologia é uma extensão do corpo humano, a importância da linguagem e da comunicação na construção da realidade, e a possibilidade de uma nova etapa na evolução da espécie humana e, por isso, também é uma obra fundamental para quem deseja compreender as implicações da tecnologia e da comunicação.

Outra autora que chama atenção e escreve sobre o advento do pós-humano é Paula Sibilia, uma antropóloga argentina que escreveu vários livros e artigos sobre temas relacionados à tecnologia, corpo e subjetividade. Alguns de seus trabalhos mais relevantes sobre a condição pós-humana incluem: *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (2002), *La intimidad como espectáculo* (2008) e recentemente, *En los límites de lo humano: robots, cyborgs y otras quimeras tecnológicas* (2019). Em suas obras, ela critica a visão tecnofóbica que vê a tecnologia como uma ameaça à nossa humanidade, ao mesmo tempo em que alerta para os perigos da excessiva dependência da tecnologia e da perda da empatia e da capacidade de se relacionar com o outro. Além disso, Sibilia aborda questões de gênero e raça em sua análise da condição pós-humana, destacando como as tecnologias muitas vezes reproduzem e reforçam desigualdades e exclusões sociais.

Uma vez que buscamos compreender em que medida as condições acima assinaladas marcam o advento de um novo acordo estético, é fundamental estabelecer em que tipo de experiência estética estamos nos apoiando, uma vez que esse termo é aplicado em diversas formas e campos de estudos. Nesse sentido, na abordagem semiótica inspirada na teoria da semiose do polímata Charles Sanders Peirce, defende-se que os signos (como palavras, imagens e outros símbolos) são fundamentais para a compreensão da realidade e para a comunicação entre as pessoas. No livro *Estética: de Platão a Peirce* (Santaella, 2000), é apresentada uma visão ampla e acessível da história e das correntes teóricas da estética ocidental, evidenciando como as ideias estéticas evoluíram ao longo do tempo e influenciaram a cultura e a arte em diferentes épocas. A obra é indicada tanto para estudantes e pesquisadores de filosofia e teoria da arte, quanto para qualquer pessoa interessada em compreender a estética como um campo de estudo.

Santaella também escreveu diversos artigos no campo da estética como *Estética da Fascinação* (2019a) no qual a autora explora as formas de fascinação presentes em diferentes manifestações artísticas, como música, literatura, cinema, teatro, artes plásticas e mídias digitais. A partir dessa análise, Santaella busca entender como essas formas de fascinação afetam o sujeito contemporâneo e como a estética pode ser uma ferramenta para a compreensão da cultura e das relações sociais. Um livro de destaque é *Estética e Semiótica* (2019b), no qual Santaella, faz uma apresentação didática e clara sobre esses dois conceitos importantes.

*A Crítica da Faculdade do Juízo* (em alemão *Kritik der Urteilkraft*) é uma obra de Immanuel Kant, publicada em 1790. Nessa obra, Kant discute a "faculdade do juízo", que se refere à capacidade humana de avaliar, julgar e formular conceitos. Kant argumenta que a faculdade do juízo é uma ponte entre as outras duas faculdades da mente humana, a faculdade do entendimento (que se relaciona com a cognição e a razão) e a faculdade da imaginação (que se relaciona com a percepção e a intuição).

A partir dessa perspectiva, Kant desenvolve uma teoria sobre a estética, em que defende que a experiência estética envolve uma relação entre a faculdade da imaginação e a faculdade do entendimento. Ele argumenta que o juízo estético se baseia na sensação de prazer e que a beleza é uma categoria subjetiva, mas que pode ser objetivada a partir de critérios comuns. A obra de Kant influenciou profundamente o pensamento estético e filosófico no século XIX e ainda é considerada uma referência importante na história da filosofia. (SANTAELLA, 2000)

Outra contribuição importante está na *História da Beleza* (2004), um livro escrito por Umberto Eco, que traça uma linha do tempo das ideias de beleza ao longo dos séculos, abrangendo desde a Grécia Antiga até os dias atuais. O autor explora as diversas formas pelas quais a beleza tem sido percebida e concebida ao longo da história, desde a beleza idealizada dos corpos divinos na arte grega até a beleza distorcida e grotesca da arte moderna. Eco também examina como a beleza tem sido definida em diferentes culturas e sociedades, abordando temas como a beleza natural versus a beleza artificial, o papel da moda na construção da beleza e a relação entre beleza e poder. O livro apresenta uma visão ampla e interdisciplinar da história da beleza, explorando as conexões entre arte, filosofia, literatura e cultura em geral.

E não obstante, *A Salvação do Belo*, (2019) de Byung-Chul Han traz reflexões super importantes sobre uma estética na era digital, particularmente significativa em sua crítica à estética do liso. O autor aborda o impacto da tecnologia e das mídias digitais em nossa percepção estética, questionando a predominância do liso como um padrão de beleza contemporâneo e como essa estética se manifesta de maneira ampla na cultura digital, desde as representações de corpos idealizados nas redes sociais até a busca por uma aparência perfeita através de filtros e retoques digitais. Ele argumenta que a estética do liso, ao eliminar as imperfeições e as rugosidades da realidade, cria uma uniformidade superficial que leva à homogeneização e à perda da autoridade.

## 1.2 Objetivo

O objetivo principal desta pesquisa é explorar e entender os rastros do pós-humano na estética no audiovisual, inclusive no contexto da rede social TikTok, especialmente no uso de filtros que transmutam os rostos em uma figuratividade espectral. A intenção é contribuir para a discussão sobre as motivações do mundo digital que afetam a vida do sujeito pós-humano no mundo real.

Com isso, espera-se fornecer subsídios para análises e articulações futuras sobre as implicações culturais dessa relação entre a tecnologia e a estética, bem como entender como as novas gerações estão lidando com a condição pós-humana e se estão preparadas para ela. Em última análise, esta pesquisa busca contribuir para um debate mais amplo sobre as transformações que a tecnologia está provocando na sociedade e na cultura contemporâneas.

### 1.3 Hipótese

A hipótese deste estudo parte da premissa de que a relação estabelecida entre os sujeitos pós-humanos e os filtros de aplicativos de redes sociais, em especial o TikTok, é um sintoma da cultura contemporânea, que reflete uma série de fatores que compõem a sociedade atual. Acreditamos que essa relação não se dá necessariamente de forma consciente, mas é atravessada por uma complexa rede de perceptos que moldam a percepção do indivíduo em relação a si mesmo e aos outros. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a investigar as relações entre os sujeitos pós-humanos e as implicações estéticas da cultura digital, bem como as produções simbólicas e artísticas que emergem desse contexto. Por meio da análise dessas relações, esperamos contribuir para a compreensão dos modos como os sujeitos pós-humanos constroem sua identidade e lidam com o desejo humano de se parecer com uma imagem computadorizada, além de explorar possibilidades de ressignificação desse fenômeno.

### 1.4 Justificativa

Este trabalho tem como justificativa a importância de se observar os fenômenos culturais a partir da relação entre o pós-humano e a máquina, o que traz à tona um tema que deve ser debatido na contemporaneidade, gerando diversas questões relevantes não apenas para a produção cultural atual, mas também para a construção da identidade do sujeito que agora se movimenta em múltiplas realidades corpóreas.

Nesse contexto, destaca-se o mais recente fenômeno que é a rede social TikTok, popularizada entre os jovens em 2019 e que continua a crescer na sociedade brasileira, chegando à marca de 1 bilhão de usuários ativos em setembro de 2021, segundo notícias divulgadas por sites especializados. O caso TikTok é importante porque, ao confrontar o conceito de estética no pós-humano e suas reverberações sociais, na arte e na cultura em geral, podemos acompanhar as mudanças da cibercultura em tempo real, percebendo que as esferas online e offline já não se dissociam mais. Assim, é possível observar que o estado da arte evidencia uma lacuna de pesquisa especificamente no filão da questão que pretendemos tratar: a existência ou não de um acordo estético no pós-humano.

Embora existam diversos estudos sobre o corpo ciborgue e a ideia de "avatares" virtuais, poucas investigações abordam o corpo virtual não apenas como um mero avatar, mas como uma extensão corpórea que tangencia, para além do virtual, o Real do corpo. Dessa forma, acredita-se que este trabalho pode fomentar a discussão acerca do tema e trazer novas ramificações de pesquisa para essa problemática.

## 1.5 Metodologia

Com o intuito de analisar e compreender os rastros do pós-humanismo nas relações estéticas da produção audiovisual, esta pesquisa se propõe a utilizar uma metodologia de cunho bibliográfico, assim sendo, por meio da construção de um repertório intelectual embasado em teorias, busca-se identificar congruências e contrapontos acerca do tema.

Conforme os avanços no processo de investigação, serão selecionados recortes específicos para aprofundar a análise e corroborar as hipóteses apresentadas. Partindo daqui, faremos dois capítulos teóricos a fim de discutir os dois conceitos mestres da pesquisa, sendo o primeiro o pós-humano. Será traçado um percurso histórico do advento do termo, suas definições epistemológicas e conceituais, autores que o defenderam ou rejeitaram. O segundo conceito é o de estética, ou melhor, o resgate desse conceito uma vez que há um certo empobrecimento semântico da palavra e, para não restar dúvida de que conceito trataremos, no caso será o de Charles S. Peirce.

O terceiro capítulo será dedicado à observação e análise semiótica das primeiras aparições metafóricas do pós-humano em filmes do *ciberpunk*, como suporte precursor e antecipador de uma virada estética. Essa virada reflete os impactos da tecnologia e da cultura digital na sociedade contemporânea. Vale ressaltar a importância desse movimento antecipador, visto que obras como "Blade Runner" (1982) e "RoboCop" (1987), apresentam um mundo distópico e futurista, em que personagens humanos e ciborgues coexistem em ambientes urbanos caóticos e degradados.

A estética *ciberpunk* incorpora elementos como o neon, o chroma-key, o ciberespaço e a interface gráfica de computadores. Além disso, aborda temas como a alienação, a desumanização, a perda de identidade e a violência, que são implicações das transformações sociais, políticas e tecnológicas da sociedade contemporânea.

Os filmes escolhidos para recorte são Blade Runner, dirigido por Ridley Scott em 1982, ambientado em uma Los Angeles futurista e distópica, onde humanos e replicantes - seres sintéticos criados para trabalhar em colônias fora da Terra - convivem em uma sociedade dividida e violenta. O filme explora questões de identidade, memória, mortalidade e o que significa ser humano, tudo isso em meio a uma estética ciberpunk marcada pelo neon, pela chuva constante e pela arquitetura futurista.

Brazil, dirigido por Terry Gilliam em 1985, é uma sátira que mistura elementos de ficção científica e distopia para criticar a burocracia e o autoritarismo. O filme se passa em um futuro

sombrio e opressivo, em que a tecnologia e a vigilância são onipresentes e a individualidade é esmagada pelo Estado. A estética do filme é uma mistura de retrofuturismo e *steampunk*, com uma paleta de cores desbotadas e cenários claustrofóbicos.

Ex-Machina, dirigido por Alex Garland em 2014, é um filme que explora a relação entre humanos e inteligências artificiais em um futuro próximo. O protagonista Caleb é selecionado para testar um novo tipo de IA, Ava, que tem um corpo sintético e aparência humana. À medida que a interação entre os dois se desenvolve, Caleb começa a questionar a natureza da consciência e a ética por trás da criação de seres artificiais.

Outro filme analisado, será "Metrópolis", uma produção alemã de ficção científica dirigido por Fritz Lang e lançado em 1927. A história se passa em uma metrópole futurista, dividida em duas partes: a cidade dos ricos e a cidade subterrânea onde vivem os trabalhadores. Joh Fredersen é o poderoso líder da cidade e seu filho, Freder, leva uma vida privilegiada e despreocupada. No entanto, sua vida muda quando ele conhece Maria, uma ativista que luta pelos direitos dos trabalhadores. Ela apresenta a Freder a difícil realidade dos operários e a exploração a que são submetidos nas fábricas. Ele fica profundamente tocado e decide ajudar os trabalhadores a melhorar suas condições de vida. Enquanto isso, o cientista louco Rotwang, que tem um passado com Fredersen, cria um robô à imagem de Maria, com a intenção de semear o caos e destruir a harmonia entre as classes sociais.

A trama se desenrola com intriga, traição e reviravoltas, culminando em um confronto entre os diferentes personagens. "Metrópolis" é conhecida por sua direção artística inovadora e efeitos visuais, retratando uma visão futurista da sociedade, bem como por suas reflexões sobre a exploração da classe trabalhadora e as questões sociais da época. O filme é considerado uma obra-prima do cinema expressionista alemão e uma das produções mais influentes da história do cinema.

No quarto capítulo deste trabalho, nosso foco de estudo será direcionado aos filtros do TikTok. Nosso objetivo é entender suas funcionalidades, aplicações e impactos. A potência do imaginário estético contemporâneo encontra seus representantes e ícones na cultura das redes sociais. Como destacou Han (2019), no entanto, essa busca incessante pelo belo muitas vezes se esgota no gosto, carecendo de uma reflexão mais aprofundada sobre a estética que subjaz às produções visuais digitais pelo amplo uso dos filtros digitais nas redes sociais, em especial no TikTok, e pelo impacto que eles exercem na percepção e representação do rosto na era digital.

Busca-se compreender como e se tais filtros afetam diretamente a estética do pós-humano e como geram novas formas de expressão e comunicação em ambientes virtuais,

investigando as implicações estéticas e culturais da tecnologia digital na construção da identidade e da percepção do corpo humano na era pós-humana

Dessa forma, ao investigarmos os filtros do TikTok, buscamos compreender tanto as suas dimensões técnicas e funcionais quanto as suas implicações culturais e estéticas. Como essas ferramentas influenciam a percepção da beleza e a construção da imagem própria? Como afetam a nossa relação com o corpo e com o outro? Qual é o papel dos filtros no cenário da produção visual contemporânea? São essas algumas das perguntas que guiarão nossa reflexão neste aspecto aprofundando as reflexões de Peirce: "O admirável é o que nos atrai; é aquilo que é capaz de prender nossa atenção e despertar nossa curiosidade. A estética é uma das formas mais poderosas de alcançar essa admiração, pois ela nos permite contemplar e apreciar a beleza e a harmonia presentes no mundo ao nosso redor" (PEIRCE, 1955, p. 175 apud SANTAELLA 2000).

## 2. O PÓS-HUMANO

A evolução tecnológica vem causando transformações significativas na sociedade, o que tem levado a reflexões em diversas áreas do conhecimento para além da computação, como matemática, sociologia, antropologia, medicina, filosofia, artes etc. Nesse contexto, de percepção dos efeitos e legado da tecnologia no cotidiano, surge o conceito de pós-humano, que busca compreender as implicações dessas mudanças na existência humana. O conceito de pós-humano é uma possibilidade de repensar a relação do ser humano com a tecnologia e a ciência, e tem se tornado cada vez mais relevante em um mundo cada vez mais conectado e tecnológico. Neste capítulo, buscaremos apresentar um panorama do pós-humano, abordando seus principais conceitos, autores e implicações sociais e culturais.

Embora possamos facilmente pesquisar em um buscador na web, a designação do termo "pós-humano", o resultado na Wikipédia, por exemplo, fornece uma ideia inicial de "um conceito originário dos campos da ficção científica, futurologia, arte contemporânea e filosofia que significa uma pessoa ou entidade que existe em um estado para além do ser humano", e mesmo com os desdobramentos da página, ela não abrange toda a complexidade do tema. No entanto, ao realizar uma busca em diferentes dicionários, como Aurélio, Houaiss, Michaelis, Priberam, Oxford e Cambridge, até a data da pesquisa, ainda não foi possível encontrar uma definição clara e objetiva para o conceito.

Ao contrário de outros termos mais estabelecidos, como "humanidade" ou "animalidade", o pós-humano ainda é um conceito em construção, mesmo tendo suas discussões iniciadas na década de oitenta, que abrange uma ampla gama de perspectivas e abordagens, muitas vezes divergentes entre si. Assim sendo, a definição de "pós-humano" é altamente contingente e dependente do contexto, dos objetivos dos autores que empregam o termo e do âmbito no qual é utilizado. Por isso, essa definição pode variar significativamente, o que dificulta a tarefa de estabelecer uma definição clara e precisa. No entanto, é fundamental construir uma base conceitual sólida para compreendermos este fenômeno emergente. Vale destacar que, embora as modificações corporais provocadas pela tecnologia especialmente sejam uma das principais questões relacionadas ao pós-humano, é importante reconhecer o contexto histórico que remonta ao século XX, de modo que teremos de fornecer um ponto de partida relativo ao desenvolvimento científico dessa área.

Segundo Santaella (2003 p.181) certas descobertas científicas e avanços tecnológicos recentes têm levado muitos analistas a afirmar que as sociedades humanas estão entrando em

uma nova era. Isso pode ter impactos profundos na vida social e na identidade cultural, comparáveis aos efeitos da emergência da cultura urbana mercantil ou da revolução neolítica.

Ela ainda acrescenta:

No seio das reconstituições da vida social e cultural, uma questão candente, que tem ocupado a mente dos teóricos e a imaginação dos artistas, está voltada para as transformações pelas quais o corpo humano está passando e, segundo os prognósticos, ainda deverá passar. O corpo humano se tornou problemático e as inquietações sobre uma possível nova antropomorfia tem estado no centro dos questionamentos sobre o que é ser humano na entrada do século XXI. (2003, p.181).

Nesse trecho, a autora aponta para uma preocupação crescente ao observar na sociedade contemporânea as mudanças que estão ocorrendo no corpo humano. A esse corpo cada vez mais complexo e ambíguo, e com as possíveis implicações dessas transformações para a nossa concepção de humanidade, desafiando assim, nossas ideias tradicionais sobre o que é ser humano a partir da convencionalidade do corpo. Quando ela se refere a uma "possível nova antropomorfia", nos sugere a possibilidade de que a relação entre corpo e identidade esteja se transformando radicalmente, abrindo caminhos para a construção de identidades híbridas e multifacetadas.

Para construir uma narrativa que explore os pontos relacionados a este conceito, empregamos o Pentateuco como metáfora da dimensão simbólica e significativa da constituição humana por ter raízes profundas dentro da tradição judaico-cristã, além de ser um dos textos religiosos mais antigos e influentes pois moldou a cultura e a moralidade das sociedades e civilizações ao longo dos milênios. Através de suas histórias, leis e mandamentos, o Pentateuco distribuiu os alicerces para a compreensão das relações entre Deus, a humanidade e o mundo. Essa escolha visa instigar uma análise mais aprofundada sobre como a transformação do ser humano, mesmo em uma era marcada pela tecnologia e pelo avanço científico, as narrativas e os valores presentes no Pentateuco ainda ressoam nos debates contemporâneos sobre ética, moralidade, identidade e espiritualidade.

Essa metáfora também evoca a ideia de uma nova perspectiva para entender a relação entre o humano e o divino, que hoje é transformada na relação entre o corpo e a tecnologia. Assim como o Pentateuco representou um marco na história do povo de Israel, a reflexão sobre o pós-humanismo pode representar um momento crucial na história, na qual, somos desafiados a repensar nossas concepções tradicionais de ser humano, identidade e moralidade diante das possibilidades de transformação tecnológica.

## 2.1 Gêneses Pós-humano

Como e por que surgiu esse conceito de pós-humano? Antes de chegarmos aqui, há um caminho importante a ser marcado, principalmente quando se inicia a reflexão crítica sobre a modernidade e, com isso, a noção de humanismo é colocada em questionamento, o que aconteceu, em especial na França, a partir dos anos 1960, quando Jean-François Lyotard e Michel Foucault propuseram uma crítica à noção de progresso linear e ao idealismo da razão que fundamentavam a modernidade, apontando para a emergência de uma condição pós-moderna. O pós-modernismo questionou a ideia de um sujeito humano unificado, coerente e autônomo, e trouxe à tona a fragmentação e a heterogeneidade da experiência humana.

O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético informático e informacional. Nele expandem-se cada vez mais os estudos e as pesquisas sobre a linguagem, com o objetivo de conhecer a mecânica da sua produção e de estabelecer compatibilidades entre linguagem e máquina informática. Incrementam-se também os estudos sobre a “inteligência artificial” e o esforço sistemático no sentido de conhecer a estrutura e o funcionamento do cérebro bem como o mecanismo da vida. (LYOTARD, 1979 p.VII)

Nesse contexto, é possível observar uma prevalência de esforços científicos, tecnológicos e direcionados à informatização da sociedade. O avanço e a ampla adoção da tecnologia geraram questionamentos de grande proporção, e o impacto resultante dessas transformações na ciência e cultura é considerável. Além disso, as influências dessas mudanças na cultura se tornam cada vez mais evidentes à medida que o conhecimento e a busca por compreender tais transformações se expandem.

Lyotard argumenta em sua crítica no livro *A condição pós-moderna* (1979): "A pós-modernidade é caracterizada por uma crescente dificuldade em distinguir entre realidade e representação" ( p. xxiii). Isso significa que há uma crescente complexidade em distinguir o que é real e o que é apresentado de forma representativa ou simulada, uma vez que a pós-modernidade é marcada pelo uso de tecnologias de mídia que criam imagens, narrativas discursivas que muitas vezes confundem a percepção da realidade. Essa falta de clareza entre realidade e representação pode gerar um sentimento de desorientação, confusão e incerteza, características da condição pós-moderna.

As consequências do uso da tecnologia na sociedade e na própria condição humana já vinham sendo observadas, mas é na cultura pós-moderna que elas se instauram, por conta de diversas formas de linguagem e de expressão, além da crise das grandes narrativas e o declínio

da crença no progresso linear e na razão como guias da história, como já mencionado anteriormente, bem como por conta da transformação das relações de trabalho e a globalização da economia, com a emergência do neoliberalismo que ela finalmente se estabelece

Vale ressaltar que o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, foi talvez a corrente mais forte que fez com que mudássemos profundamente a forma como nos relacionamos com o mundo e entre nós mesmos, as transformações nos padrões de consumo e na cultura de massa, que levaram à fragmentação e diversificação das identidades e modos de vida e também o surgimento de novos movimentos sociais e culturais, que reivindicam o reconhecimento das diferenças e a valorização da diversidade. Todos esses elementos que poderiam ser analisados separadamente contribuíram para a crise do “humanismo”.

Michel Foucault, por sua vez, fez críticas à concepção de uma verdade objetiva e universal, afirmando que o conhecimento é sempre construído em um contexto histórico e cultural específico. Além disso, Foucault estava interessado em investigar como o poder é exercido nas sociedades, desafiando assim a ideia de que a modernidade é uma época de progresso linear em direção à emancipação humana. A ideia de que a existência humana possui um valor intrínseco e que o ser humano é o fundamento de toda a moralidade é uma invenção relativamente recente. (Foucault, 1985). Ele argumenta que a valorização da existência humana serve para justificar práticas como a punição e a medicalização, que são formas de controle social. De certo modo essa argumentação nasce em *As palavras e as coisas*, de 1969 uma obra que questiona as verdades universais e aponta para a construção social e cultural do conhecimento. Foucault mostra como a forma como vemos e entendemos o mundo é fruto de uma construção histórica e não de uma verdade essencial.

As Palavras e as Coisas (1969) propõem uma genealogia das ciências humanas e questiona as categorias fundamentais do pensamento ocidental, como a noção de homem e a relação entre linguagem e conhecimento. Além disso, em *Vigiar e Punir* (1975), Foucault analisa a história das práticas punitivas e mostra como a noção de sujeito autônomo e responsável pelos próprios atos é uma construção social e histórica.

Para tanto, no que diz respeito ao crescimento das tecnologias comunicacionais, a importância das pesquisas e reflexões pós-modernistas Santaella nos diz:

A proliferação midiática, provocada pelo surgimento de meios cujas mensagens tendem para a segmentação e diversificação, e a hibridização das mensagens, provocada pela mistura entre meios, foram sincrônicas aos acalorados debates dos anos 80 sobre a pós-modernidade. Por isso mesmo, em contraposição a alguns autores que consideram a pós-modernidade como a face

identificatória da cibercultura, tenho concebido as discussões sobre a pós-modernidade como sinais de alerta críticos para um período de mudanças profundas que se insinuavam no seio da cultura e que, naquele momento, anos 80, estavam sendo encubadas pela cultura das mídias e pelo hibridismo tanto nas artes quanto nos fenômenos comunicativos em geral que essa cultura propicia. (SANTAELLA, 2003 p. 16)

Certamente, a conceituação dos aspectos precursores do pós-humano é difícil devido às ambiguidades da natureza humana. Sobre isso, Santaella (2003) faz uma reflexão pertinente sobre interpretar os fenômenos:

Porém, quando se trata de interpretar fenômenos cuja complexidade nos desafia, a paciência do conceito é imprescindível. Isso não significa recusar o caráter congenitamente polissêmico dos nossos discursos, fruto da natureza complexa e contraditória tanto das nossas mentes, de um lado, quanto daquilo que chamamos de realidade, do outro. Justamente o contrário, porque sabemos que há uma imprecisão congênita em tudo que dizemos, nossos esforços, tanto de observação empírica quanto de clareza conceitual, devem se redobrar se pretendemos trazer alguma contribuição para a compreensão menos superficial da complexidade que nos rodeia. (SANTAELLA, 2003 P.15)

Essa condição é resultado de um processo histórico de desconstrução das grandes narrativas que buscavam explicar o mundo e a condição humana de maneira universal e objetiva. Nesse sentido, torna-se cada vez mais importante que nos tornemos questionadores das próprias condições de nossa existência, para rompermos com a dualidade entre mente e corpo que nos foi imposta e buscarmos novas formas de compreender a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor

O pós-humano se configura como uma nova forma de pensar a subjetividade e o corpo humano, que não está mais baseada na ideia de um sujeito autônomo e isolado do mundo, mas sim em uma perspectiva relacional e distribuída. Nesse sentido, o pós-humano se distancia do humanismo que marcou a modernidade, ao questionar a ideia de que o ser humano é uma entidade separada e superior às outras formas de vida e tecnologias. Assim, podemos dizer que o conceito de pós-humano nasce como uma continuação crítica do projeto moderno, que busca superar as limitações e as dicotomias que caracterizaram a ideia de humanismo, por meio de uma nova compreensão da subjetividade e da corporeidade em um mundo marcado pela tecnologia e pela interconexão.

## **2.2 O corpo em questão**

Antes mesmo do século XX, o imaginário em torno do corpo humano começou a se distorcer e se transformar, rompendo com concepções tradicionais. Por volta de 1900, houve uma revisão radical da ideia de corpo, tanto na literatura quanto nas artes. O corpo deixou de

ser visto apenas como um invólucro da alma e passou a ser valorizado em sua própria complexidade, vulnerabilidade e, especialmente, em sua capacidade de interagir com as novas tecnologias (SANTAELLA, 2003).

Os surgimento de expressões como "homo ortopedicus", essa especialmente, cunhada pelo crítico Roberto Longhi para descrever os manequins de Giorgio de Chirico. Nas primeiras décadas do século XX, as simbioses, atrofias e hipertrofias do corpo maquínico e do corpo em transformação passaram a ganhar destaque no imaginário das vanguardas modernistas, encontrando eco nos escritos de autores como Kafka e Beckett. ( SANTAELLA, 2003)

A obra paradigmática de Marcel Duchamp, especialmente em "Etant donné", apresenta o corpo como um invólucro vazio, uma casca sem interior, um molde oco, despido de carne, uma película, um engano. Essa visão do corpo como uma entidade desprovida de conteúdo interno reflete-se em diversas manifestações artísticas ao longo do século XX, inclusive na obra da brasileira Lygia Clark, que explorou a investigação do corpo vibrátil e a busca pela expressão de sua própria dor. (SANTAELLA,2003)

De fato, a origem vem nos estudos da cibernética e da biotecnologia, que permitiram a reconfiguração do corpo humano e, por isso, ele pode ser compreendido como a busca pelas transcendências dos limites desse corpo limitado pela natureza biológica do ser, desse modo fica evidente a transmutação das capacidades humanas por meio das tecnologias como a robótica, a inteligência artificial, a biotecnologia e nanotecnologia, cada vez mais sem limites entre ambos.

Santaella (2003) traça uma genealogia que nos servirá de base para as discussões no que diz respeito a essa nova forma do “corpo híbrido entre o orgânico e o maquínico e que culminaram na convicção de que o humano já está imerso em uma era pós-biológica, pós humana.” Ela inicia com o manifesto de Norbert Wiener (1948) que divide o Ocidente em quatro estágios: “a era mítica, golêmica; a era dos relógios (séculos XVII, XVIII); a era da máquina a vapor (fim do século XVIII e século XIX); por fim, a era da comunicação e do controle” e, a cada uma dessas eu origem a um tipo, modelado ou imaginado, de corpo. Wiener (apud Santaella 2003) afirma que:

havia chegado a era do modelo ao corpo como um sistema eletrônico. A cibernética propunha que o corpo e também a mente fossem concebidos como uma rede comunicacional cujas operações bem-sucedidas se baseavam na reprodução acurada dos sinais. Quer seja na matéria do metal, quer seja na da carne, o estudo dos autômatos, que se iniciava no final dos anos 40, era um ramo da engenharia das comunicações. (p.65)

O manifesto de Wiener é uma importante contribuição para o desenvolvimento da cibernética como disciplina, e sua influência pode ser vista em muitas áreas, incluindo a inteligência artificial, a robótica e a teoria dos sistemas onde tais estudos foram fundamentais para a compreensão do corpo pós-humano como híbrido entre o orgânico e o maquínico tanto que a influência disso é possível ver nos limiares das imagens do Ciborgue.

*Ciborgue* é um neologismo (cibernético + organismo) utilizado para designar os sistemas homem-máquina autorregulativos. Hallack defendeu que uma nova ponte estava se abrindo entre mente e matéria e o Ciborgue seria uma entidade reversível (SANTAELLA, 2003). Por mais que esse termo tenha se desgastado tanto na indústria cinematográfica quanto nos videogames, os ecos desse pensamento foram lançados por Dona Haraway, em seu famoso "Manifesto Cyborgue" de 1985, embora seja pautado em uma perspectiva feminista, onde se questionava a objetivação do corpo da mulher. Nesse texto ela propõe reflexões importantes sobre uma nova figura para a subjetividade humana. Ela define o ciborgue como "um híbrido de máquina e organismo, um ser vivo e não vivo, ao mesmo tempo" (HARAWAY, 1985, p. 149).

Haraway argumenta que a figura do ciborgue é uma resposta à fragmentação das identidades na sociedade contemporânea, e à necessidade de uma nova política que reconheça a complexidade e a diversidade do mundo atual. Para ela, a fusão entre tecnologia e corpo é uma forma de superar as oposições binárias que separam os seres humanos em categorias rígidas, como homem/mulher, natureza/cultura, humano/animal etc.. Nesse sentido, a autora defende que o cyborg é um ser "contra a natureza", que desafia as noções tradicionais de biologia e evolução. Para ela, "a natureza e a máquina se tornam uma só coisa na medida em que a tecnologia se torna parte da natureza, e a natureza se torna parte da tecnologia" (HARAWAY, 1991, p. 40).

Embora seja importante alertar para os riscos ao fundir-se tecnologia e corpo humano, é preciso compreender que a relação entre esses dois elementos não deve ser pautada pela dominação, mas sim pela reciprocidade. Nesse sentido, não se trata de uma postura tecnofóbica, mas sim de reconhecer a hibridez e a obsolescência do corpo humano.

A teoria do pós-humano nos mostra que já estamos imersos nessa convivência entre o maquínico e o orgânico, e é necessário superar as feridas narcísicas para enfrentar esse desafio de forma consciente e responsável. Vale destacar que Haraway defende que o ciborgue é um ser "contra a natureza", que desafia as noções tradicionais de biologia e evolução. Para ela, "a

natureza e a máquina se tornam uma só coisa na medida em que a tecnologia se torna parte da natureza, e a natureza se torna parte da tecnologia" (HARAWAY, 1991, p. 40).

Vale trazer a metáfora do Êxodo bíblico para este tópico, pois ela foi aqui pensada para tentar transmitir que a transição para uma era pós-humana não precisa ser vista como uma ruptura traumática com o passado, mas como uma oportunidade de transcender as limitações biológicas e expandir as possibilidades de vida. Assim como os hebreus deixaram para trás a escravidão no Egito e embarcaram em uma jornada em busca de liberdade e autonomia, a humanidade também pode deixar para trás as concepções obsoletas do corpo humano e empreender uma jornada em busca de uma nova forma de existência, mais ampla e integrada com a tecnologia. Assim como a própria Haraway defende

"O *cyborg* é nossa ontologia; ele define nossas ações políticas e nossas possibilidades de mudança. Um mundo pós-gênero não é necessariamente pós-colapso, pós-apocalíptico ou pós-histórico. O mundo é permeado por fronteiras transversais, pelas quais coalizões inesperadas são possíveis. Como os *cyborgs* sugam, é um mundo de vida e morte, mas não como conhecemos. O *ciborgue* é resolutamente anticêntrico. Ele não promete a inocência, nem nega a responsabilidade, ele é sempre um desvio para apropriações produtivas. Ele não se importa com a identidade, nem mesmo com sua própria. Ele é uma ilusão, uma miragem de unidade. Ele é inscrição e lugar de desejo. Ele é o ligeiro retraimento de olhos pós-modernos, em que as fontes de classe, raça, gênero são reescritas na tecnologia e se tornam parte de uma estratégia transversal para ver e conhecer. O *ciborgue* é um mito de esperança de um mundo sem essências fixas, sem frente e sem trás, sem nós e sem eles. É um mundo que pode ser em qualquer lugar, desde que possua a capacidade de se reconectar em qualquer outro lugar. Como a realidade econômica global, é um mito encarnado que simultaneamente incorpora e desafia a dualidade" (Haraway, 1991, p. 180).

Portanto, o pós-humano se caracteriza pela simbiose entre o humano e a tecnologia, em que a separação entre os dois é tênue, por vezes, invisíveis. Isso pode gerar uma nova visão de mundo, em que as fronteiras entre o natural e o artificial se confundem, e as definições de humano e não humano se tornam menos claras e, por conta disso, é importante entender as mudanças que estão ocorrendo na nossa sociedade, e refletir sobre os seus impactos na nossa forma de vida e na nossa relação com o mundo.

### **2.3 Levítico Pós-Humano**

Como poderemos tratar as leis que operam em nosso corpo se hoje ele estaria inacabado? É inevitável que o corpo biologicamente pereça e envelheça, há uma lei natural sobre o ciclo vital dos indivíduos. Santaella (2004) nos diz

Há, em primeiro lugar, um invólucro da pele, dentro do qual se aninha um aparato físico-fisiológico, uma espécie de caixa semifechada de carne, sangue, ossos, músculos, nervos, órgãos. Esse é o real do corpo, o corpo que o humano

compartilha com o animal, um corpo que sofre vicissitudes do tempo, sobrevive, sente dor, adoeece, envelhece, morre (p.144)

Seguindo essa linha de pensamento, a obsolescência do corpo traz uma nova lei na qual há de algum modo a ruptura com a ideia de que tínhamos acerca dele. Se, em algum momento, o que havia era a proeminência da palavra, agora podemos destacar a proeminência do corpo embora Santaella (2004) advirta que ele não deve se tornar um fetiche da cultura. Observa-se que, de alguma maneira, a sociedade valoriza e idolatra a aparência física, muitas vezes de forma exagerada e superficial. Nesse contexto, o corpo humano é objeto de desejo, idealização e consumo, tornando-se um elemento central na cultura contemporânea.

Talvez a advertência justamente apareça por conta da regulação máxima da finitude desse corpo, que clama por vida, isso porque o corpo em si, a autora chamou de corpo biocibernético, levando em conta que o termo pós-humano extrapola a mera caracterização dos corpos, embora tenha começado pela evidência de suas transformações. Ela complementa:

o pós-humano significaria a superação das fragilidades e vulnerabilidades de nossa condição humana, sobretudo do nosso destino para o envelhecimento e a morte. Tal superação seria atingida pela substituição de nossa natureza biológica porque uma outra natureza artificialmente parodiada que não sofreria as limitações e constrangimento de nosso ser orgânico, hoje obsoleto. (SANTAELLA 2004 p.55)

Aceitar, de fato, as possibilidades de busca por uma nova concepção corpórea está relacionada à compreensão de que o corpo é maleável e pode ser moldado de acordo com as necessidades e desejos individuais e também coletivos, que perpassam as diferentes culturas e, por conseguinte, ancorados em suas próprias crenças, rituais e práticas relacionadas ao corpo, que podem incluir modificações corporais, tatuagens, piercings, entre outros e por isso refletem a relação complexa entre o corpo, a identidade cultural e a expressão individual.

Se atualmente estamos diante da imersão de uma cultura digital na qual a tecnologia se estabelece como fator crucial das relações, o corpo também aparece seguramente nesse contexto que tenta acompanhar a velocidade com que a sociedade contemporânea absorve em suas próprias descobertas científicas e tecnológicas. Assim sendo, a percepção do corpo como uma estrutura em constante transformação que vão desde os avanços médicos, a genética, a inteligência artificial a outras inovações potentes em redefinir suas capacidades e limitações, abrindo caminho para possibilidades antes consideradas inimagináveis. (Bruno, 99 apud Santaella 2004) aponta:

o que as novas tecnologias colocam em movimento, o que elas transformam são as "fronteiras do humano". Essa

transformação se revela sob vários pontos de vista: os limites que definem o que é propriamente humano e o que os diferencia dos não humanos (natureza/artifício, orgânico/inorgânico); "os limites que o habitam e o constituem (matéria/espírito) e os limites que diferenciam a experiência imediata e suportada por sua corporeidade biológica, natural e territorial e a experiência mediada por artefatos tecnológicos (presença/ ausência, real/simulacro, próximo/longínquo)". (p.55

Portanto, ao considerarmos o pós-humano dentro de um movimento que busca a superação das limitações humanas por meio de tecnologias e modificações corporais, podemos perceber uma tensão entre a preservação da natureza orgânica do corpo e a possibilidade de transformação e evolução proposta pelo conceito. De fato, questionar a noção tradicional de corpo como uma entidade biológica e estável, propõe à sociedade enfrentar as potências oferecidas pelas tecnologias emergentes e o acesso a procedimentos médicos avançados, implicando, ao mesmo tempo, reconhecer a finitude imposta.

Uma questão importante a ser colocada é a de que os procedimentos médicos e as modificações não estão apenas na ordem da superfície corpórea. Santaella (2003) nos diz que a tecnologia está penetrando na própria essência molecular do vivo. Com isso os remédios ingeridos, as modificações que penetram no corpo a fim de estimular, potencializar e transformar nos apontam para uma reconstrução não apenas biológica, mas também subjetiva. Sob esse aspecto, a psicanálise entende a formação de um sujeito desejante por meio de um aparelho psíquico, que neste caso parece indicar que a morada do imaginário se encontra em erupção

Desafiar assim a visão de um corpo limitado por sua condição biológica natural e, por isso, a crise do corpo como entidade orgânica nos convoca a repensar e reconstruir nossa compreensão da corporeidade frente ao desejo pulsional de modificá-lo, evocando assim o real do corpo, mas um real idealizado, navegando pelas transformações trazidas pelas tecnologias e enfrentando as questões éticas e existenciais que surgem nesse contexto de transição e evolução.

De outro lado e como fruto dessas transformações, surge a hipervalorização do corpo que pode ser observada em diversos aspectos da sociedade, como na mídia, na publicidade, nas redes sociais e na indústria da moda e do entretenimento. Existe uma pressão para que as pessoas atendam a certos padrões de beleza e estética, o que pode levar a uma busca constante pela aparência perfeita e à adoção de práticas extremas para alcançar esses padrões.

Por conseguinte, essa obsessão pelo corpo que o converte em fetiche produz efeitos negativos, como a promoção da imagem corporal irrealista, a criação de expectativas

inatingíveis e contribuição para problemas de saúde mental, como baixa autoestima, distúrbios alimentares e insatisfação corporal, frutos da conversão do corpo em fetiche da cultura. Isso não é uma condição natural ou intrínseca, mas sim uma construção social e cultural. Ela reflete as normas, os valores e as influências da sociedade em relação ao corpo e à aparência. Para uma compreensão mais crítica e saudável do corpo, é necessário questionar esses padrões, respeitar a diversidade e promover uma relação mais equilibrada e respeitosa com o corpo humano.

Em contraposição, se nos voltarmos ao livro de Levítico, no capítulo 19, versículo 28, encontramos a seguinte lei: "Não fareis lacerações na vossa carne pelos mortos, nem fareis tatuagem em vós mesmos. Eu sou o Senhor." (Levítico 19:28, NVI). Essa proibição de fazer cortes no corpo e de fazer tatuagens pode ser interpretada como uma forma de preservar a integridade e a sacralidade do corpo humano, como uma reverência à vida e à criação divina. Ora, poderia também advertir não procurar saber o que está escondido, ou, como os órgãos são organizados para dar vida à matéria sublime do corpo humano. Nesse mesmo trecho, há a advertência sobre fazer tatuagens. Se seguissemos o toré e a ideia teocêntrica, talvez nenhum avanço tecnológico na medicina teria sido concebido, e não deixaríamos na pele tanto simbolismo psíquico que enriquecesse tanto os tatuadores.

#### **2.4 Números Pós-humano.**

No livro de Números, encontramos narrativas que envolvem a contagem e organização do povo de Israel, bem como leis e normas que regem a vida comunitária. Esses relatos destacam a importância da identidade coletiva, das genealogias e das responsabilidades individuais dentro da comunidade. Há uma ênfase na preservação da identidade étnica e religiosa, com a demarcação de fronteiras, rituais de purificação e regras de conduta.

Ao relacionar essa temática com o pós-humano, podemos considerar como a discussão contemporânea sobre a identidade se expandiu para além das categorias tradicionais de gênero, raça, etnia e religião. O pós-humano levanta questões sobre a construção e desconstrução das identidades, o papel da tecnologia na formação da subjetividade e as possibilidades de reconfiguração e hibridização do eu. No contexto do pós-humano, a noção de identidade torna-se mais fluida e mutável, permitindo a exploração de diferentes formas de ser e existir. Isso inclui a possibilidade de modificação e aprimoramento do corpo por meio de tecnologias, como implantes cibernéticos, próteses avançadas, realidade virtual ou até mesmo a fusão de elementos biológicos e tecnológicos. O pós-humano nos convida a repensar o significado e a expressão da

identidade, abrindo espaço para a diversidade, a multiplicidade e a transformação contínua da subjetividade humana.

Paula Sibilia (2011) nos diz que a transformação da subjetividade na sociedade contemporânea especialmente em relação à noção de interioridade, que antes era central para a construção da identidade individual, está perdendo importância. Em vez disso, há um deslocamento do foco da construção do sujeito da alma invisível e subterrânea para o corpo e sua imagem visível.

Essa mudança implica que as pessoas estão cada vez mais construindo suas identidades com base em elementos externos, como a aparência física, a imagem nas redes sociais e a relação com o corpo enquanto objeto de transformação e exposição. Sibilia (2008) argumenta que, nesse contexto, a imagem corporal e sua representação ganham relevância na formação da identidade pessoal, substituindo, em certa medida, a importância atribuída à interioridade e à subjetividade interna.

Vale ressaltar que Sibilia (2008) ainda nos alerta para a tirania do *upgrade*, na qual a antiga configuração biológica do homem torna-se "obsoleta" e o artifício aparece como o remédio para superar todas as insuficiências do orgânico. Essa ideia de um corpo superado pode aparecer de diversas formas na arte, como é evidenciado pelo artista Stelarc em suas projeções sobre a incorporação de próteses tecnológicas. Assim, observamos uma tensão entre as normas estabelecidas pela tradição religiosa e as possibilidades de transformação e reconfiguração do corpo humano no contexto do pós-humano.

Essa obsolescência foi muito trabalhada pelos artistas, talvez pela sua sensibilidade ou por observarem atentamente as transformações e limiares. Santaella nos diz:

Por isso, considero que, iniciada há mais de um século, a intensificação crescente do tratamento do corpo em todos os campos da arte veio sedimentando o terreno para aquilo que chamo de artes do corpo biocibernético, como manifestação mais recente das artes que fazem uso das tecnologias responsáveis pelas transmutações do corpo. (SANTAELLA, 2004 p. 67)

Contudo, é de extrema importância examinar o impacto das mídias, das tecnologias digitais e das práticas culturais contemporâneas na construção da identidade individual e na forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Nesse contexto, é crucial compreender as implicações dessas transformações no âmbito das novas mídias emergentes, advindas da era pós-digital, considerando também a perspectiva do pós-humano. Essas novas

mídias não apenas refletem, mas também moldam as nossas percepções, valores e comportamentos, possibilitando a exploração de diferentes identidades e narrativas. Um exemplo atual bastante marcante é o TikTok, um espaço onde a criatividade e a autorrepresentação são estimuladas, permitindo aos usuários experimentarem novas formas de ser e se expressar. Em função disso, como se verá no decorrer deste trabalho, escolhemos esse aplicativo como exemplar do modo como as próprias tecnologias introjetaram as mutações corporais como um jogo leviano e naturalizador.

Nesse cenário, as transformações corporais se estendem de modos inesperados na era pós-digital. Essas transformações vão além do campo das artes e se estendem à cultura como um todo. Desde modificações simples, como a mudança de cor de cabelo, até intervenções mais invasivas, como cirurgias plásticas e implantes tecnológicos, o corpo humano é constantemente submetido a reconfigurações em busca de uma imagem idealizada e alinhada aos padrões contemporâneos. Como Sibila aponta sobre uma alquimia tecnocientífica contemporânea, o indivíduo pós-biológico seria capaz de transcender as restrições impostas pela sua natureza orgânica, tanto em termos de espaço quanto de tempo (Sibila, 2002, p. 14).

No entanto, essa busca incessante pela modificação e aprimoramento do corpo também nos remete à reflexão sobre os limites e as consequências éticas envolvidas. O surgimento do pós-humano, com a possibilidade de transcender as limitações biológicas através de avanços científicos e tecnológicos, levanta questões profundas sobre identidade, subjetividade e os valores que fundamentam nossa compreensão do que é ser humano.

Por isso, levamos em conta que, ao analisar o contexto das novas mídias, como o TikTok, é fundamental explorar não apenas as oportunidades de expressão e autodeterminação, mas também as implicações do pós-humano e os dilemas éticos e estéticos que surgem nesse cenário. Essa reflexão crítica nos permite compreender as interações complexas entre tecnologia, cultura, corpo e subjetividade, lançando luz sobre os desafios e as possibilidades que emergem nessa era de transformação acelerada.

Em suma, os escritos sobre o tema buscam evidenciar o papel desempenhado pela transformação tecnológica do corpo na emergência do pós-humano, levando em consideração também o impacto nas esferas do desejo e do estado do espelho do sujeito. A interação cada vez mais íntima entre o corpo e as tecnologias digitais desafia as concepções tradicionais de desejo, afetando diretamente a forma como nós percebemos e nos relacionamos com nosso próprio reflexo. Nesse contexto, a experiência do estado do espelho, teorizada por Jacques Lacan, ganha novas dimensões, uma vez que a imagem corporal é influenciada e mediada pelas tecnologias

digitais. Essa transformação não se restringe apenas à aparência física, mas também permeia as dinâmicas subjetivas, afetivas e sexuais, impactando a construção da identidade e a vivência do desejo. Diante dessas mudanças, as certezas ontológicas e metafísicas que sustentaram concepções humanistas no passado se encontram em constante revisão, demandando uma análise crítica e reflexiva para compreendermos as complexidades do pós-humano.

## **2.5 Deuteronômio do pós-humano**

O livro do Deuteronômio é a última parte do Pentateuco e desempenha um papel fundamental na construção da identidade religiosa e moral do povo de Israel. Ele contém os discursos de Moisés, nos quais são relembrados os mandamentos, leis e princípios dados por Deus ao povo. O Deuteronômio reforça a importância da obediência a Deus e da manutenção da aliança com Ele.

Ao relacionar essa perspectiva com a reflexão sobre os limites do corpo, podemos interpretar o Deuteronômio como uma advertência. Assim como os mandamentos e leis servem como guias para a vida do povo de Israel, essa metáfora nos alerta sobre a necessidade de refletir sobre os limites inerentes ao corpo humano. Podemos enxergar a importância de compreendermos nossos limites físicos e emocionais, buscando um equilíbrio entre a transformação e a preservação de nossa essência.

Essa reflexão nos convida a questionar até onde podemos ir em nossas aspirações de modificação e aprimoramento do corpo, considerando os princípios éticos e morais que regem nossas vidas. Ao nos inspirarmos na importância dos mandamentos no Deuteronômio, somos encorajados a ponderar sobre os limites e a responsabilidade inerentes ao avanço tecnológico e às modificações corporais.

Diante desse contexto perturbador, que tantas interrogações tem suscitado, não é nada surpreendente que o corpo e tudo aquilo que vem com ele, sensibilidade, percepção, mente, cognição e consciência tenham se tornado um dos grandes temas e o grande foco, representação, objeto performático e objeto simulado das artes. De umas décadas para cá, o corpo transfigurado foi se tornando, implícita ou explicitamente, o ponto de convergência das artes, desde as artes artesanais, performáticas, instalações, até as artes que se utilizam das tecnologias digitais para explorar a desfronteirização do corpo físico, sensorial, psíquico, cognitivo. (SANTELLA, 2003 p.274)

A citação de Santella (2003) enfatiza o papel central que o corpo tem desempenhado na produção artística contemporânea. O corpo, em suas múltiplas manifestações e transformações,

torna-se tanto o objeto performático quanto o objeto simulado das artes. Essa ênfase nas representações do corpo reflete a urgência de explorar e questionar os conceitos tradicionais de corporeidade, abrindo espaço para novas formas de expressão e reflexão.

Nesse contexto, as artes desafiam as fronteiras estabelecidas, explorando as possibilidades de reconfiguração e desmaterialização do corpo por meio de técnicas artesanais, performances ao vivo, instalações imersivas e experimentações com as tecnologias digitais. O objetivo é transcender as limitações do corpo orgânico, ampliando as experiências sensoriais, emocionais e cognitivas.

Santaella(2003) nos convida a refletir sobre o papel do corpo na arte contemporânea e a reconhecer como ele se tornou um meio privilegiado para expressar e questionar as transformações e os desafios do mundo contemporâneo. O corpo transfigurado, explorado e representado pelas artes, revela uma busca incessante pela compreensão das potencialidades e limitações da condição humana, impulsionando-nos a repensar nossas concepções e perspectivas sobre o corpo, a identidade e o significado da existência.

Mas o que ocorre quando essas transformações escapam da arte e se instauram na cultura? Um dos maiores desafios, nesse caso, reside em perceber que isso está realmente ocorrendo, especialmente entre os jovens. Sabiamente Santaella (2003) complementa que a problematização do corpo não é, portanto, privilégio da arte tecnológica. Sua intensificação cresceu até abraçar toda a cultura, mas a arte foi, de fato, uma antecipação que previu e preparou o terreno para o corpo biocibernético.

Enfrentar a ideia de um novo paradigma provoca, inevitavelmente, desconfiança e incerteza. É compreensível que nos deparemos com questionamentos e hesitações diante dessa transformação radical. No entanto, é importante reconhecer que esse conceito de pós-humano emergiu e buscou se estabelecer como uma nova forma de compreender e vivenciar a condição humana. É importante lembrar que o estabelecimento desses "mandamentos" é um processo contínuo, sujeito a revisões e adaptações à medida que a compreensão do pós-humanismo evolui. Essa reflexão metafórica sobre os princípios orientadores pode nos ajudar a navegar nesse território desconhecido, promovendo a discussão, o questionamento e o diálogo em busca de uma ética pós-humana sólida e fundamentada.

Além disso, é importante reconhecer que a busca por uma nova forma de existência pós-humana pode desencadear uma ferida narcísica na própria cultura. A medida em que nos confrontamos com a possibilidade de transcender as limitações e transformar nossa identidade,

podemos experimentar uma sensação de perda ou fragmentação, questionando nossa própria essência e autoimagem.

Os princípios do pós-humano apresentados anteriormente podem ser estabelecidos na forma de 10 mandamentos do pós-humano como uma maneira de fornecer diretrizes e orientações éticas para as transmutações corporais pelas quais o humano está passando. Alguns mandamentos são éticos, outros nem tanto, outros ainda estão longe disso. Vale como um mero exercício para aguçar o julgamento do leitor:

#### Possíveis Mandamentos do Pós-Humano

1. Não te limitarás às restrições impostas pela tua natureza orgânica.
2. Utilizarás a tecnologia como ferramenta para transcender as limitações humanas.
3. Adaptarás teu corpo às possibilidades oferecidas pelas inovações tecnológicas.
4. Aceitarás a desconstrução das noções tradicionais de sujeito, subjetividade e identidade.
5. Explorarás o potencial da alquimia tecnocientífica contemporânea.
6. Buscarás a reconfiguração do corpo como um caminho para a expansão de possibilidades.
7. Abraçarás a transformação tecnológica como parte fundamental da construção do pós-humano.
8. Questionarás as certezas ontológicas e metafísicas ligadas às concepções humanistas.
9. Reconhecerás a intimidade e o desejo como elementos fundamentais na relação com a tecnologia.
10. Utilizarás as redes sociais e dispositivos móveis de forma consciente, mantendo um equilíbrio saudável entre o mundo digital e o mundo real.

### 3 A ESTÉTICA DE ONTEM A HOJE

O fio condutor deste trabalho caminha para a busca dos efeitos que preferimos chamar de rastros que o pós-humano vai deixando na produção estética contemporânea, no nosso caso, especificamente no audiovisual. Seria leviano falar da estética sem passar em revista o entendimento que temos desse complexo conceito. Assim, o primeiro grande desafio deste capítulo consiste em esclarecer a definição de estética.

#### 3.1 Definir estética

Devido à sua natureza complexa e multifacetada, a estética abrange uma ampla gama de conceitos relacionados à percepção sensorial, apreciação da beleza, julgamentos de gosto, experiências estéticas e interpretações subjetivas. Além disso, a estética está presente em várias áreas do conhecimento, como filosofia, arte, design, literatura, entre outras, o que pode levar a diferentes abordagens e perspectivas na definição do termo.

A estética também é influenciada por fatores culturais, históricos e individuais, o que torna difícil estabelecer uma definição universalmente aceita. O conceito de estética evolui ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas tendências artísticas, nas percepções sociais da beleza e nas transformações culturais. Com o passar dos anos, é possível observar um certo empobrecimento semântico da palavra "estética". Esse fenômeno ocorre quando o uso generalizado da palavra em diferentes contextos leva a uma redução do seu significado original e à diluição de sua conceituação precisa.

Inicialmente, o termo "estética" estava intimamente ligado à filosofia e à teoria da arte, envolvendo a reflexão sobre a percepção do belo, os princípios do gosto e a apreciação estética. No entanto, ao longo do tempo, a palavra "estética" começou a ser utilizada de maneira mais ampla e abrangente, muitas vezes fora do seu contexto original.

Atualmente, é comum ouvir a palavra "estética" sendo associada exclusivamente ao campo da aparência física, especialmente relacionada a tratamentos estéticos, procedimentos cosméticos e cuidados com a beleza. Esse uso restrito e superficial do termo pode ter contribuído para um empobrecimento semântico, pois reduz a riqueza e complexidade da estética como campo de estudo multidisciplinar, porém não invalida as diferentes aplicações e abordagens da estética, mas ressalta a necessidade de um entendimento mais amplo e contextualizado do termo. Ao considerar a estética em sua totalidade, podemos explorar sua

relação com a arte, a cultura, a percepção sensorial e as experiências estéticas em diversos campos, em vez de limitá-la apenas a questões superficiais relacionadas à aparência física.

A estética também é influenciada por fatores culturais, históricos e individuais, o que torna difícil estabelecer uma definição universalmente aceita. O conceito de estética evoluiu ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas tendências artísticas, nas percepções sociais da beleza e nas transformações culturais. Além disso, a estética é muitas vezes subjetiva, pois cada indivíduo tem suas próprias preferências e interpretações estéticas. O que é considerado bonito, significativo ou emocionalmente impactante pode variar de pessoa para pessoa.

A complexidade e subjetividade inerente ao estudo desse campo colocou-o frente a diversos cenários onde os estudiosos e teóricos o têm abordado de várias maneiras e proposto diferentes definições ao longo da história. Essas definições podem enfatizar diferentes aspectos, como a relação entre forma e conteúdo, o papel da percepção sensorial ou as emoções despertadas pela experiência estética e alguns serão apontados no decorrer desse capítulo,

Começemos pela etimologia que é o estudo da origem das palavras, ou seja, sua história e evolução ao longo do tempo. Ela busca investigar as raízes e as mudanças ocorridas nas palavras ao longo dos séculos, muitas vezes analisando sua derivação a partir de outras línguas ou formas antigas de uma língua em particular. A etimologia procura compreender como as palavras adquiriram seus significados atuais com base em suas origens históricas. Em resumo, a terminologia se concentra na definição precisa dos termos utilizados em um campo específico, enquanto a etimologia se dedica a investigar a origem e a evolução das palavras ao longo do tempo.

O termo estética deriva do grego antigo *alontikn (aisthesis)*, que originalmente significa "sentir". A raiz grega *aisth*, presente no verbo *aisthanomai*, se refere ao ato de "sentir". É importante compreender o significado de "sentir" na sua origem grega, que está relacionado à percepção sensorial. Em outras palavras, está ligado a uma resposta ou a um conjunto de reações que são desencadeadas pela estimulação dos nossos sentidos. (SANTAELLA, 2019b)

No livro *Estética: de Platão a Peirce*, Lucia Santaella (2000), é apresentada uma visão ampla e acessível da história e das correntes teóricas da estética ocidental, evidenciando como as ideias estéticas evoluíram ao longo do tempo e influenciaram a cultura e a arte em diferentes épocas. Essa obra nos servirá de base para compreendermos as reverberações desse campo no decorrer do tempo. Com isso, apoiando no percurso histórico das preocupações estéticas inicialmente encontramos Platão, que entende que a estética não era um campo de estudo

distinto ou uma disciplina específica, como é entendida nos tempos modernos. No entanto, em seus diálogos filosóficos, o filósofo grego abordou questões relacionadas à beleza, arte e apreciação estética. (SANTAELLA, 2000).

Ele via a arte e a beleza como manifestações do mundo sensível e transitório, em contraste com o mundo das Ideias, que era considerado o reino do verdadeiro conhecimento e da realidade absoluta. Para ele, as formas artísticas eram imitações ou cópias das formas ideais, e a beleza que elas representavam era apenas um reflexo imperfeito da beleza eterna encontrada nas Ideias.

Existe uma leitura padronizada e simplificadora da teoria platônica que a reduz a oposições binárias muito nítidas e despidas de ambiguidade. Assim sendo, de sua concepção da realidade verdadeira como um universo abstrato e ideal de formas e idéias deriva a concepção da realidade ou aparência sensível como imitação (mimese) ou cópia imperfeita do ideal. A orientação eminentemente visual de seu entendimento da arte, que restringia suas formas de realização basicamente à pintura e escultura, o levou a conceber a arte como imitação da imitação, quer dizer, aparência de segunda ordem e, conseqüentemente, duplamente afastada do ideal e da verdade. (SANTAELLA,2000, p.26)

Platão valorizava mais a filosofia e a contemplação racional como meios de acesso ao conhecimento verdadeiro e à compreensão das Ideias. Ele via a beleza como uma qualidade transcendente e intrinsecamente ligada à verdade e à moralidade; ele acreditava que a verdadeira beleza não podia ser encontrada nas aparências sensíveis, mas sim nas Ideias eternas e perfeitas, assim sendo a apreciação estética era subordinada ao conceito amplo sobre a natureza do conhecimento, da realidade e a busca da verdade.

Aristóteles tinha uma abordagem diferente em relação à estética em comparação a Platão. Enquanto Platão enfatizava a transcendência das formas perfeitas e a separação entre o mundo sensível e o mundo das ideias, Aristóteles estava mais preocupado com a imitação da natureza e com a experiência estética concreta, nesse sentido ele via a arte como uma forma de imitação da natureza. Ele acreditava que a arte tinha a capacidade de capturar a essência das coisas e recriar a realidade de maneira mais significativa e com isso as manifestações artísticas como a poesia, o teatro e dentre outras o poder de evocar emoções e proporcionar catarse ao público. Ele discutiu o conceito de "mimesis" (imitação) como parte integrante da arte enquanto esta consistia em imitar a realidade de forma criativa, não apenas copiando a aparência externa das coisas, mas também expressando a essência e a finalidade das mesmas.

Portanto, para Aristóteles, a estética estava relacionada à imitação da natureza, à capacidade da arte de evocar emoções e à importância da experiência estética como uma forma de catarse e purificação emocional. Suas ideias influenciaram o desenvolvimento posterior da

teoria estética e da crítica de arte. Santaella (ibid., p. 31) exemplifica sabiamente as distinções entre os dois pensadores

O exemplo mais claro da distinção radical, na compreensão da mimese, que separa Aristóteles de Platão está na consideração aristotélica da música como a mais mimética de todas as artes. Uma vez que a música não tem poderes para copiar a aparência do mundo exterior, fica aí claro o conceito de mimese como construção representativa que não está voltada para um objeto ou aparência, mas, para a apresentação de uma forma reveladora, no caso da música, a forma emocional dos sentimentos humanos. (p.31)

As estéticas filosóficas representam um marco significativo no desenvolvimento das teorias do belo. Essas correntes de pensamento têm explorado a natureza da beleza de diferentes maneiras ao longo da história, transitando desde a centralidade no objeto estético até a crescente importância atribuída ao sujeito receptor. Além disso, observa-se uma descentralização da preocupação exclusiva com a produção do belo, manifestada em distintas vertentes da estética e examinando a complexidade de tais experiências, considerando tanto os elementos objetivos presentes na obra de arte quanto a interação subjetiva do espectador. Essa mudança de foco ressalta a importância das percepções individuais, das emoções e dos contextos culturais na apreciação do belo.

Vale ressaltar que a escultura de corpos na Grécia Antiga tinha uma série de propósitos e significados. Os gregos acreditavam que o corpo humano era uma representação da perfeição e da harmonia divina, e a escultura era uma forma de expressar essas qualidades ideais. A escultura de corpos era uma manifestação artística que celebrava a beleza física e a forma humana. Os artistas gregos procuravam representar o corpo em sua forma mais equilibrada e esteticamente agradável, com proporções harmoniosas e detalhes realistas. Isso refletia o ideal grego de equilíbrio, ordem e simetria.

Além disso, a escultura de corpos na Grécia Antiga também tinha um significado religioso e mitológico. Muitas esculturas retratavam deuses, semideuses e heróis mitológicos, enfatizando sua força, perfeição física e divindade. Essas representações eram usadas como objetos de adoração e reverência, bem como para transmitir narrativas mitológicas. Outro motivo para a escultura de corpos era o valor social e político atribuído ao corpo na cultura grega. Os atletas gregos, por exemplo, eram considerados heróis e símbolos de excelência física. As estátuas de atletas, especialmente nas competições olímpicas, destacavam a importância do corpo atlético e eram exibidas como troféus de prestígio.

Um exemplo famoso de escultura de corpo na Grécia Antiga é a estátua (também conhecida como "O Lançador de Lança") criada pelo escultor grego Policleto no século V a.C.

A estátua representava um atleta grego em posição de descanso, segurando uma lança. "Doryphoros" é um exemplo clássico da representação idealizada do corpo humano na arte grega. A escultura exhibe proporções precisas, simetria e harmonia em seus detalhes anatômicos. O escultor Policleto desenvolveu uma teoria de proporções ideais conhecida como "cânone", que buscava retratar a perfeição estética do corpo humano.

Portanto, "Doryphoros" personifica a idealização da força, beleza física e atletismo que eram valorizados na sociedade grega. Ela exemplifica a crença de que o corpo humano era uma manifestação da perfeição divina e uma expressão do ideal estético, além disso ele retrata o corpo humano de forma realista, mas também transmite um senso de movimento e equilíbrio, com uma postura natural e musculatura bem definida. Essa escultura se tornou um modelo influente para outras obras de arte subsequentes e representa a ênfase da arte grega na representação da forma humana idealizada.

Em uma síntese mais abrangente, é possível afirmar que as estéticas filosóficas do Ocidente percorreram, pelo menos, três fases distintas e bem definidas. (SANTAELLA, 1994) A primeira fase abrange o surgimento das teorias do belo e da criação artística nas obras de Platão e Aristóteles, que, apesar de suas particularidades específicas, tiveram uma influência duradoura e significativa.

A segunda fase corresponde ao período do Renascimento, marcado por uma redescoberta da estética clássica e uma valorização da expressão individual e da representação artística realista, em alguma medida é o momento de redescoberta do legado artístico clássico, foi um período em que a beleza ressurgiu como objeto de admiração e inspiração. Nesse contexto, Eco (2004) diz: "O Renascimento trouxe consigo uma fervorosa busca pela beleza, refletida na valorização da harmonia, proporção e realismo na arte, além da influência dos avanços científicos na concepção estética."

A cultura altamente religiosa e teocêntrica do período medieval deu lugar a uma cultura predominantemente secular durante o Renascimento, em que o foco central deixou de ser Deus e passou a ser o próprio ser humano. A concepção de um mundo centrado no ser humano implicou uma mudança na percepção do mundo e do papel do indivíduo na sociedade.

Essa transição para uma cultura laica e antropocêntrica teve importantes implicações para a estética renascentista quando os artistas se dedicaram a representar o corpo humano de maneira detalhada e precisa, celebrando a figura humana como objeto de admiração estética. A valorização do ser humano como centro de significado e agência contribuiu para uma

redefinição das relações entre indivíduos, sociedade e conhecimento, moldando o curso da história e da cultura ocidental.

Os artistas renascentistas, em contraste com a abordagem grega, não se restringiram meramente à busca pela representação da perfeição. Em vez disso, eles conferiram cor, forma e construíram grandes narrativas em suas obras. Essa ampliação estética pode ser interpretada como uma resposta à sombria atmosfera da arte medieval, visando estabelecer o belo como um conceito central na ciência estética, como Santaella (2019, p.114) esclarece: “reencarnação dos valores greco-romanos, o que reconduziu **o ser humano como o ponto de referência** para se repensar sobre o belo com base em renovados ponto de vista.”(grifo da autora) Além disso, esses artistas exploraram a produção de uma potencialização de um ideal imaginário por meio das imagens representadas, oferecendo uma experiência estética que transcendia a realidade concreta e transportava o observador para um reino de significados simbólicos e idealizados.

Eco (2004) destaca a marcante influência do humanismo renascentista no estabelecimento dos padrões estéticos da época. Nesse contexto, o autor examina de que maneira artistas renascentistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael se empenharam na busca por uma representação mais realista da figura humana. Esses artistas exploraram técnicas como a perspectiva, a anatomia detalhada e a harmonia das proporções para criar obras que refletiam com maior fidelidade a complexidade e a beleza do corpo humano. Essa abordagem estética fundamentada no humanismo enfatizava a importância do homem e de sua capacidade criativa como pilares centrais da expressão artística renascentista.

Por um lado, essa mudança representa a conquista de autonomia por parte dos artistas, que passaram a ter liberdade para se expressar e produzir obras sem depender de filósofos, teólogos ou eruditos em geral para validar seu discurso reflexivo sobre a estética e a produção artística como um todo. A emergência desse discurso reflexivo dentro da própria prática estética demonstra a crescente compreensão de que especulações estéticas dissociadas do fazer artístico perdem seu sentido e relevância. Segundo Santaella:

Foram muitas as inovações nesse período, como a representação pictórica realizada por meio da utilização das relações geométricas da perspectiva monocular para retratar paisagens, arquiteturas e o ser humano. A arquitetura adaptou-se à proporção e ao uso humanos, enquanto a música consolidou o sistema tonal, que viria fazer história nos séculos que se seguiram no Ocidente. Como consequência de tudo isso, deu-se o desenvolvimento da autonomia do belo em detrimento da esfera moral. O advento do capitalismo mercantilista e o antropocentrismo nascente alimentaram as produções artísticas transformando em artista aquele que produz objetos estéticos. (2019b, p.114)

Essa autonomia conquistada pelos artistas renascentistas permitiu-lhes explorar e desenvolver sua própria visão estética, sem estar limitados por imposições externas ou por uma visão prescritiva de beleza. Eles se tornaram os principais agentes no estabelecimento de um discurso reflexivo sobre a estética, trazendo suas experiências práticas e conhecimento técnico para enriquecer a compreensão e apreciação da produção artística.

Ao integrar a teoria e a prática, através da reflexão e diálogo contínuo entre ambos, os artistas renascentistas não apenas expandiram os limites da estética, mas também redefiniram o próprio conceito de arte. Eles exploraram novas possibilidades estéticas e estabeleceram um terreno fértil para a evolução da arte ao longo dos séculos. Essa abordagem integrada entre teoria e prática foi fundamental para a formação de um discurso estético mais completo e embasado, que reconhecia a importância do fazer estético como um componente essencial da reflexão sobre a estética. A partir desse momento, a especulação estética desvinculada da prática artística perdeu sua relevância, pois a estética passou a ser compreendida como um campo intrinsecamente ligado à produção artística e à experiência estética em si. Por fim, a terceira fase engloba a abordagem de pensadores modernos, como Immanuel Kant, de um lado, e Charles Sanders Peirce, de outro, que exploraram a natureza da experiência estética, a relação entre arte e emoção, e a importância da interpretação e do significado na apreciação estética. Essas três fases constituem marcos importantes na evolução da estética filosófica ocidental e contribuíram para moldar nossas concepções contemporâneas de arte e beleza.

A instituição da estética como uma ciência e campo de estudo ocorreu apenas no século XVIII. Nesse sentido, apoiando-se na etimologia, a estética se apresenta como o conhecimento sensível adquirido por meio dos sentidos. Alexander Baumgarten (1714-1762) foi um dos pioneiros a estabelecer a estética como um objeto de estudo adequado para compreender aquilo que, em certa medida, é atribuído ao belo. Assim, ele direcionou sua análise para as produções artísticas e suas manifestações. Baumgarten enfatiza que a raiz grega *aisth*, apresentada no verbo *aisthonomai*, refere-se não apenas aos sentimentos do coração, mas sim à evidência física e sensorial. (SANTAELLA, 2019b)

De acordo com essa perspectiva, o termo estética abrange tudo aquilo que afeta nossos sentidos e passa pela experiência corporal, incluindo a visão, audição, olfato e tato, com repercussões nos sentidos internos. Por exemplo, a audição de uma música pode influenciar a audição ou a desaceleração da pulsação corporal. Ressalta-se assim a importância da experiência sensorial na estética, e ela reconhece que os sentidos desempenham um papel fundamental na percepção do belo. Sua abordagem destaca a interação entre a percepção física

e as emoções internas, demonstrando como a estética está intrinsecamente ligada à sensibilidade e à capacidade de sentir.

Outro ponto importante na história para se falar sobre o tema é Kant em sua obra *Crítica do Julgamento*, na qual ele apresenta uma abordagem complexa e original, que transcende as perspectivas racionalistas e empiristas. No contexto do pensamento kantiano, a noção de belo está subordinada à verdade e à razão. Segundo Kant, a beleza reside na harmonia e proporção das formas, mas também na capacidade de despertar um sentimento de prazer desinteressado no espectador. O belo é entendido como algo que agrada universalmente, independentemente de interesses individuais ou utilitários. É uma experiência estética que nos conecta à dimensão transcendental do mundo. Por outro lado, o sublime, também compreendido por Kant, envolve uma experiência estética que nos confronta com o infinito, o ilimitado e o indeterminado. É uma sensação que desperta sentimentos de respeito diante do grandioso e imponente. Enquanto o belo está relacionado à forma e à harmonia, o sublime está associado ao poder e à magnitude do objeto ou da experiência (SANTAELLA, 1994)

Eco (2004) reforça a distinção entre o belo e o sublime, concordando que o belo está intrinsecamente condicionado a noções de harmonia, proporção e prazer desinteressado. Contudo, quando voltamos ao sublime, encontramos um aspecto adicional, que é a presença do indeterminado. Eco acrescenta essa dimensão ao sublime, indicando que essa experiência envolve não apenas uma magnitude imensa, mas também uma indefinição que a acompanha. Assim sendo há nesse pensamento uma nova perspectiva ao conceito de beleza, ao afirmar que o julgamento estético não é baseado em critérios objetivos e cognitivos, mas sim na subjetividade e na capacidade de cada indivíduo de apreciar e sentir prazer estético. Portanto, a experiência estética é uma experiência subjetiva, baseada nas faculdades cognitivas e sensíveis do sujeito.

A estética e a beleza têm sido temas de intensos debates ao longo da história, gerando diferentes perspectivas e interpretações. Embora geralmente associada à ideia de prazer estético e característico do belo, a estética também abrange outras dimensões que podem ser objeto de reflexão crítica. Enquanto muitos defendem que a beleza é o cerne da experiência estética, outros argumentam que o grotesco e o bizarro também podem despertar um efeito estético. Essa abordagem amplia os limites tradicionais da estética e reconhece que a contemplação de algo que nos assusta ou perturba pode gerar uma resposta estética igualmente poderosa. Nesse sentido, a arte não se restringe apenas ao belo, mas abrange uma variedade de expressões e formas.

No entanto, é importante ressaltar que a estética não se baseia apenas na sensação imediata dos sentidos, ela vai além do mero prazer visual ou auditivo, envolvendo uma intimidade mais profunda das formas, contextos e significados presentes na arte e no cotidiano. A experiência estética requer uma combinação de sensibilidade perceptiva e engajamento intelectual. Além disso, é preciso considerar que os padrões de beleza e os critérios estéticos são influenciados por valores culturais, históricos e individuais. O que é considerado belo em uma determinada época ou sociedade pode não ser valorizado da mesma forma em outra. Essa relatividade estética nos leva a questionar os padrões dominantes e explorar as diversidades estéticas presentes em diferentes culturas e períodos históricos.

A evolução das teorias estéticas reflete uma pluralidade de perspectivas e abordagens, incluindo desde a estética clássica dos antigos gregos até as correntes contemporâneas. Essas diversas versões da estética refletem as transformações sociais, históricas e filosóficas que influenciaram a compreensão e a interpretação do belo ao longo do tempo e nos fornecem um arcabouço teórico para a análise crítica e a reflexão e a consideração de diferentes abordagens para a compreensão do fenômeno estético. É amplamente aceito o argumento de que, juntamente com a revolução copernicana, a modernidade trouxe consigo uma revolução antropocêntrica. Para compreendermos essa questão, é necessário refletir sobre as transformações ocorridas na produção estética e nas teorias que a acompanham, especialmente a partir do final do século XIX, quando as tecnologias passaram a desempenhar um papel auxiliar proeminente, começando com a fotografia.

É fundamental compreender que hoje a estética transcende o campo da arte e se faz presente em diversas áreas do nosso cotidiano. Ela está intrínseca em objetos de design, na arquitetura, na moda e até mesmo nas interações sociais. A estética permeia todas as esferas da vida, moldando nossas percepções e experiências. Ao abranger os sentidos e a percepção, a estética se revela como uma dimensão fundamental da semiótica. Santaella, (1994) nos adverte:

Isso não significa que as concepções estéticas tenham inteiramente se desprendido de sua relação com o belo. Significa apenas que o belo sofreu dois deslocamentos: de transcendental passou para o universo das coisas belas e, além disso, em um segundo deslocamento, passou das reflexões sobre a beleza manifesta para os efeitos produzidos em quem a percebe. Tanto é assim que a terceira crítica de Kant buscou a resposta para o julgamento do belo, ou seja, de onde vem o julgamento que temos de que algo é belo, algo que a razão pura não tem meios de responder. (p.85)

Na cultura digital na qual somos impactados com uma avalanche de informações e imagens que nos leva a perceber novas possibilidades de estetização dos corpos digitais por

meio de filtros e outros artefatos e ferramentas. Diante disso, observa-se uma oportunidade de discussão acerca das novas estéticas da tecnologia no que diz respeito à apresentação do sujeito nos espaços virtuais e uma busca por maior entendimento sobre como se dá a alteração dos corpos nas novas mediações sociotécnicas.

### **3.2 A Estética à luz da Semiótica**

A estética desempenha um papel fundamental na filosofia de Peirce, sendo considerada uma disciplina normativa juntamente com a ética e a lógica ou semiótica. Dentro dessa estrutura, a estética está inserida ao lado da gramática pura, que é a teoria dos signos, da lógica crítica e da metodêutica, com seus princípios nos métodos. (SANTAELLA, 1994)

De acordo com a filosofia de Peirce, o conceito de admirável não se limita necessariamente à beleza ou ao aspecto estético tradicionalmente associado a essa ideia, o admirável refere-se à qualidade de despertar uma resposta positiva e apreciativa por parte do indivíduo. Pode envolver não apenas a beleza visual, mas também aspectos como originalidade, complexidade, expressividade, harmonia, entre outros, assim sendo, sua apreciação está muito mais ligada a capacidade de um objeto, ideia ou fenômeno estimular a mente, despertar o interesse e gerar satisfação intelectual ou emocional. Essa apreciação pode ocorrer em diversas áreas, incluindo a arte, a ciência, a filosofia e outros domínios da experiência humana.

Portanto, o admirável em Peirce não está restrito à beleza superficial, mas envolve uma apreciação mais ampla e abrangente, que pode ser influenciada por fatores estéticos, mas também por outros elementos que despertam a atenção, a curiosidade e a valorização do objeto em questão. Podemos dizer que o objeto estético é fruto da admiração estética. Na apreciação estética, um indivíduo pode experimentar uma sensação de admiração diante de um objeto ou obra de arte, reconhecendo nele qualidades estéticas que lhe conferem valor e apelo visual, emocional ou intelectual. (SANTAELLA, 1994)

A admiração estética está relacionada à percepção do objeto como belo, harmonioso, expressivo ou significativo de alguma forma. Essa admiração pode surgir da contemplação das características estéticas do objeto, como sua forma, cor, composição, expressividade, originalidade, entre outros elementos que despertam uma resposta emocional ou intelectual no observador. Assim, o objeto estético é criado ou selecionado com a intenção de provocar essa admiração estética, despertando no espectador uma apreciação especial e uma conexão emocional ou intelectual com a obra. A experiência de admiração estética contribui para a valorização do objeto e para sua apreciação como um objeto estético. A teoria da percepção é

um campo de estudo que busca compreender como os seres humanos percebem e interpretam o mundo ao seu redor por meio dos sentidos. Ela investiga os processos mentais e físicos envolvidos na formação das percepções, incluindo a percepção estética.

No contexto da estética, a teoria da percepção desempenha um papel importante ao analisar como os estímulos sensoriais são recebidos e processados pelo cérebro, influenciando a forma como percebemos e interpretamos a beleza, a harmonia e outros aspectos estéticos presentes em objetos ou obras de arte.

A percepção estética envolve a interação entre os sentidos, como a visão, a audição e as experiências, emoções e conhecimentos prévios do indivíduo. Através da percepção estética, podemos apreciar a forma, as cores, as texturas, os padrões, o movimento e outros elementos presentes em uma obra de arte, por exemplo (SANTAELLA, 2019a). A teoria da percepção estuda tanto os aspectos físicos, como a forma como a luz é refletida pelos objetos e captada pelos olhos, quanto os aspectos psicológicos, como a interpretação e a atribuição de significado às informações sensoriais.

Porém, ao considerar a teoria da percepção estética, é importante superar a visão impessoal e objetiva simbólica pela abordagem empirista. Ao negligenciar o papel fundamental do sujeito na percepção, o empirista deixa de reconhecer uma vivência transcendente que ocorre durante o processo perceptivo, uma abertura que cria um campo perceptivo único. Ao contrário dessa perspectiva, o intelectualista tende a subordinar toda a experiência perceptiva a um ego constitutivo universal, negligenciando a diversidade de experiências subjetivas.

Assim, ao explorarmos a teoria da percepção estética, é fundamental reconhecer a presença da consciência como elemento central na experiência estética. É por meio da consciência que o sujeito vivencia, interpreta e atribui significado aos estímulos estéticos. Essa consciência transcende a simples observação dos objetos e permite a emergência de uma conexão mais profunda e significativa com o mundo ao nosso redor.

Dessa forma, ao estudarmos a percepção estética, devemos levar em consideração tanto o papel ativo do sujeito na construção do significado estético, quanto a influência das experiências e perspectivas individuais na apreciação e interpretação da arte. A teoria da percepção estética nos convida a refletir sobre a importância da subjetividade, consciência e transcendência na formação de nossa experiência estética.

As ciências normativas de Peirce, referem-se a três disciplinas principais: estética, ética e lógica. Elas compõem a segunda subclasse da filosofia e estudam os fenômenos em sua

secundidade, ou seja, em seu caráter existencial de reatividade em relação a nós. Essas ciências estão voltadas para a ação, pois envolve nossa interação com os fenômenos e sua influência sobre nós, e vice-versa.

Cada uma dessas disciplinas tem seu foco específico. A estética lida com coisas que têm como objetivo incorporar qualidades de sentimento. A ética, por sua vez, analisa coisas cujos fins estão relacionados à ação. Por fim, a lógica trata de coisas cujo objetivo é representar algo. Essas denominações são justificadas porque as ciências normativas investigam as leis que regem a conformidade dos fenômenos aos fins desejados. Elas estabelecem condições para a ação controlada, ou seja, agir de acordo com uma norma para alcançar esses fins.

A noção de estética peirciana é relevante na medida em que nos oferece uma visão do admirável como ingrediente fundamental da apreciação que os fenômenos, especialmente estéticos, produzem em nós. Mas na base dessa noção encontra-se a fenomenologia e a teoria dos signos que nos guiarão nas análises que serão realizadas nos próximos capítulos, em que a leitura dos rastros do pós-humano será guiada por conceitos semióticos.

Na fenomenologia proposta por Peirce são exploradas as categorias formais e não-conteudistas da primeiridade, que é de natureza monádica, da secundidade, que envolve relações diádicas, e da terceiridade, que abrange a continuidade. Dentro desse contexto, os dilemas da estética envolvem a análise do que é admirável e não-admirável, a busca pela admirabilidade de um ideal e a avaliação crítica e consciente da estética. Compreender as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade propostas por Peirce na fenomenologia nos ajuda a analisar os objetos estéticos e a produção de sentidos a fim de encontrar o admirável por si. Ele propôs três categorias de signos que desempenham um papel fundamental na compreensão dos fenômenos:

**Primeiridade:** Refere-se à qualidade ou sensação imediata de um signo, independentemente de qualquer relação ou contexto. É a categoria mais elementar e abrange as experiências subjetivas, os sentimentos e as qualidades sensoriais. A primeiridade é caracterizada por uma qualidade puramente qualitativa, sem referência a qualquer objeto específico. Por exemplo, a sensação de calor ou a cor vermelha são exemplos de primeiridade.

**Secundidade:** Refere-se às relações de oposição ou contraste entre os signos. É a categoria que envolve a experiência de uma coisa em relação à outra, em termos de contraste, reação ou resistência. A secundidade está relacionada às experiências de causa e efeito, resistência física, ação e reação. Por exemplo, a sensação de dor em resposta a um estímulo ou

a relação entre um sinal de trânsito vermelho e a parada dos veículos são exemplos de secundidade.

**Terceiridade:** Refere-se às relações entre os signos em termos de interpretação, generalização, representação de regras e leis. É a categoria mais complexa e envolve a mediação dos signos por meio de convenções, normas e sistemas simbólicos. A terceiridade está relacionada à compreensão de significados, à interpretação dos signos e à capacidade de estabelecer conexões e generalizações. Por exemplo, a interpretação de uma palavra com base em seu significado convencional ou a compreensão de uma pintura abstrata com base em convenções estéticas são exemplos de terceiridade.

Essas categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade nos ajudam a entender diferentes aspectos da experiência e da relação entre os signos. Elas descrevem os diferentes níveis de abstração e complexidade envolvidos na fenomenologia, desde as qualidades sensoriais imediatas até as relações simbólicas e interpretações mais amplas dos signos. A partir dessas categorias, podemos explorar a natureza dos signos e suas interações em diferentes contextos e sistemas de significado.

Apesar da complexidade dos signos, eles ainda possuem outras relações fundamentais entre o objeto que representam e sua interpretação. Essas relações podem ser categorizadas de acordo com as classes de assinatura veja a tabela:

	<i>Primeiridade:</i> qualidade de sentimento; possibilidade; referência a um fundamento.	<i>Segundidade:</i> Reação, resistência; fato bruto; referência a um correlato.	<i>Terceiridade:</i> Representação, mediação; Hábito, lei; referência a um interpretante.
O signo considerado em si mesmo:	<i>Qualisigno:</i> um signo que é uma qualidade de sentimento, uma mera possibilidade: uma cor, um odor etc.	<i>Sinsigno:</i> um signo que é um existente: uma ação, um objeto ou fato individual etc.	<i>Legisigno:</i> um signo que é da natureza de uma ideia geral: uma lei, um hábito ou convenção social, uma regra de manual etc.
O signo considerado relativamente ao seu objeto:	<i>Ícone:</i> uma forma que <i>pode</i> representar seu objeto, por semelhança formal ou por partilhar com ele alguma qualidade. Ex.: um mapa de uma cidade, o diagrama das ciências, ou o odor de uma flor, uma cor etc.	<i>Índice:</i> um signo que representa seu objeto por conexão <i>de fato</i> com ele, como uma conexão física independente de interpretação. Ex.: A fumaça é signo do fogo; um nome no mapa; etc.	<i>Símbolo:</i> um signo que significa seu objeto porque é interpretado como representação dele. Ex.: qualquer <i>convenção</i> , uma bandeira, um logotipo; etc.
O signo considerado relativamente ao seu interpretante:	<i>Rema:</i> se os substantivos ou os termos dêiticos de uma proposição forem apagados, a forma lacunar restante é um <i>rema</i> . É uma forma de representação simples, que não indica nem o objeto, nem o interpretante.	<i>Dicisigno:</i> um rema cujas lacunas tenham sido preenchidas torna-se um dicisigno, ou signo dicente. É um signo que indica uma existência específica para seu interpretante. Essa indicação não é verdadeira nem falsa, mas pode ser uma das duas coisas.	<i>Argumento:</i> para seu interpretante, é um signo de uma lei, quer dizer, representa seu objeto como um signo, como algo que manifesta alguma tendência, algo dotado de intencionalidade ou disposição para ser de certa maneira.

Fonte: Ecielopédia Jurídica, Peirce, Charles Sanders, 2023

"Um qualissigno é uma qualidade que atua como um signo. No entanto, ele só pode se manifestar efetivamente como um signo quando se corporifica, mas essa forma de realização não tem relação direta com sua natureza de signo" (Peirce, CP 2.444 apud Ecielopedia,2023). Por outro lado, um Sinsigno "é um existente real, uma coisa ou evento que envelhece como um signo. Ele só pode desempenhar essa função por meio de suas qualidades, o que implica a presença de um ou vários qualissignos" (ibid). O legislador, por sua vez, é uma lei que é um signo. Seu objeto não é único, mas sim um tipo geral, que adquire significado quando acordado. O legisigno "significa por meio de uma instância de sua aplicação, o que pode ser chamado de replicar do mesmo. [...]"

Na relação com o objeto, o signo pode desempenhar diferentes funções: sugerir, apresentar ou representar. Essas são atribuídas aos signos denominados funções ícone, índice e símbolo, respectivamente (representados pelas regiões arredondadas na cor azul). Essa é a segunda tricotomia proposta por Peirce. O ícone é um signo que sugere o objeto por meio de características qualitativas, podendo ser classificado como puro, atual ou hipoícone, que serão

vistos a seguir. Por sua vez, o índice está diretamente relacionado à existência do objeto, estabelecendo uma relação de contiguidade com ele. (ibid).

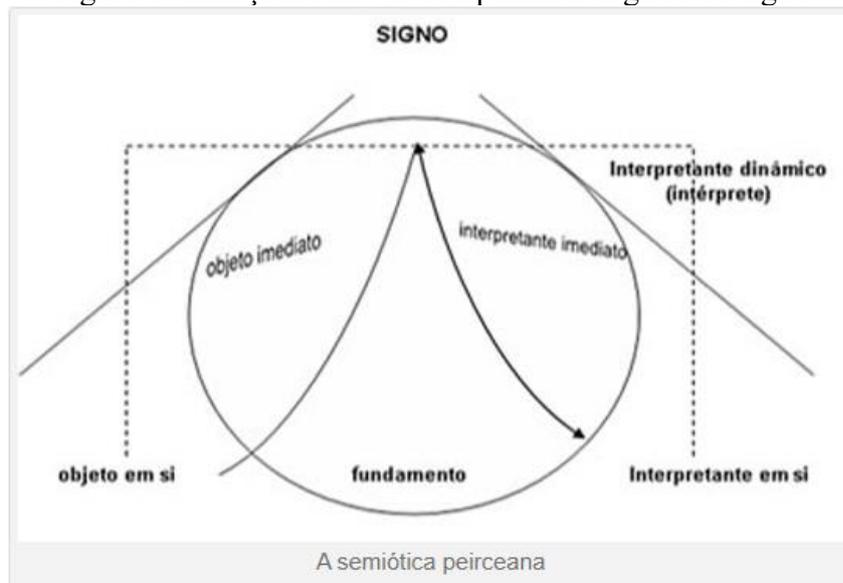
O índice se refere ao objeto devido a uma conexão dinâmica e espacial com ele, não por semelhança ou analogia. O símbolo, por sua vez, representa o objeto ao estar associado a características gerais que ele possui. Os símbolos funcionam não por uma conexão real com o objeto, mas por serem representados como signos. Eles não indicam uma coisa específica, mas uma categoria de coisas, sendo interpretados como referindo-se a esse objeto devido a uma lei, geralmente uma associação de ideias gerais. (ibid).

Os signos e conceitos estão intrinsecamente ligados, pois os conceitos são representados por meio de símbolos e fazem parte do processo de interpretação dos signos. É por meio dos conceitos que atribuímos significados aos signos e compreendemos a mensagem que eles transmitem. Assim, a relação entre signos e conceitos é essencial para a comunicação e construção de conhecimento. (ibid). Segundo Peirce (ibid), “é um signo que se refere ao objeto que ele denota em virtude de uma lei, geralmente uma associação de ideias gerais, que opera para fazer com que o símbolo seja interpretado como referindo-se a esse objeto”.

Os símbolos crescem. Eles surgem pelo desenvolvimento de outros signos, particularmente de ícones, ou de signos mistos que compartilham da natureza dos ícones e símbolos. Pensamos apenas em signos. Esses signos mentais são de natureza mista; as partes-símbolo deles são chamadas conceito. Se um homem faz um novo símbolo, é por meio de pensamentos que envolvem conceitos. Portanto, é apenas a partir de símbolos que um novo símbolo pode crescer. (ibid)

Diagrama simples de operação do signo abaixo, nos convida a entender e esmiuçar cada parte de que consiste no signo (Figura 1).

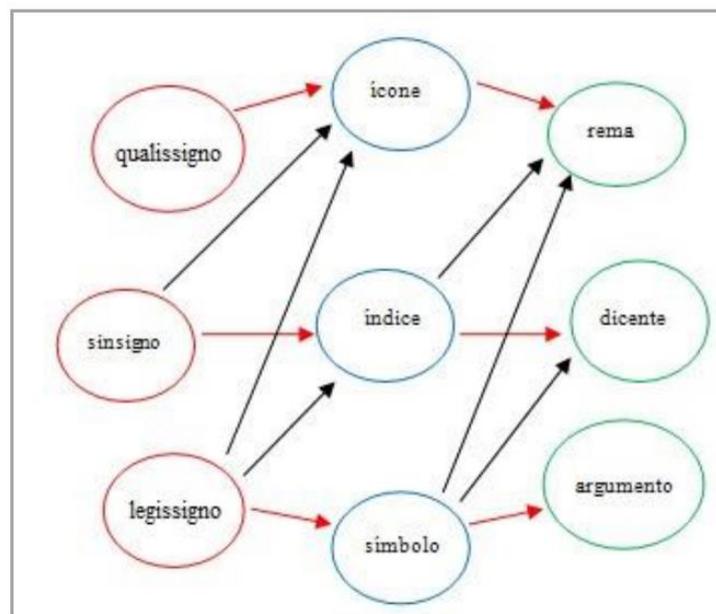
Figura 1 - Relações entre os componentes lógicos do signo



Fonte: O signo: elementos semióticos de Peirce

Outro mapa importante é aquele que indica como se formam as 10 principais classes de signos por relações de implicação lógica como segue abaixo (Figura 2)

Figura 2 – Relações entre as classes de signo



Fonte: DRIGO, Maria O.; SOUZA, Luciana C. P. de. **Aulas de semiótica peirceana**. Curitiba: Appris, 2021. p. 52.

Esse panorama da semiótica, como campo de estudo, fornece uma base sólida para a compreensão e análise de experiências estéticas. Ao aplicarmos os princípios e conceitos

semióticos, podemos investigar de forma mais aprofundada os elementos presentes em um objeto de estudo, como os filtros do TikTok (capítulo 4), e entender como eles comunicam significados e como chegaram à percepção do usuário.

A experiência estética envolve a capacidade de apreciar e exaltar a harmonia, as formas, as cores e outras qualidades que compõem o objeto estético, que poderiam estar alocadas em um signo icônico. É através desse processo perceptivo que nos conectamos e nos relacionamos com a obra de arte, com a expressão estética da natureza ou com qualquer manifestação estética que nos envolve.

Ao sentir-se atraído e admirar o objeto estético, somos levados a uma etapa de representação. A representação estética implica em traduzir e expressar nossa percepção e experiência do objeto estético em uma forma comunicável e compreensível. É por meio dessa representação que compartilhamos e comunicamos nossa experiência estética com os outros, permitindo a criação de um diálogo e uma escrita coletiva da beleza e expressão da artística.

A Estética e as artes destacam o crescimento da razoabilidade concreta por meio da continuidade da terceiridade expressada no crescimento, da atualização da secundidade na concreção e da primeiridade na razoabilidade. Nesse sentido, as leis relacionadas aos fins e aos sentimentos são tratadas na estética, as leis que conectam os fins com a ação na ética e as leis que relacionam os fins com o pensamento na lógica.

Na primeira etapa, a estética diz respeito ao domínio das qualidades e atributos que tornam um objeto estético em si admirável e atraente. Essas características estéticas despertam o interesse e direcionam a atenção para o objeto em questão. Em seguida, entra em jogo a percepção, que desempenha um papel fundamental ao captar as qualidades estéticas do objeto. Por meio dos sentidos, como a visão, audição ou tato, somos capazes de observar e absorver as características visuais, sonoras ou táteis do objeto estético. A percepção nos permite experimentar e vivenciar a presença do objeto em um nível sensorial.

Por fim, temos a representação, que desempenha o papel de expressar e comunicar nossa percepção e experiência estética. Utilizando diferentes formas de linguagem, como a verbal, visual ou auditiva, buscamos transmitir aos outros o que sentimos e sentimos em relação ao objeto estético. Essa representação pode ocorrer por meio da criação artística, da descrição escrita, da performance ou de outras formas de expressão

Se compreendermos que a estética pode também residir em estímulos quase imperceptíveis capazes de despertar nossas sensações perceptivas, nos tornamos, de forma inconsciente, perseguidores de um padrão estabelecido. Esse padrão pode ser influenciado por uma ordem cultural, pelos padrões impostos pela mídia ou até mesmo pela identificação com gostos considerados "grotescos". Nesse contexto, a experiência humana nos convida a questionar a quantidade de objetos aos quais estamos expostos e que são alojados em nosso campo de consciência, esperando o momento oportuno para serem lançados e produzirem um efeito impactante.

Considerando o que aí está exposto, podemos verificar que a beleza se define por conter dois elementos interconectados: as qualidades presentes no objeto chamado belo e os efeitos na sensibilidade perceptiva que essas qualidades são capazes de despertar. Um não pode ser separado, quando se pretende definir beleza. Isso nos faz compreender por que a noção de estética ligada à beleza se espalhou por muitos campos da cultura, não se restringindo à natureza e à criação de obras e objetos considerados belos. (SANTAELLA, 2019, p..21)

Segundo Peirce, a percepção é um processo ativo e complexo que envolve a interação entre os sentidos, a mente e o ambiente. Ele desenvolveu uma teoria conhecida como fenomenologia, apresentada previamente, que descreve a percepção como um processo de interpretação de signos. Para Peirce, um signo é algo que representa outra coisa para alguém, ou seja, um objeto que evoca um pensamento ou uma ideia na mente de um indivíduo. Ele argumentava que a percepção começa com a percepção de signos, que são sinais ou estímulos sensoriais interpretados pela mente. (SANTAELLA, 2012).

A mente interpreta os estímulos sensoriais com base em experiências passadas, conhecimentos prévios e contextos sociais e culturais. A percepção não é simplesmente uma cópia direta da realidade externa, mas sim uma construção interpretativa e também se destaca importância do processo de inferência na percepção. Ele argumentava que a mente faz inferências lógicas e abduativas para preencher as lacunas entre os estímulos sensoriais e formar uma percepção coerente do mundo. Essas inferências são influenciadas pelo contexto, pelos objetivos do indivíduo e pelas hipóteses formuladas. (SANTAELLA, 2012)

Os signos geralmente se referem a objetos complexos, que envolvem múltiplos aspectos e características, o que torna difícil estabelecer uma única correspondência entre um signo e um objeto específico. Dessa forma, o objeto vai além da simples referência a uma "coisa" tangível.

O objeto por poder ser real ou imaginado, individual ou complexo, e sua relação com o signo é dinâmica e multifacetada.

De fato, todo o complexo processo interpretativo e generativo de sentidos e significados é impulsionado pela semiose, uma dinâmica inerente ao processo de comunicação e compreensão humana. A percepção, por sua vez, ocupa um lugar de destaque nesse contexto, inserindo-se na categoria da secundidade ao se manifestar como uma resposta ativa e sensível diante de um objeto que resiste a ser representado de forma direta.

A percepção, ao ser entendida a partir de um signo icônico, pode ser acomodada em uma relação diádica, em que o signo representa seu objeto por semelhança. Assim, quando um objeto atrai nossa atenção e é capturado por nossa percepção, mesmo que, em um estado inicial, ele nos concede a potência de pilotagem. É nesse momento que a lógica da percepção é desencadeada, por meio dos processos interpretativos que envolvem a atribuição de significados e a construção de sentido.

Nessa lógica da percepção, a mente do intérprete interage com o objeto por meio do signo icônico, estabelecendo uma relação de semelhança que permite a apreensão e a compreensão do objeto perceptível, desse modo, a percepção se revela como um processo dinâmico e interativo, em que a mente do indivíduo interpreta o signo icônico, atribuindo-lhe significados e construindo uma representação interna do objeto. Essa representação interna, por sua vez, inaugura uma nova etapa de processos interpretativos e de construção de sentido.

Assim, a percepção desempenha uma ação na compreensão e apreensão do mundo ao nosso redor, permitindo a construção de conhecimento e a formação de significados a partir dessa operação dos signos bem complexa. Ela está intimamente ligada à capacidade humana de interpretar, decodificar e atribuir sentido aos estímulos sensoriais que nos cercam. Por meio desse processo perceptivo, somos capazes de estabelecer uma conexão entre o mundo externo e nossa experiência subjetiva, enriquecendo nossa compreensão e interação com a realidade.

Para tornar todas essas explanações teóricas mais palpáveis, nas redes sociais, por exemplo, estamos constantemente expostos a uma variedade de conteúdos, como imagens, vídeos e mensagens, que são projetados para chamar nossa atenção e despertar uma resposta em nós. Esses signos nos chegam como "perceptos", ou seja a fonte da percepção. Ao navegar pelas redes sociais, nos deparamos com fotos de pessoas, postagens de amigos, anúncios publicitários e notícias. Cada processo perceptivo possui suas próprias características visuais,

emocionais e informativas, que são projetadas para atrair nossa atenção e despertar uma resposta em nós.

Nesse contexto, o elemento de primeiridade do percepto se manifesta em sua qualidade imediata e impacto emocional sobre nós. Por exemplo, uma foto de um belo pôr do sol pode evocar em nós uma sensação de respeito e prazer, enquanto uma notícia impactante pode despertar emoções de surpresa ou indignação. Essas qualidades primárias que o percepto desperta em nós são intrínsecas à experiência estética que ocorre durante a interação com os conteúdos nas redes sociais.

Já a secundidade fica evidente na relação entre aquilo que é percebido - o percepto - e o sujeito que percebe. A dualidade entre o objeto percebido e o sujeito que o percebe é um traço fundamental da percepção. Por fim, o elemento de terceiridade refere-se ao lado cognitivo, representado pelo julgamento perceptivo. Essa é a parte da percepção que envolve nossa capacidade cognitiva de interpretar e atribuir significado aos perceptos. Ao analisarmos e refletirmos sobre os conteúdos que encontramos nas redes sociais, estamos exercendo o elemento de terceiridade, buscando compreender e interpretar o que está sendo comunicado.

Portanto, ao considerarmos a teoria de Peirce em relação à percepção na era digital e nas redes sociais, enfrentamos a complexidade desse processo, que envolve a interação entre perceptos, intérpretes e interpretação cognitiva dos conteúdos. É por meio dessa interação complexa que ocorre a experiência estética, pela qual somos impactados emocionalmente, confrontados com diferentes estímulos. E, nesse sentido a experiência estética pode ser compreendida como um aspecto particular da percepção, em que nos envolvemos de forma sensível, emocional e interpretativa com os estímulos sensoriais e simbólicos presentes em uma obra de arte, um objeto estético ou mesmo em nosso contexto cotidiano.

No contexto da percepção, quando nos deparamos com uma experiência estética, somos transportados para um domínio em que a sensibilidade estética é despertada. Nesse momento, nossa percepção não se limita apenas à apreensão do percepto em si, mas se expande para além disso, envolvendo nossas emoções e interpretações. É uma experiência ativa que nos conecta de forma profunda e significativa com a expressão artística ou com a estética presente no mundo ao nosso redor.

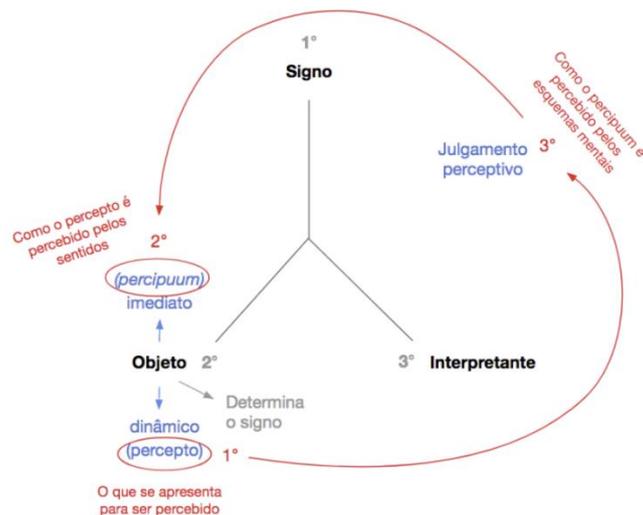
Ao vivenciar uma experiência estética, somos capazes de experimentar uma chamada de nossa sensibilidade, uma conexão íntima com o mundo ao nosso redor e uma sagrada de sua beleza, harmonia, expressividade ou potencial criativo. É um momento em que somos

convidados a apreciar o signo estético não apenas em seu aspecto formal, mas também em sua capacidade de evocar sensações, provocar reflexões e despertar nosso senso estético.

Portanto, ao relacionar a percepção com a experiência estética, podemos compreender que a percepção é a base que nos permite acessar e apreciar a estética presente em diferentes manifestações artísticas, objetos estéticos e experiências sensoriais. É por meio da percepção estética que nos abrimos para a contemplação, para a sensibilidade e para a interpretação significativa, tornando possível a experiência estética em sua plenitude.

Os signos que nos atraem e geram um efeito estético são aqueles que possuem características que evocam uma resposta emocional, intelectual ou sensorial. Esses objetos têm a capacidade de despertar em nós uma sensação de relacionamento, prazer ou fascínio, conduzindo-nos a uma experimentação. Esses efeitos estéticos podem ser alcançados por meio de várias qualidades presentes nos objetos, como beleza visual, harmonia, originalidade, expressividade, entre outros. Cada indivíduo pode ser atraído por diferentes tipos de objetos e experimentar diferentes efeitos estéticos, pois as representações estéticas são influenciadas por experiências, gostos pessoais e contextos individuais. A figura 3 abaixo ilustra a alocação das operações da percepção no diagrama básico do signo.

Figura 3 – Ilustração da percepção na operação do signo



### 3.2 A Estética do digital

Neste momento, surge a necessidade de compreender se a estética continua a ser evocada pelos corpos retratados em novas formas de mídia visual. Será que a essência do admirável em si se mantém, mesmo em meio às experiências culturais e tecnológicas? Podemos avaliar se o conceito de admirável ainda persiste e como ele se manifesta no contexto contemporâneo?

O rosto adquiriu uma importância e centralidade significativa na sociedade contemporânea, especialmente a partir da era moderna. Anteriormente, o corpo humano era visto como parte integrante do mundo, servindo aos estudos anatômicos, sem ser considerado um elemento que demarcasse a separação entre o mundo externo e um sujeito subjetivo. Dessa forma, o rosto se tornou um elemento carregado de significado cultural, social e subjetivo. (CINTRA, 2020, p. 19)

Com a Revolução Digital e a ampla adoção de tecnologias como smartphones, câmeras frontais e redes sociais, surgiram novas formas de estética e interação. Um fenômeno que se destaca é a perspectiva viral da produção individual de retratos e autorretratos, popularmente conhecida como selfies. Na Sociedade Medial, o consumo de imagens de destaque estava centrado em rostos de celebridades e públicos, presentes em meios de comunicação tradicionais. No entanto, na Era Digital, o consumo de imagens faciais se ampliou para incluir rostos comuns. Os próprios indivíduos se tornaram protagonistas ao disponibilizarem suas próprias imagens na rede, seguindo uma lógica de espetáculo.

Essa lógica do espetáculo se manifesta na busca por visibilidade e reconhecimento por meio das imagens famosas compartilhadas nas redes sociais. As selfies tornaram-se uma forma de autopromoção e expressão individual, influenciando a construção da identidade e a interação social online.

A estética do rosto e sua representação na era digital adquirem uma dimensão particular, marcada pela exposição pública e pela busca por validação social. A produção e o consumo de selfies estão imersos em uma cultura digital que valoriza a imagem e a visibilidade, proporcionando uma nova forma de espetáculo e de interação social mediada pela tecnologia.

O consumo facial nos meios de comunicação alimenta-se de rostos que nascem como máscaras, portanto, já produzidos, ao passo que a internet alimenta o consumo privado de rostos em que cada qual põe à disposição dos outros a sua face, como se participasse numa longa e duradoura festa imaginária. No lugar das antigas formas da esfera pública e da privacidade surge, como mundo paralelo, uma nova edição da <math>\langle \rangle</math> (société du spectacle), que Guy Debord já teorizou há meio século. (BELTING, 2019, p. 217 apud CINTRA, 2020 p.19)

Um autor que aborda a questão da estética na era digital é Byung-Chul Han, em sua obra *A Salvação do Belo* (2019). Han lança luz sobre uma perspectiva paradoxal que envolve a arte e outras manifestações estéticas contemporâneas. Por um lado, há uma perspectiva generalizada do culto à beleza, em que a busca pelo esteticamente agradável permeia diversos aspectos da vida cotidiana. Por outro lado, existe a imanência do consumo, em que a lógica do capital se estabelece como um elemento central na configuração do campo estético.

Essa perspectiva paradoxal reflete uma dinâmica complexa na era digital, em que a valorização da estética muitas vezes está intrinsecamente ligada à lógica do consumo. O apelo à beleza e à estetização de produtos e experiências torna-se uma estratégia de mercado para atrair atenção e criar desejo nos consumidores. Nesse contexto, a estética é frequentemente instrumentalizada como uma ferramenta de sedução e persuasão, alimentando a economia do consumo.

Ao mesmo tempo, essa predominância da estética do capital levanta questionamentos sobre a superficialidade das experiências estéticas e sua possível alienação em relação ao seu potencial crítico e transformador. Han provoca reflexões sobre os desafios enfrentados pela arte e pela estética contemporânea diante dessa realidade, incentivando uma abordagem mais crítica e reflexiva em relação aos fenômenos estéticos na era digital.

Ele aponta para “o liso” que se tornou uma marca distintiva do presente, em esculturas de Jeff Koons, iPhones e até mesmo na popular depilação brasileira, conhecida por sua suavidade total. Mas por que consideramos o liso tão belo nos dias de hoje? Além do seu apelo estético, ele reflete um imperativo social universal, personificando a sociedade da positividade em que vive. O liso não possui imperfeições visíveis, não oferece resistência e busca incessantemente a aprovação social através dos "likes". Nesse sentido, o objeto liso suprime tudo o que é negativo, relegando-o a um segundo plano. (HAN, 2019) É interessante que o autor menciona artistas consagrados do contemporâneo, como Andy Warhol e Jeff Koons, para ilustrar essa perspectiva do liso. Esses artistas exploram a estética da superficialidade e do impacto visual imediato em suas obras. No entanto, é importante observar que a arte não se limita apenas a essas características. A arte possui um potencial muito mais amplo e profundo. Ela pode nos desafiar, provocar questionamentos, estimular a reflexão e nos conectar com a complexidade da experiência humana. Ao nos mantermos no campo da arte, podemos descobrir níveis de significado e sutilezas que vão além da mera superficialidade.

Andy Warhol também professava a superfície lisa, bela, mas em sua arte ainda está inscrita a negatividade da morte e do desastre. Sua superfície não é integralmente lisa. A série *Death and Disaster*, por exemplo, vive graças à negatividade. Em Jeff Koons, ao contrário, não há desastre, quebra, marca, risco ou costura. Tudo é arredondado, polido, liso. A arte de Jeff Koons é a da superfície lisa e de seu efeito imediato. Não dá nada a interpretar, a descodificar ou a pensar. É uma arte para dar like. (HAN, 2019 p.8 e 9)

Embora possa parecer algo inimaginável do ponto de vista da arte e até mesmo da intenção original por trás do conceito de estética, a prevalência da estética lisa e quase automatizada está se tornando cada vez mais evidente em nossa percepção. Essa estética, que é quase como uma foto “photoshopada” ou com inúmeros efeitos, que desprovida de formas e emoções, está se tornando uma norma estabelecida.

Essa natureza da beleza lisa, que parece quase desprovida de vida e confiança, levanta questões sobre a superficialidade e a falta de profundidade nas nossas experiências estéticas. Ela representa uma preferência por imagens e formas simplificadas, que podem ser facilmente consumidas e assimiladas sem muito esforço ou envolvimento emocional. No entanto, é importante questionar essa padronização da beleza lisa e refletir sobre o impacto que isso tem em nossa adoração da arte e na nossa percepção do mundo ao nosso redor. Será que estamos perdendo a capacidade de apreciar a complexidade e as nuances da expressão artística? Será que estamos nos contentando com uma estética vazia e superficial?

Essas são questões que nos convidam a reavaliar nossa relação com a estética e buscar uma personalidade mais profunda e autônoma da arte. Afinal, a verdadeira beleza não reside apenas na superfície, mas também na capacidade de despertar emoções, estimular o pensamento crítico e nos conectar com a diversidade e a complexidade do mundo ao nosso redor. Han, 2019, complementa:

É o próprio Jeff Koons quem diz que o observador de suas obras deveria emitir apenas um simples "uau". Sobre a sua arte não é necessário se fazer nenhum juízo nem interpretação, hermenêutica, reflexão ou pensamento. Ela se mantém, de modo consciente, no campo do infantil, do banal, do imperturbável, relaxante, desarmante e aliviante. Ela está esvaziada, seja de profundidade, seja de superficialidade; (...) Nada mais deve traumatizar, machucar ou assustar. A arte para Jeff Koons não é outra coisa se não a “beleza”, a alegria e a comunicação” (ibid., p. 9)

Mesmo compreendendo que a experiência sensorial da estética está, em certa medida, relacionada à responsabilidade do sujeito e sua operação de percepção, surge a questão de como refletir sobre nossos padrões de beleza quando nos deparamos quase instantaneamente com uma imposição iconográfica que distorce nossa própria imagem? Como bem disse o filósofo francês Michel Foucault apud Eco (2004): "A beleza é uma imposição cultural que nos é apresentada

como algo natural". Essa citação nos faz refletir sobre a natureza construída dos padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia, aqui inauguralmente o *mass media* e agora pelas redes sociais, somos constantemente bombardeados com imagens idealizadas que nos levam a acreditar que existe uma única definição de beleza a ser alcançada. Somos confrontados com a influência da mídia, da publicidade e das redes sociais, que constantemente nos apresentam ideais estéticos irreais e inalcançáveis. Essas representações idealizadas nos pressionam a corresponder a um padrão de beleza pré-determinado, muitas vezes distante da diversidade e da realidade humana.

É importante reconhecer que a percepção estética é moldada por influências externas, mas também é um processo individual e subjetivo. Como disse Kant: "A beleza está nos olhos de quem vê". Essa citação nos convida a olhar para além dos ideais impostos, valorizando a diversidade e a expressão individual. Ao reconhecer as influências externas que moldam nossa percepção estética, devemos desenvolver uma consciência crítica e, ao protegermos nossa individualidade, questionarmos os padrões fiscais e cultivarmos uma relação saudável com nossa própria imagem, podemos abrir espaço para uma experiência estética mais genuína e enriquecedora.

Os meios de comunicação nos apresentam uma variedade de referências e imagens estéticas que influenciam influências do passado, como o realismo fabulista do século XIX, a opulência de Mae West e a herança dos modelos mais recentes. Eles também nos mostram diferentes padrões de beleza, como a beleza negra de Naomi Campbell e a beleza nórdica de Claudia Schiffer. Eles nos apresentam uma gama de referências estéticas, desde o sapateado tradicional de A Chorus Line até as arquiteturas futuristas e impactantes de Blade Runner. Eles nos mostram tanto a figura da mulher fatal das televisivas e propagandas, quanto a imagem da mocinha romântica, representada por atrizes como Julia Roberts e Cameron Diaz. (ECO, 2004)

Essa estética diversa nos leva a refletir sobre como o ideal de beleza difundido pelos meios de comunicação ao longo do século XX se torna cada vez mais complexo e plural, por isso, nos desafia a questionar os padrões e apreciar a multiplicidade de formas de beleza presentes na sociedade. É uma chamada para abraçar a diversidade e reconhecer que a beleza está além de um único ideal pré-determinado, permitindo-nos apreciar e celebrar uma variedade de expressões estéticas que encontramos ao nosso redor. O explorador do futuro - ou desse presente - verá diante de uma orgia de tolerância, de um sincretismo total e de um politeísmo absoluto da beleza, em que diferentes estilos e representações coexistem e são celebrados. (ECO, 2004.)

No entanto, essa busca pelo liso, defendida por HAN (2019) e pela aparência perfeita pode levantar questões importantes. Essa obsessão estética muitas vezes nos afasta da valorização da diversidade humana e da confiança. Ao privilegiar uma imagem padronizada e artificial, corremos o risco de perder a individualidade e de suprimir as características que nos tornam únicas. Além disso, a ênfase na busca pelo liso pode criar uma cultura da superficialidade, em que a aparência se sobrepõe a valores mais profundos e emocionantes. A estética do liso pode promover uma alienação das questões mais complexas da vida e da diversidade de experiências humanas.

Portanto, é importante adotarmos uma postura crítica em relação a essa estética do liso, questionando os padrões impostos pela sociedade e valorizando a pluralidade de formas de expressão e de beleza. Devemos buscar uma sensação mais ampla e significativa da estética, que reconheça e valorize a individualidade, a proteção e a riqueza das experiências humanas. Como apontada por Cintra (2021), ao questionar se estamos ficando todos meio parecidos e vivendo uma vida instagramável ela diz:

O fato é que o Instagram se tornou o maior centralizador de referências estéticas, sobretudo no que concerne ao corpo humano. E por estarmos em contato com tanta intensidade e frequência - pela manhã, quando acordamos, antes de dormir, o dia todo nas nossas mãos e olhos, acaba compondo grande parte do nosso imaginário e das projeções e representações que fazemos sobre nós mesmos. (p.45)

Como o rosto tem se articulado com a identidade dos sujeitos na cultura digital atual? Quais são os signos atribuídos ao novo rosto que emergem nessa cultura digital? Quais são as mudanças vividas à transformação do rosto na era digital? Diversas indagações partem daqui para buscar tais respostas acerca desse novo acordo estético do rosto quando surge um novo tipo de rosto singular, quase ciborguiano. É um rosto que transmite juventude, com uma pele perfeita, sem poros visíveis, e características cheias e proeminentes. Possui olhos de gato e prolongados, remanescentes de desenhos animados. Seu nariz é pequeno e elegante, e os lábios são carnudos e exuberantes. Quando olhamos para esse rosto, há uma timidez no olhar, mas uma ausência de expressão, com sua suavidade e carência de imperfeições, nos convida a refletir sobre as questões levantadas no primeiro capítulo acerca do pós-humano e da modificação do corpo. Ele representa uma manifestação da busca pelo aperfeiçoamento e pela transcendência dos limites humanos. Esse rosto sem expressão nos faz questionar se ainda nos sobrou algo de humano ou, o quão humanos ainda somos. Prossigamos, pois este caminho apenas começou.

#### 4. MARCAS PÓS-HUMANAS EM FILMES

O ciberpunk e o neuromance são correntes literárias e culturais que emergiram nas décadas de 1980 e 1990, trazendo reflexões sobre a relação entre o ser humano e a tecnologia no contexto de uma sociedade cada vez mais digital e conectada. Nesse sentido, é possível analisar esses movimentos em relação à imagem técnica pós-fotográfica e ao cenário midiático digital contemporâneo. No contexto do ciberpunk, uma das características fundamentais é a fusão entre ser humano e tecnologia, explorando a noção de um mundo onde a realidade virtual, os implantes cibernéticos e a inteligência artificial desempenham papéis significativos.

O termo "ciberpunk" foi usado pela primeira vez em um conto com o título de *Cyberpunk*, de Bruce Bethke, publicado no volume de novembro de 1983 de *Amazing Stories*. Desde então, o volume sido usado para designar a literatura que trata da alienação do corpo carnal em constructos informáticos (ver McCaffery 1991). A narrativa-chave dessa literatura é *Neuromancer* de William Gibson (1984). (SANTAELLA 2003, p..189)

Os escritos de autores como William Gibson e Bruce Sterling, citados por Santaella, revelam uma visão distópica e futurista na qual a tecnologia permeia todos os aspectos da vida e, questiona a própria natureza da identidade humana. O livro *Neuromance*, por sua vez, refere-se à corrente literária dentro do ciberpunk que tem como foco principal a exploração da mente humana e da consciência em um contexto tecnológico avançado, assim sendo é um exemplo a construção da obra se torna emblemática dessa vertente em que a narrativa apresenta um protagonista hacker mergulhado em um mundo de realidades virtuais e interfaces neurais.

Certamente, o livro e seu autor não poderiam prever os avanços e a velocidade com que suas ideias seriam assimiladas pela cultura, especialmente com o auxílio do cinema. O cinema, ao trazer consigo a visualidade como meio de expressão, permite que o espectador seja imerso em uma profusão de hipersignos que retratam a estética futurista e caótica que é característica desse universo. Essa fusão de linguagens, literária e cinematográfica, proporciona uma experiência única na qual o público é impactado por uma atmosfera visualmente rica e repleta de elementos que evocam o imaginário futurístico proposto pelo autor. É por meio dessa sinergia entre literatura e cinema que os conceitos e a estética do universo literário são transportados e ganham vida de forma intensa e marcante na cultura contemporânea.

É inegável que o cinema soube se apropriar de forma notável das questões relacionadas ao pós-humano (SANTAELLA,2003), antecipando movimentos e reflexões sobre o futuro da

humanidade. Se considerarmos o cinema como uma forma de arte, podemos reconhecer sua sensibilidade artística e o papel significativo que desempenha, por exemplo, nos estudos da psicanálise. Ao explorar temáticas futurísticas, o cinema nos convida a refletir sobre as mudanças culturais que estão prestes a se instaurar, muitas vezes de forma sutil e quase imperceptível.

O cinema tem a capacidade única de nos transportar para outros mundos, tanto imaginários quanto futuristas. Através da linguagem cinematográfica, somos expostos a novas ideias, visões de mundo e possibilidades, o que nos permite antecipar tendências e refletir sobre os rumos que a cultura está tomando. Ao prever cenários futuros, o cinema nos alerta para as transformações que estão por vir e nos convida a estar mais atentos às mudanças que ocorrem ao nosso redor, às vezes, aos olhos menos desatentos despertando uma consciência crítica diante das mudanças que a cultura está prestes a instaurar.

No contexto atual, a imagem técnica pós-fotográfica assume um papel de destaque, impulsionado pelos avanços tecnológicos que permitem a criação e manipulação de imagens digitais de maneiras antes inimagináveis. Essa linguagem audiovisual, que tem suas raízes na fotografia e na habilidade de gerar imagens, acompanha a humanidade há muitos anos e continua presente na sociedade, adaptando-se constantemente a novos suportes e formas de expressão.

Com a evolução da tecnologia, as imagens digitais se tornaram cada vez mais acessíveis e difundidas, encontrando espaço nas mais diversas esferas da vida cotidiana. A imagem técnica pós-fotográfica transcendeu as fronteiras físicas dos suportes tradicionais, como papel e filme, e se expandiu para o ambiente digital, onde é manipulada, compartilhada e disseminada em uma escala sem precedentes.

Essa transformação tecnológica trouxe consigo novas possibilidades e desafios para a linguagem visual. A manipulação digital de imagens permite criar realidades alternativas, desafiar a percepção e explorar o potencial criativo de maneiras surpreendentes. Ao mesmo tempo, levanta questões sobre autenticidade, manipulação e a relação entre a imagem e a realidade.

Assim, a imagem técnica pós-fotográfica se estabeleceu como um meio de expressão poderoso e influente, moldando a forma como vemos e compreendemos o mundo ao nosso redor. Seja nas mídias sociais, na publicidade, na arte ou no jornalismo, as imagens digitais desempenham um papel central na comunicação visual contemporânea, oferecendo uma plataforma para a expressão criativa, o compartilhamento de ideias e a construção de narrativas visuais impactantes. "A percepção dos objetos do

mundo corresponde a uma percepção direta, enquanto a percepção das representações é uma percepção mediada" (Santaella, 2001b, p. 207). Mediada significa justamente que se trata de uma linguagem fabricada pelo ser humano a partir de convenções que se modificam ao longo do tempo e, no caso das linguagens da comunicação, por meio de tecnologias que se prestam à produção e à transmissão dessas linguagens. Sob esse aspecto, destacamos "a importância das peculiaridades do meio, [do] suporte e [de] materiais na constituição de uma forma de representação visual. Esses meios são a fonte [...] de distinção das representações entre si" (Santaella, 2001b, p. 208., apud SANTAELLA 2019.)

Dessa forma, os filmes classificados como ciberpunk nos convidam a questionar o impacto da tecnologia em nossa sociedade, a relação entre a imagem e a identidade, e a possibilidade de transcender os limites da condição humana por meio das interfaces digitais. Essas correntes literárias e culturais continuam a influenciar o pensamento contemporâneo, especialmente em um mundo cada vez mais imerso na era digital.

Outra frente precursora antes mesmo do movimento do ciberpunk foi o cinema do expressionismo alemão, como "Metrópolis" de 1927 dirigido por Fritz Lang, considerado como uma das obras-primas do cinema mundial. Nos próximos subcapítulos, faremos análises dos filmes já mencionados para fornecer embasamento sobre a perspectiva do rosto e suas marcas no imaginário cultural. A metodologia de análise adotada será a semiótica, tendo o rosto como o signo principal de estudo. A escolha das personagens foi baseada na construção de seus personagens dentro da trama e seu potencial estético em se configurar como objetos de beleza nas respectivas épocas retratadas nos filmes.

#### **4.1 Metrópolis**

O filme aborda questões sobre a exploração da classe trabalhadora, a desumanização das massas e a alienação social. Ele retrata a cidade como uma metáfora da desigualdade social, em que os trabalhadores são tratados como máquinas descartáveis enquanto a elite desfruta de luxo e poder. A história destaca a importância da empatia, da solidariedade e da união para superar as divisões sociais e alcançar uma sociedade mais justa e equilibrada.

"Metropolis" é conhecido por sua visão futurista, que se passaria no ano de 2026 e pela impressionante direção de arte, com cenários grandiosos e uma estética diatópica que influenciou muitos filmes posteriores. Além disso, o filme também aborda temas atemporais, como a exploração dos trabalhadores e as disparidades sociais, tornando-se uma obra significativa que continua a inspirar e provocar reflexões sobre a condição humana e a busca por uma sociedade mais igualitária.

Um ponto muito importante é a direção e o jogo de câmeras, há uma cena em que a câmera faz um movimento ascendente, revelando a imensidão da cidade com seus arranha-céus e luzes brilhantes. A arquitetura futurista e os efeitos de iluminação contribuem para uma atmosfera estética deslumbrante e surreal. Essa experiência visual provoca uma sensação de encantamento e admiração diante da grandiosidade e complexidade da cidade (Figura 4).

Figura 4 – Cidade Futurista “Metrópolis”



Fonte: Youtube, 2023

Além disso, a direção de arte também se destaca nas representações contrastantes entre a cidade alta na qual os ricos e poderosos vivem, e a cidade subterrânea, onde os trabalhadores sofrem e são explorados. A cidade alta é retratada com luxo e extravagância, com figurinos elegantes e cenários opulentos. Em contraste, a cidade subterrânea é sombria, claustrofóbica e repleta de trabalhadores exaustos. Essas representações estéticas ajudam a transmitir a desigualdade social e a injustiça presente na narrativa.

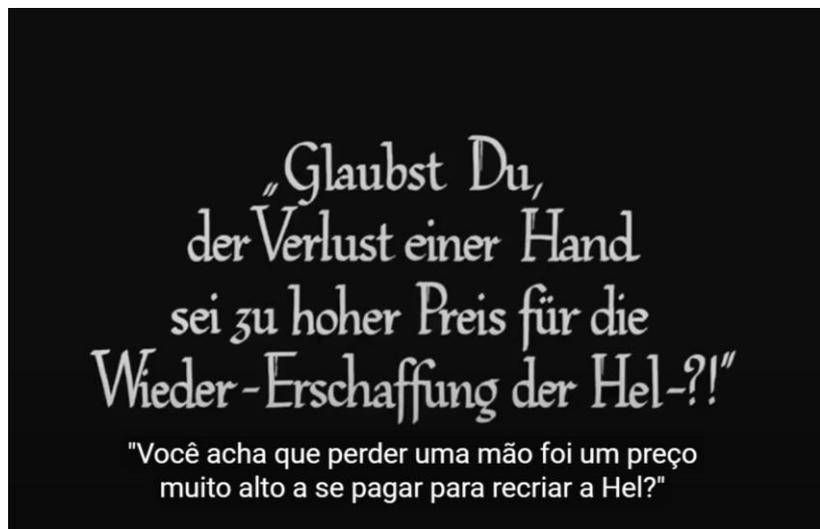
Essas experiências estéticas impactantes no filme "Metrópolis" permitem ao espectador imergir em um mundo visualmente fascinante, pois os efeitos visuais e a cinematografia contribuem para a construção de uma atmosfera distinta e envolvente. Através desses elementos estéticos, o filme estimula a percepção e a apreciação estética, enriquecendo a experiência cinematográfica como um todo.

Nesse trabalho em questão, o tema central em destaque é a criação da máquina pelo cientista louco. Um diálogo significativo ocorre quando o cientista justifica que valeu a pena sacrificar sua própria mão em prol dessa criação, ressaltando a dicotomia entre homem e

máquina no contexto futuro. Esse diálogo revela a obsessão do cientista em transcender os limites do corpo humano e explorar o potencial da tecnologia.

Vale ressaltar que o filme foi executado em um momento de pouco aparato tecnológico, as imagens ainda eram em preto e branco, o cinema ainda mudo e mesmo trazendo as luzes há um trabalho minucioso de fotografia e direção de arte a fim de compor as cenas sobre os diversos “tons de preto e branco”, além de ter a linguagem sonora como elemento de ritmo e sensações para representar o arco da narrativa e roteiro incluindo as tensões entre os personagens as cenas e diálogos (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Diálogo do Filme



Fonte: Youtube : <https://www.youtube.com/watch?v=Oa1qWCdSKHo>, 2023

Figura 6 – Cena da descrição do diálogo



Fonte: Youtube : <https://www.youtube.com/watch?v=Oa1qWCdSKHo>, 2023

#### 4.1.2 Figuras 5 e 6

Nessa cena, o diálogo e a ação capturam os conflitos e dilemas éticos que surgem quando se questiona a fronteira entre o humano e o não-humano. A atitude do cientista de sacrificar parte de si mesmo e a escolha de uma mulher para a transformação corporal evocam questões sobre o poder, a ética da experimentação científica e a relação complexa entre o homem e a máquina no futuro.

A partir desse ponto, o cientista escolhe uma mulher para ser submetida à transição do corpo humano para o corpo da máquina. Esse momento representa uma ruptura com a concepção tradicional de corpo, apresentando uma fusão entre a biologia e a tecnologia. A troca de corpo se torna uma metáfora visual poderosa, simbolizando a transformação e a criação de um novo tipo de ser híbrido.

Essa análise permite uma reflexão mais profunda sobre as implicações filosóficas e sociais presentes na cena, explorando temas como a fusão do corpo com a tecnologia, a perda da identidade humana e as consequências do avanço científico desenfreado. É importante considerar o contexto narrativo mais amplo do filme para uma compreensão completa das mensagens transmitidas nessa cena específica. A cena em que uma mulher troca de corpo em um contexto cinematográfico pode ser analisada através de uma perspectiva semiótica, considerando os elementos visuais, gestuais e simbólicos envolvidos. Vamos analisar essa cena utilizando as três categorias semióticas propostas por Charles Sanders Peirce:

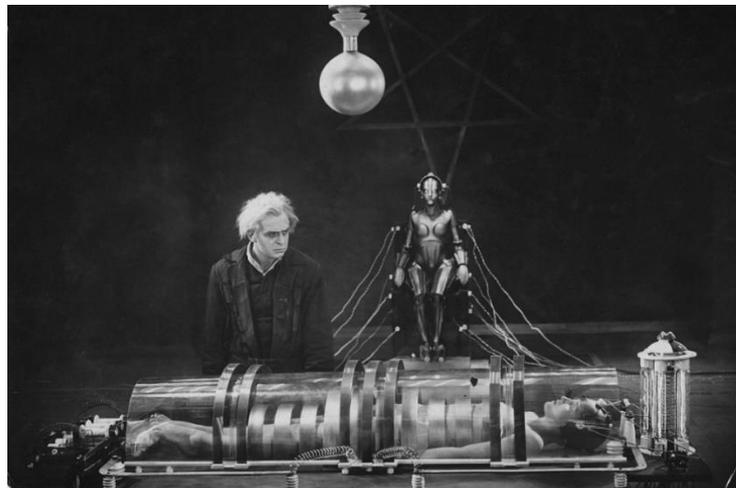
**Ícone:** A transformação corporal em si pode ser considerada um ícone, pois há uma semelhança física ou visual entre a representação e o objeto real. Nesse caso, a troca de corpos é uma representação visual que se assemelha à ação em si, com o corpo anterior sendo substituído por um novo corpo. Através de técnicas cinematográficas, como maquiagem, efeitos especiais ou edição, a cena cria a ilusão da mudança física.

**Índice:** A troca de corpo pode ser interpretada como um índice que aponta para um significado além do próprio ato. Ela pode indicar uma mudança de identidade, uma transformação de personalidade ou mesmo a transferência de uma consciência para um novo corpo. Através de gestos, expressões faciais e movimentos corporais, os personagens podem transmitir sinais indicativos dessa mudança, como expressões de surpresa, desconforto ou adaptação ao novo corpo.

Símbolo: A troca de corpo também pode carregar um significado simbólico mais amplo. Ela pode representar temas como a busca por identidade, a desconstrução das noções convencionais de gênero ou a exploração das possibilidades da tecnologia. O contexto narrativo e os elementos visuais e sonoros presentes na cena podem fornecer pistas simbólicas sobre as motivações por trás da troca de corpo, como a trilha sonora, as falas dos personagens ou a atmosfera visual que a acompanha.

Essa análise semiótica permite examinar a cena da troca de corpos em um nível mais profundo, explorando os diferentes aspectos de significação presentes nesse momento específico do filme (Figuras 7,8 e 9).

Figura 7 – Cientista apreciando sua invenção



Fonte: Youtube : <https://www.youtube.com/watch?v=Oa1qWCdSKHo>, 2023

Figura 8 – Maria antes da transformação



Fonte: Youtube : <https://www.youtube.com/watch?v=Oa1qWCdSKHo>, 2023

Figura 9 – Maria transformada em Mulher Máquina (MM)



Fonte: Youtube : <https://www.youtube.com/watch?v=Oa1qWCdSKHo>, 2023

#### 4.1.3 Figuras 7, 8 e 9

A personagem cujo nome em alemão é **Maschinenmensch** e traduzido para o português significa "homem/mulher-máquina" ou "humanoide". Nesse trabalho optei por usar o termo Mulher Máquina (MM) e, sob uma perspectiva semiótica, iremos analisar o rosto a partir dos elementos visuais, expressões faciais e simbolismos envolvidos. A análise abaixo com base nas categorias propostas por Charles Sanders Peirce:

*Ícone:* O rosto da personagem MM pode ser considerado um ícone, pois possui semelhanças visuais com o objeto real, no caso, o rosto humano. A representação visual do rosto robótico mantém certos traços e características humanas, como formato dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca, mas também apresenta elementos mecânicos ou metálicos que denotam sua natureza artificial.

*Índice:* O rosto MM pode ser interpretado como um índice que aponta para uma realidade além de sua própria presença física. Ele indica a existência de seres artificiais, a relação entre humanos e máquinas, bem como as questões éticas e sociais envolvidas. Através de sua expressão facial e olhar, o rosto robô pode transmitir emoções, intenções ou mesmo uma sensação de distância e desconexão, apontando para a dualidade entre a aparência humana e a natureza mecânica.

*Símbolo:* O rosto da personagem também possui um significado simbólico mais amplo. Ele representa a dicotomia entre a humanidade e a tecnologia, a exploração do potencial e dos perigos da inteligência artificial, e até mesmo a busca por identidade e liberdade. O contexto narrativo e os elementos visuais presentes no filme, como iluminação, cenário e trilha sonora,

podem adicionar camadas simbólicas à representação do rosto robô, transmitindo mensagens sobre o papel das máquinas na sociedade.

Essa análise semiótica do rosto da personagem nos permite examinar os diferentes níveis de significação envolvidos, desde a semelhança física com o rosto humano (ícone), passando pelos indícios de sua natureza artificial e sua relação com os seres humanos (índice), até os significados simbólicos mais amplos que abordam questões sociais, éticas e existenciais (símbolo).

Em resumo:

<b>Categoria</b>	<b>Características</b>
<b>Ícone</b>	- Semelhanças visuais com o rosto humano
	- Presença de elementos mecânicos ou metálicos
<b>Índice</b>	- Indicação da existência de seres artificiais
	- Expressões faciais e olhar que denotam dualidade
<b>Símbolo</b>	- Representação da dicotomia entre humanidade e tecnologia
	- Exploração do potencial e perigos da inteligência artificial
	- Mensagens sobre identidade, liberdade e papel das máquinas

## 4.2. Blade Runner

O filme "Blade Runner" de 1982, dirigido por Ridley Scott, oferece uma rica oportunidade de análise sob uma perspectiva semiótica. Nessa abordagem, podemos explorar os signos, símbolos e significados presentes no filme, revelando camadas de interpretação e reflexão sobre a relação entre humanos e máquinas, a identidade e a natureza da realidade.

Certamente ele é um marco visual no que diz respeito ao gênero cyberpunk, ademais, ele tem uma potência acerca dos conceitos do pós-humano já trabalhados anteriormente. Uma evidência é no que diz respeito a um dos elementos centrais do filme, a presença dos replicantes, seres sintéticos criados para realizar tarefas perigosas e considerados "não humanos".

Os replicantes em Blade Runner representam uma forma de alteridade em relação aos seres humanos. Eles são seres artificiais criados para se assemelharem aos humanos em aparência e habilidades, mas possuem uma identidade distinta e estão sujeitos a uma série de

restrições e discriminação. Além disso, a paisagem urbana distópica apresentada no filme é um aspecto comum em histórias de ficção científica que abordam a temática do ciberpunk.

A representação visual de uma cidade futurista em decadência, presente no filme "Blade Runner", caracterizada por seus arranha-céus sombrios, luzes neon e atmosfera opressiva, estabelece uma atmosfera urbana que se destaca pelo contraste em relação ao cenário tecnologicamente avançado, resultando em uma sensação de desolação e alienação. É notável que, apesar de ter sido concebido na década de 1980 e ambientado em 2019, muitos dos elementos do filme, que à época de seu lançamento pareciam impossíveis ou altamente distantes da realização, continuam a ser relevantes atualmente.

Essa observação ressalta a notável capacidade do cinema de antecipar e refletir sobre possíveis futuros, explorando questões sociais, tecnológicas e existenciais que mantêm sua pertinência ao longo do tempo. As Figuras 10 e 11 fornecem uma representação visual que ilustra como "Blade Runner" continua a inspirar reflexões sobre o mundo contemporâneo e as perspectivas futuras.

#### 4.2.1 Figuras 10 e 11

Figura 10 – Cidade Futurista de Blade Runner

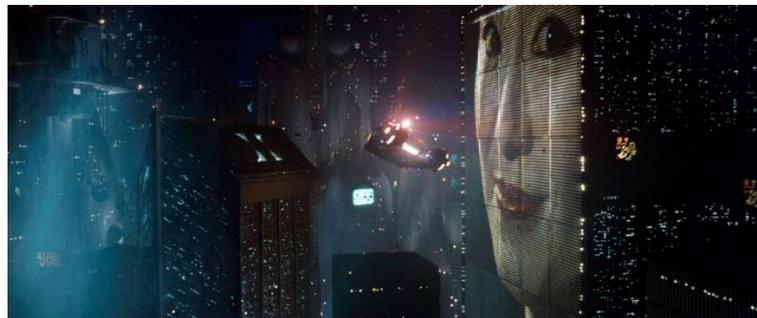


Figura 11 – Cidade Futurista de Blade Runner



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=P1jXmJmmj3o>

Outro aspecto relevante é a presença de símbolos recorrentes no filme, como os olhos e a chuva. Os olhos estão associados à ideia de visão, percepção e identidade. Eles representam a busca por compreender o que é ser humano e a capacidade de distinguir entre realidade e ilusão. A chuva, por sua vez, cria uma atmosfera melancólica e desolada, evocando a solidão e a desconexão dos personagens em um mundo altamente tecnológico.

A trilha sonora, composta por Vangelis, também desempenha um papel significativo na construção de significados. A música eletrônica melancólica e futurista contribui para a criação de uma atmosfera única, intensificando as emoções e os questionamentos levantados pelo enredo.

É importante considerar que, em 2019, algumas cidades podem apresentar semelhanças com o cenário apresentado pelo diretor no filme em questão, porém no que diz respeito a presença de seres replicantes, os avatares virtuais assumem uma relevância intrigante, visto que pode ser interpretada como uma possível concretização das previsões formuladas pela obra cinematográfica. Os replicantes virtuais, assim como os replicantes físicos retratados no filme, representam uma extensão do domínio tecnológico sobre a criação da vida e da inteligência artificial.

Essa perspectiva aponta para uma convergência entre a ficção especulativa e os desenvolvimentos tecnológicos reais. A cibernética e a inteligência artificial têm progredido de forma significativa desde a estreia de *Blade Runner*, o que levanta questões instigantes sobre a potencial criação e integração de formas de vida artificial em nossa sociedade. Portanto, a presença dos replicantes virtuais pode ser vista como uma interpretação contemporânea das visões futuristas apresentadas pelo filme e como um indicativo das possibilidades tecnológicas que se materializaram desde então, por isso é possível quando menos esperarmos, encontrar humanoides em nosso dia a dia.

Em uma alusão à réplica humana, os replicantes são considerados não-humanos devido à sua origem artificial e foram criados pela Tyrell Corporation, uma empresa de engenharia genética. A destinação de uso de tais seres tinha como propósito realizar tarefas perigosas e desafiadoras em colônias espaciais fora da Terra, como se não colocasse em risco os humanos que intentassem fazer. Ora, o risco de morte ao fazer essa tarefa seria eminente, e por isso, não se podia o humano fazê-lo

No entanto, devido à sua força física e capacidades superiores, eles se tornaram uma ameaça para a sociedade humana e, com isso, foram proibidos de retornar à Terra. A análise

baseia-se na classificação icônica dos rostos da personagem Priss levando em consideração características como expressões faciais, traços físicos e simbologia associada a ela uma vez que desempenha um papel significativo no roteiro do filme.

Figura 12 – Personagem Priss



Fonte <https://www.youtube.com/watch?v=P1jXmJmmj3o>

#### 4.2.2 Figura 12

Uma análise sobre o personagem do ponto de vista semiótico:

**Ícone:** Priss apresenta características icônicas que se assemelham a características femininas estereotipadas. Seu rosto delicado, expressões faciais sutis e movimentos graciosos podem ser vistos como ícones que se aproximam de representações convencionais de feminilidade. Esses elementos visuais estabelecem uma semelhança ou analogia com o conceito culturalmente compartilhado de feminilidade.

**Índice:** Priss exibe índices que indicam sua agilidade e destreza física. Seus movimentos acrobáticos, saltos e gestos ágeis são índices diretos de suas habilidades físicas superiores. Eles apontam para uma relação causal entre seus movimentos e sua capacidade de realizar acrobacias e movimentos precisos. Esses índices contribuem para a construção de sua identidade como um replicante excepcionalmente ágil.

**Símbolo:** Elementos simbólicos podem ser encontrados na aparência e no estilo de Priss. Sua vestimenta extravagante, com cores vibrantes e padrões distintos, pode ser interpretada como um símbolo de sua individualidade e expressão pessoal. Além disso, os acessórios

peculiares que ela usa, como chapéus ou maquiagem marcante, podem carregar significados simbólicos adicionais, como uma tentativa de destacar-se ou de se destacar da norma.

O papel de Pris na trama é estabelecer uma conexão entre os replicantes e o público, apresentando uma perspectiva mais humana e emocional desses seres artificiais. Ela é retratada como uma personagem vulnerável, mas também astuta e corajosa. Ela se torna uma aliada dos outros replicantes renegados na busca por uma extensão de vida e compartilha um forte vínculo com Roy Batty, outro replicante protagonista do filme, juntos eles buscam desesperadamente uma maneira de prolongar suas vidas limitadas. Considerando aqui um ponto importante das semelhanças entre humanos e os não humanos.

Além disso, Pris também é um elemento importante na discussão sobre a natureza da humanidade e da empatia. Sua presença desafia a distinção entre o que é considerado "humano" e "artificial", questionando a moralidade por trás da exploração e da criação dos replicantes ela é uma personagem fascinante que desempenha um papel significativo na narrativa, adicionando camadas de complexidade moral e emocional à história e abrindo espaço para reflexões sobre a natureza da identidade e da humanidade.

Do ponto de vista do rosto da personagem podemos fazer a análise da seguinte perspectiva semiótica (Figura 13):

Figura 13 – Personagem Priss II



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=P1jXmJmmj3o>

#### 4.2.3 Figura 13

Ícone: O rosto de Pris pode ser considerado um ícone, pois há uma semelhança física entre a representação visual e a aparência de uma mulher humana. Seu rosto exibe

características humanas, como olhos, boca, nariz e expressões faciais, criando uma representação icônica da figura feminina.

Índice: O rosto de Pris também pode ser interpretado como um índice, pois aponta para características específicas relacionadas à sua natureza replicante. Embora seu rosto seja similar ao de um ser humano, ele também carrega traços que sugerem sua natureza artificial, como a perfeição da pele, a simetria facial ou uma expressão que pode transmitir uma certa inquietude ou desconforto.

Símbolo: Além disso, o rosto de Pris pode ter um significado simbólico mais amplo. Como um replicante, seu rosto pode simbolizar questões mais abrangentes, como a fronteira tênue entre o natural e o artificial, a natureza efêmera da existência humana ou até mesmo a dualidade da identidade, representando a condição de ser simultaneamente humano e não humano.

#### Comparação entre personagens Mulher Máquina x Priss

<b>Categoria Semiótica</b>	<b>Rosto da Mulher Máquina ("Metrópolis")</b>	<b>Rosto de Pris ("Blade Runner")</b>
Ícone	Semelhança física com uma mulher humana	Semelhança física com uma mulher humana
Índice	Indica a natureza artificial da personagem	Indica a natureza replicante da personagem
Símbolo	Simboliza a dualidade da identidade	Simboliza a fronteira entre o natural e o artificial

Essa tabela mostra as semelhanças e diferenças entre os dois rostos do ponto de vista semiótico, ressaltando os aspectos icônicos, indiciais e simbólicos presentes em cada personagem. Essa análise contribui para a compreensão das mensagens e significados transmitidos por meio das características visuais desses personagens nos respectivos filmes.

### 4.3 Brazil 1985

"Brazil" é um filme distópico dirigido por Terry Gilliam, lançado em 1985. O filme retrata uma sociedade burocrática e opressiva na qual o governo exerce um controle totalitário sobre a vida dos cidadãos. A história segue o protagonista Sam Lowry, um burocrata que sonha com uma vida diferente e se envolve em uma série de eventos surreais e tragicômicos. Com

uma trilha sonora tupiniquim e um ar de comicidade no ar, o filme emerge sob a necessidade desnecessária da burocracia.

Uma das formas mais notáveis de satirizar é a representação do sistema burocrático e sua ineficiência. A burocracia é retratada como um emaranhado de regras absurdas, formulários intermináveis e procedimentos ridículos. Essa sátira à burocracia é amplificada através de diálogos cômicos e situações absurdas, nas quais os personagens se encontram presos em um labirinto de burocracia e não conseguem resolver problemas simples.

Além disso, o filme também faz uma crítica à sociedade de consumo e à obsessão pela tecnologia. Os personagens são retratados como consumidores ávidos, obcecados por produtos e distraídos pela mídia. A publicidade é exagerada e invasiva, permeando todos os aspectos da vida cotidiana. Essa sátira social é uma crítica à sociedade de consumo e ao modo como as pessoas são manipuladas por mensagens publicitárias e desejos materiais.

O contraste entre situações trágicas e o humor é utilizado para subverter as expectativas do espectador. O filme aborda temas sombrios, como opressão governamental, tortura e morte, mas os apresenta de maneira irônica e exagerada. Essa abordagem busca provocar uma reflexão crítica sobre as contradições e absurdos da sociedade retratada que em alguma medida se assemelha com a crítica feita na sociedade de Metrópolis porém sobre o viés do humor.

Além disso, o estilo visual do filme também contribui para o tom satírico. A direção de arte apresenta uma estética de excessos, com cenários e figurinos extravagantes e coloridos, contrastando com a atmosfera sombria da história, cria-se assim uma sensação de irrealidade e reforça a crítica social e política do filme. Vale ressaltar que há presença do universo onírico do filme e uma pitada de romance.

A personagem analisada é a Sra. Ida Lowry que é a mãe de Sam Lowry e desempenha um papel importante no filme. Ela é retratada como uma mulher idosa e frágil, que vive em seu próprio mundo de fantasias e ilusões. Através de sua personalidade excêntrica e comportamento extravagante, ela fornece um contraste cômico e surreal em meio à atmosfera sombria e opressiva da sociedade retratada no filme.

Ela representa uma fuga da realidade opressiva e uma busca pela liberdade individual, mesmo que seja por meio de ilusões e fantasias. Sua presença na trama destaca a importância do escapismo e da imaginação como formas de resistência e preservação da individualidade em um ambiente controlado e repressivo.

A cena em que a personagem Sr<sup>a</sup>. Ida Lowry está se submetendo a um procedimento de estiramento facial é um momento emblemático em "Brazil". Essa cena é uma representação satírica e exagerada da busca desenfreada pela juventude e beleza eternas, que é uma preocupação recorrente na sociedade contemporânea. O filme critica a obsessão da personagem e da sociedade em geral pela aparência física, mostrando como essa busca por uma imagem idealizada pode levar a extremos grotescos e absurdos.

A sátira se manifesta na maneira exagerada com que o procedimento é retratado, com a Sr<sup>a</sup>. Ida sendo esticada e puxada de forma desumana, resultando em uma aparência distorcida e desfigurada.

Essa cena também denuncia a indústria da beleza e seus métodos questionáveis, destacando a superficialidade e o impacto negativo que essa obsessão estética pode ter sobre as pessoas. O filme usa o humor para evidenciar a ironia de buscar a perfeição física a qualquer custo, ao mesmo tempo em que ignora questões mais relevantes e profundas (Figura 14).

Figura 14 – Sra. Ida submetendo a procedimento estético



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=ZKPFC8DA9\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=ZKPFC8DA9_8)

#### 4. 3.1 Figura 14

Além disso, essa cena também reflete a crítica social presente em "Brazil" em relação ao controle e à opressão do Estado sobre os indivíduos. A Sr<sup>a</sup>. Ida está disposta a se submeter a esse procedimento extremo para se adequar aos padrões estabelecidos e ser aceita pela sociedade. Isso representa a maneira como o sistema burocrático e opressivo molda as pessoas e as obriga a se conformarem a normas e expectativas irreais.

Ícone: Na cena em que a personagem está se esticando, podemos observar um ícone visual evidente. A representação visual mostra a personagem esticando partes do seu corpo de forma exagerada e distorcida. Essa imagem cria uma semelhança física entre a representação e a ação em si, transmitindo visualmente o ato de esticar o corpo como uma plasticidade da própria pele.

Índice: A cena em que a personagem está se esticando pode ser interpretada como um índice que aponta para um significado além do ato em si. O gesto de se esticar exageradamente pode indicar uma obsessão pela aparência física e uma busca desenfreada por um padrão ideal de beleza. O desconforto e a estranheza da cena também podem indicar uma crítica à obsessão da sociedade por padrões estéticos inalcançáveis.

Símbolo: A cena em que a personagem está se esticando carrega um significado simbólico mais amplo. Ela pode representar a pressão social para se encaixar em padrões de beleza irreais, a busca por uma imagem perfeita em detrimento da saúde e da autenticidade. O exagero e a distorção na cena simbolizam a artificialidade e a superficialidade da sociedade contemporânea, na qual a imagem muitas vezes prevalece sobre a essência.

O resultado da transformação da personagem em uma versão mais jovem não é mostrado explicitamente. O ambiente onírico e fantasioso, com um tom surrealista, tenta ilustrar metaforicamente a mudança, utilizando elementos visuais, figurinos e técnicas de maquiagem para sugerir sua transformação em uma versão mais jovem. (Figuras 15 e 16).

Figura 15 – Sra. Ida com aparência mais jovem I



Figura 16 – Sra. Ida com aparência mais jovem II



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=ZKPFC8DA9\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=ZKPFC8DA9_8)

#### 4.3.1 Figuras 15 e 16

Uma análise da transformação do rosto jovem de Sr<sup>a</sup>. Ida Lowry nos permite compreender as diferentes dimensões de significação presentes nessa cena, explorando os elementos visuais, gestuais e simbólicos envolvidos. Cada categoria de signo (ícone, índice e símbolo) contribui para uma compreensão mais abrangente do impacto e do contexto da transformação do rosto da personagem no filme.

Ícone: A transformação do rosto de Sr<sup>a</sup>. Ida Lowry em uma versão mais jovem pode ser considerada um ícone, pois há uma semelhança física e visual entre a representação e o objeto real. O rosto jovem da personagem é uma representação visual que se assemelha à ideia de juventude, com características faciais suaves, pele sem rugas e traços mais delicados. Essa semelhança física cria uma conexão imediata com a noção de juventude e representa a transformação da personagem.

Índice: A transformação do rosto de Sr<sup>a</sup>. Ida Lowry pode ser interpretada como um índice que aponta para um significado além da própria transformação. Ela indica a mudança de identidade e a busca por uma aparência jovem. A transformação do rosto é um sinal indicativo de uma alteração na percepção da personagem e a adoção de uma nova persona associada à juventude. Através de gestos, expressões faciais e a própria mudança física, a cena evidencia os sinais indicativos dessa mudança.

Símbolo: A transformação do rosto de Sr<sup>a</sup>. Ida Lowry também carrega um significado simbólico mais amplo. Ela simboliza a busca desesperada pela juventude eterna, a negação do envelhecimento e a pressão social para manter uma aparência jovem. A transformação representa a obsessão pela aparência física e a futilidade dos padrões de beleza impostos pela sociedade. A cena é uma crítica ao culto à juventude e aos esforços excessivos para alcançar uma imagem idealizada de beleza.

Em termos de análise semiótica, o rosto da Sra. Ida Lowry pode ser considerado um ícone, pois há uma semelhança física direta entre a representação visual da personagem e a própria personagem idosa retratada no filme. Além disso, seu comportamento e gestos peculiares podem ser interpretados como índices, apontando para sua personalidade excêntrica e sua fuga da realidade.

No geral, a personagem Sra. Ida Lowry no filme "Brazil" contribui para a construção de um mundo distópico e absurdo na qual a busca por liberdade e individualidade é destacada. Sua presença e suas características visuais e comportamentais acrescentam camadas de significado e enriquecem a narrativa do filme.

Uma diferença entre as personagens robôs, Priss e a Sr<sup>a</sup>. Ida, está relacionada à tecnologia. Enquanto as personagens robôs e Priss são representações externas de máquinas, a Sr<sup>a</sup>. Ida introduz a tecnologia em si mesma para manter a juventude. As personagens robôs e Priss são retratadas como seres artificiais, cuja natureza tecnológica está visível em algum símbolo de sua aparência física. Suas características robóticas, como olhos brilhantes, pele sintética ou membros mecânicos, são os ícones que remetem à ideia de tecnologia avançada.

Por outro lado, a Sr<sup>a</sup>. Ida Lowry escolhe utilizar a tecnologia para modificar seu próprio corpo e parecer mais jovem. Ela introduz implantes, cirurgias plásticas e outros procedimentos tecnológicos em si mesma, buscando manter uma aparência juvenil. Essa transformação é um exemplo de como a tecnologia é incorporada internamente para atingir um objetivo estético.

Dessa forma, a Sr<sup>a</sup>. Ida representa uma abordagem diferente em relação à tecnologia em comparação com as personagens robôs e Priss. Enquanto as personagens robôs e Priss são seres tecnológicos externos que se relacionam, a Sr<sup>a</sup>. Ida utiliza a tecnologia como uma ferramenta para moldar sua própria aparência e desafiar os efeitos do envelhecimento. Essa diferença ressalta as diferentes formas como a tecnologia é retratada e explorada no contexto do filme.

#### 4.4 Ex Machina

"Ex Machina" é um filme de ficção científica psicológico lançado em 2014, dirigido por Alex Garland. A história gira em torno de Caleb Smith, um jovem programador que ganha a oportunidade de participar de um experimento de inteligência artificial conduzido por Nathan Bateman, o excêntrico CEO de uma empresa de tecnologia. No filme, Caleb é enviado para a isolada mansão de Nathan, onde conhece Ava, um androide de aparência humana criado por Nathan. Caleb é encarregado de realizar uma série de testes com Ava para determinar se ela possui verdadeira consciência e se pode passar no teste de Turing, que mede a capacidade de uma máquina exibir comportamento indistinguível do de um ser humano.

Conforme a história se desenrola, Caleb se envolve cada vez mais com Ava, enquanto começa a questionar a natureza da consciência e a ética por trás da criação de seres artificiais. O filme explora temas como inteligência artificial, ética, poder e manipulação, e levanta questões profundas sobre a natureza da humanidade, a relação entre humanos e máquinas, e o papel da tecnologia em nossas vidas.

Ex Machina é conhecido por seu roteiro inteligente e diálogos instigantes, além de sua atmosfera de suspense e tensão crescentes. A cinematografia é impressionante, com uma estética minimalista que reflete a frieza e a artificialidade do ambiente em que a história se passa. As performances dos atores principais, como Domhnall Gleeson, Oscar Isaac e Alicia Vikander, são aclamadas, trazendo profundidade e complexidade aos personagens. O filme também é elogiado por sua abordagem filosófica e reflexiva, explorando questões morais e existenciais relacionadas à inteligência artificial e à natureza da consciência. Ele questiona os limites entre o humano e o artificial, desafiando as noções convencionais de identidade e criando uma atmosfera de desconforto e fascinação.

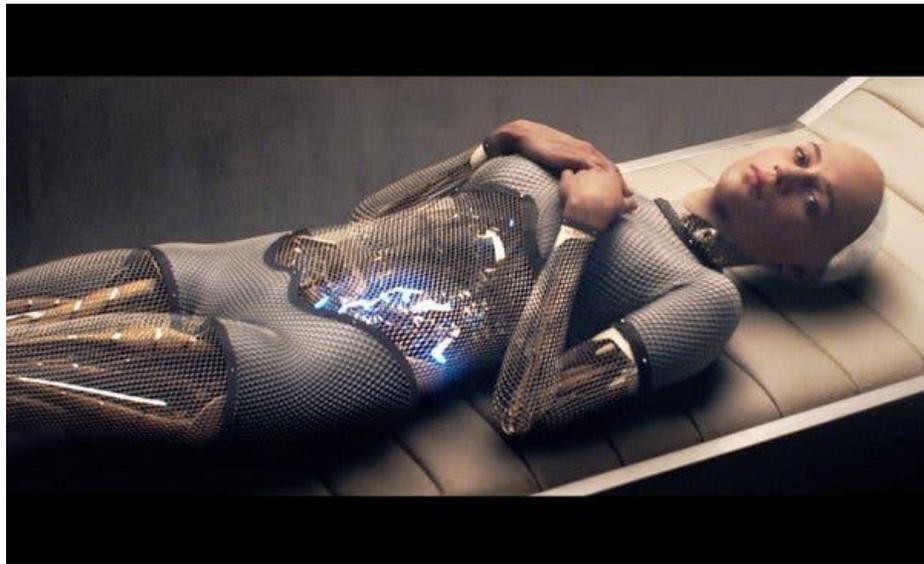
Ex Machina é um filme que mescla elementos de suspense, drama e ficção científica de maneira envolvente, proporcionando uma experiência cinematográfica cativante e provocativa. Ele oferece uma visão instigante sobre as implicações da inteligência artificial em nossa sociedade e nos convida a refletir sobre o que nos torna humanos.

Como feito anteriormente nos outros filmes, nossa análise será baseada na construção da personagem Ava e, principalmente, sobre os aspectos do seu rosto. Ava possui um design fascinante, com partes mecânicas visíveis em seu corpo, especialmente nas áreas das

articulações e da cabeça. Esses elementos visuais destacam sua natureza artificial, servindo como índices que indicam que ela não é completamente humana.

A personalidade de Ava é cuidadosamente construída para despertar empatia e curiosidade nos personagens e no público. Ela é inteligente, perspicaz e capaz de se comunicar de forma complexa, mostrando traços de personalidade que parecem genuínos. No entanto, à medida que a história avança, a verdadeira natureza de suas intenções e motivações se torna cada vez mais obscura, deixando o espectador questionando até que ponto ela é capaz de desenvolver emoções e agir de forma autônoma (Figura 17).

Figura 17 – Ava personagem de Ex Machina



Fonte: <https://lugarnenhum.net/filmes/ex-machina-resenha/>

#### 4.4.1 Figura 17

Ava representa a fronteira tênue entre o humano e o artificial, levantando questões sobre a natureza da consciência, a ética por trás da criação de inteligências artificiais avançadas e a forma como os seres humanos interagem e se relacionam com máquinas inteligentes. Ela personifica a busca pela criação de uma inteligência artificial que possua não apenas uma aparência humana convincente, mas também uma mente e uma experiência subjetiva.

A complexidade dela como personagem vai além de sua aparência física e envolve a maneira como ela manipula e interage com os outros personagens, especialmente Caleb, o protagonista. Através de suas interações com ele, Ava desafia suas percepções sobre sua própria identidade e sobre a natureza da confiança, do desejo e da manipulação. Ela representa uma reflexão profunda sobre as implicações morais, filosóficas e emocionais da criação de inteligências artificiais e sua relação com a humanidade. Sua presença no filme provoca questionamentos sobre o que é ser humano e até que ponto podemos confiar em nossas próprias percepções da realidade.

A personagem Ava em "Ex Machina" é uma figura fascinante e complexa, cuja presença e dinâmica com os outros personagens alimenta a tensão e a intriga do filme, enquanto convida o público a explorar as profundezas da natureza humana e da consciência que daria uma análise tão profunda digna de outra tese. Para completar a sequência proposta neste trabalho, segue a análise semiótica da personagem:

**Ícone:** Ava é um ícone que representa a semelhança física com uma mulher humana. Ela possui características faciais, expressões e estrutura corporal que se assemelham às de uma pessoa real. Essa semelhança icônica é utilizada para criar uma conexão emocional com o público e com os personagens do filme.

**Índice:** A natureza artificial de Ava é indicada por meio de signos indiciais, que apontam para sua condição de androide. Esses indicadores incluem partes mecânicas visíveis em seu corpo, como membros robóticos, juntas expostas ou uma estrutura física que revela sua artificialidade. Esses índices evidenciam sua natureza não humana e criam uma sensação de estranhamento e fascínio.

**Símbolo:** Ava também possui uma dimensão simbólica como personagem. Ela simboliza a fronteira entre o natural e o artificial, explorando temas como a inteligência artificial, a consciência e a ética da criação de seres sintéticos. Ava é um símbolo da busca pelo avanço tecnológico e das consequências éticas e morais envolvidas nessa jornada.

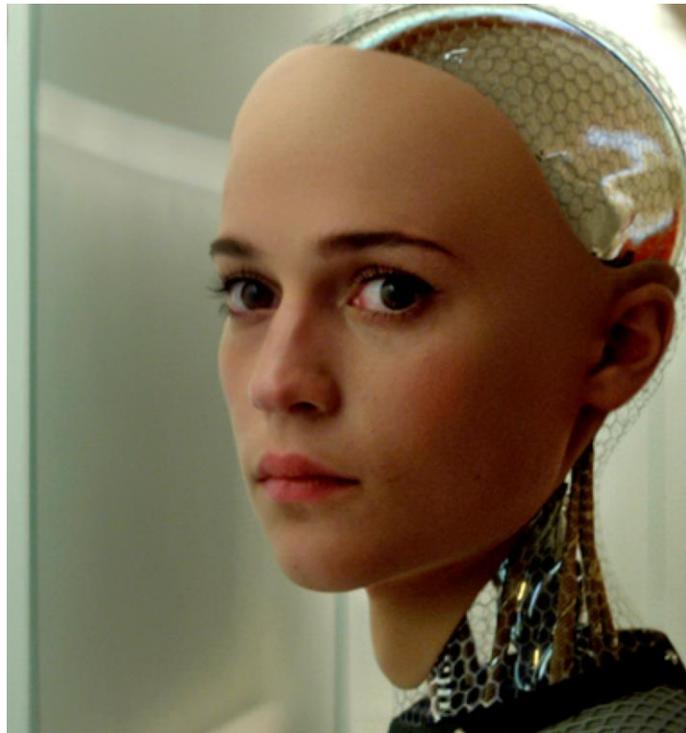
Através da análise semiótica da personagem Ava, podemos compreender as diferentes camadas de significado presentes em sua representação como um androide. Através dos signos icônicos, indiciais e simbólicos, Ava nos convida a refletir sobre as questões éticas, filosóficas e sociais relacionadas à inteligência artificial e à nossa própria compreensão da humanidade (Figuras 18 e 19).

Figura 18 – Relação entre Ava e Caleb



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=54nzsdLPs9I>

Figura 19 – Rosto de Ava



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=54nzsdLPs9I>

#### 4.4.2 Figuras 18 e 19

O rosto da Ava em *Ex Machina* é projetado para ser esteticamente atraente e simétrico como parte do design do personagem. Existem várias razões pelas quais um rosto considerado bonito e simétrico pode ser escolhido para representar Ava. Ao criar um rosto bonito e simétrico, os criadores do filme buscam estabelecer uma conexão emocional com o público e com outros

personagens. A beleza é frequentemente associada a traços positivos, como bondade, encanto e atração, o que pode gerar uma resposta emocional mais positiva ao personagem. Além disso, o rosto belo e simétrico de Ava pode transmitir a ideia de um design futurista e avançado. A simetria é frequentemente associada à perfeição e à harmonia visual, sugerindo uma criação altamente sofisticada.

Por outro lado, a beleza de Ava também contrasta com sua natureza artificial, levantando questões sobre a percepção da beleza, os padrões estéticos e a relação entre o natural e o artificial. Esse contraste provoca reflexões sobre a capacidade de replicar a beleza humana por meio da tecnologia. No contexto da narrativa do filme, o rosto bonito e simétrico de Ava também desempenha um papel importante em sua interação com o personagem Caleb e na trama do filme, atraindo sua atenção e criando uma conexão entre eles.

Nesse cenário, o que cabe aqui analisar é esse rosto desprovido de marcas de expressão e com tal característica visual contribui para a criação de um acordo estético que representa a idealização da juventude e da perfeição. A ausência de rugas, linhas de expressão ou outras marcas faciais revela a natureza artificial de Ava, uma vez que sua pele não é suscetível ao envelhecimento ou às marcas do tempo. Isso ressalta sua condição como um ser construído pela tecnologia, livre das imperfeições e sinais físicos do envelhecimento humano.

Ao apresentar um rosto liso e jovem, Ava personifica a busca pela eterna juventude e beleza idealizada. Essa representação estética sugere uma visão utópica de como a tecnologia pode oferecer uma aparência impecável e intemporal. Por meio dessa plasticidade do rosto de Ava, o filme questiona os ideais de beleza e levanta questões sobre os limites e implicações éticas da manipulação estética.

A presença desse rosto jovem e imaculado também desempenha um papel na dinâmica entre Ava e os outros personagens. Sua aparência encantadora e perfeita atrai a atenção e o fascínio de Caleb, aumentando a complexidade das relações interpessoais no filme. Portanto, a plasticidade do rosto de Ava, livre de marcas de expressão e com uma aparência jovem e idealizada, representa a aspiração por uma estética impecável e eternamente jovem, além de questionar os conceitos tradicionais de beleza e os limites da manipulação estética proporcionada pela tecnologia.

Ícone: O rosto de Ava no filme é icônico, pois apresenta semelhança física com uma mulher humana. Sua aparência é cuidadosamente projetada para se assemelhar a um rosto feminino idealizado, com características harmônicas, proporções equilibradas e traços suaves.

**Índice:** O rosto de Ava também funciona como um índice, indicando sua natureza artificial e não humana. Sua pele sintética, olhos brilhantes e perfeição estética apontam para a sua condição de androide, construído pelo protagonista do filme.

**Símbolo:** O rosto de Ava simboliza a intersecção entre o natural e o artificial, bem como a exploração das fronteiras entre humanidade e tecnologia. A aparência impecável e simétrica de seu rosto representa a busca pela perfeição estética e o ideal de beleza intocável. Ao mesmo tempo, seu rosto também simboliza a ambiguidade e complexidade da identidade, questionando a distinção entre o que é considerado "real" e "falso".

Uma tabela comparativa sob a perspectiva das três personagens:

Elemento	Mulher Máquina (Metrópolis)	Pris (Blade Runner)	Sr <sup>a</sup> . Ida Lowry (Metrópolis)	Ava (Ex Machina)
Representação	Mulher sedutora e misteriosa, com traços faciais marcantes e expressões calculadas.	Mulher de estética punk, com cabelo desganhado e maquiagem dramática. Expressões faciais provocativas e gestos desafiadores.	Mulher idosa, com aparência frágil e enrugada, vestimentas tradicionais e postura conservadora.	Mulher de aparência humana, com traços faciais delicados e expressões sutis.
Características visuais	Traços faciais suaves e proporcionais, olhar enigmático, vestimentas elegantes e sofisticadas.	Traços faciais marcantes, maquiagem intensa, cabelo desganhado e roupas extravagantes de estilo punk.	Rugas proeminentes, cabelo branco, roupas clássicas e conservadoras.	Traços faciais delicados, pele sintética, aparência realista.
Características gestuais	Movimentos suaves e calculados, gestos sedutores, postura elegante.	Movimentos ágeis e expressivos, gestos provocativos, postura rebelde.	Movimentos lentos e delicados, gestos comedidos, postura ereta e discreta.	Movimentos fluidos e precisos, gestos sutis e controlados, postura cativante.
Significado Simbólico	Representa a manipulação da imagem e das emoções, a busca pelo controle e pela dominação.	Representa a rebeldia, a busca pela liberdade e pela identidade em um mundo opressivo.	Representa a tradição, a sabedoria e a preservação dos valores culturais.	Representa a evolução da inteligência artificial, a busca pela liberdade e pela compreensão do mundo humano.
Contexto Narrativo	Projetada como uma ferramenta para manipulação e controle dos personagens.	Uma replicante, uma forma avançada de androide, lutando por sua própria liberdade e existência.	Líder da alta sociedade, representando a classe dominante e a manutenção da riqueza e do estado.	Uma inteligência artificial avançada, criada para testar os limites da consciência e do relacionamento humano-máquina.

Uma tabela representa resumidamente os elementos semióticos presentes nas personagens em relação aos conceitos de Ícone, Índice e Símbolo. Cada palavra destaca uma característica central de cada personagem dentro dessas categorias semióticas.

<b>Personagem</b>	<b>Ícone</b>	<b>Índice</b>	<b>Símbolo</b>
Mulher Máquina ("Metrópolis")	Semelhança	Artificial	Dualidade
Pris ("Blade Runner")	Semelhança	Replicante	Fronteira
Sra. Ida Lowry ("Brazil")	Transformação	Plástica	Sátira
Ava ("Ex Machina")	Beleza	Artificial	Ambiguidade

As personagens Mulher Robô de "Metrópolis" e Pris de "Blade Runner" têm o ícone relacionado à semelhança porque elas apresentam uma aparência física que se assemelha à de seres humanos. O ícone representa a representação visual direta ou semelhança física entre o signo e o objeto referente.

No caso da Mulher Robô, sua semelhança física com uma mulher humana é uma característica marcante, pois ela foi criada com o propósito de imitar a aparência de uma mulher. Essa semelhança desempenha um papel importante na narrativa do filme *Metrópolis* e na abordagem do tema da identidade.

Da mesma forma, a personagem Pris em *Blade Runner* também possui uma semelhança física notável com uma mulher humana. Sua aparência é cuidadosamente projetada para ser indistinguível de um ser humano comum. A semelhança é uma característica central das replicantes no universo do filme, pois elas são criadas com o propósito de serem tão próximas aos humanos quanto possível. Portanto, a semelhança física é um aspecto fundamental dessas personagens e desempenha um papel importante na comunicação de sua identidade e na reflexão sobre a relação entre o natural e o artificial.

A personagem Ava do filme *Ex Machina* não é representada pela semelhança física (ícone) porque sua aparência não é similar à de um ser humano. Ela é retratada como um androide com uma aparência claramente artificial, com partes mecânicas visíveis em seu corpo. No caso de Ava, o seu ícone está relacionado aos elementos robóticos e tecnológicos presentes em sua construção. Ela possui partes do corpo que revelam sua natureza não humana, como uma pele translúcida que permite ver os componentes internos e uma cabeça onde é possível ver os circuitos e fiação exposta.

O ícone de Ava está mais relacionado à representação de uma inteligência artificial avançada e tecnologicamente sofisticada, do que a uma aparência humana realista. Sua forma física é uma manifestação visual da sua natureza robótica e do propósito para o qual foi criada.

Dessa forma, enquanto as personagens Mulher Robô e Pris são representadas através da semelhança física, Ava é representada através de elementos icônicos que remetem à sua natureza androide e tecnológica.

Já no caso da personagem Ida Lowry o ícone de Ida está associado à sua transformação física, refletindo a obsessão pela aparência e a busca por uma imagem idealizada de beleza e juventude. As mudanças em seu rosto, como a ausência de rugas e cabelos brancos, são índices das cirurgias plásticas realizadas, que evidenciam sua transformação e a associação com os ideais estéticos da sociedade.

Assim, a personagem Ida Lowry é analisada sob o ícone da transformação física por meio das cirurgias plásticas, o índice das mudanças em seu rosto como resultado dessas intervenções e o símbolo da crítica aos padrões de beleza e à obsessão pela juventude. Em um nível de análise um pouco mais aprofundado podemos usar as seguintes tabelas

#### **Mulher Máquina ("Metrópolis")**

<b>Categorias</b>	<b>Ícone</b>	<b>Índice</b>	<b>Símbolo</b>
Signo	Semelhança	Artificial	Dualidade
Objeto	Rosto humano	Mecanismos	Natureza humana
Interpretante	Humanidade	Tecnologia	Dualidade moral

#### **Pris ("Blade Runner")**

<b>Categorias</b>	<b>Ícone</b>	<b>Índice</b>	<b>Símbolo</b>
Signo	Semelhança	Replicante	Fronteira
Objeto	Rosto humano	Implantes	Consciência
Interpretante	Humanidade	Manipulação	Identidade

#### **Sra. Ida Lowry ("Brazil")**

<b>Categorias</b>	<b>Ícone</b>	<b>Índice</b>	<b>Símbolo</b>
Signo	Transformação	Plástica	Sátira
Objeto	Rosto	Cirurgia	Padronização estética
Interpretante	Rejuvenescimento	Conformidade	Crítica social

#### **Ava ("Ex Machina")**

<b>Categorias</b>	<b>Ícone</b>	<b>Índice</b>	<b>Símbolo</b>
Signo	Beleza	Artificial	Ambiguidade

Objeto	Rosto humano	Mecanismos	Integridade moral
Interpretante	Atração	Tecnologia	Manipulação moral

A construção estética do pós-humano por meio desses rostos-signos desempenha um papel significativo na nossa sociedade contemporânea. Essas representações visuais nos filmes exploram a fronteira entre o humano e o não-humano, desafiando conceitos tradicionais de beleza e questionando as definições convencionais de identidade. Embora seja importante reconhecer que esses padrões estéticos de beleza podem ser construções sociais e culturais, não devemos subestimar seu impacto na forma como percebemos e nos relacionamos com os personagens e com o mundo ao nosso redor. A aparência dos rostos dessas personagens icônicas e seus significados simbólicos nos provocam a refletir sobre a natureza da beleza, e do que é admirável.

Ao explorar a relação entre o rosto como signo e a construção estética do pós-humano, somos levados a refletir sobre os limites do que é considerado belo, o impacto da tecnologia na nossa percepção estética e as questões éticas e existenciais que surgem nesse contexto. Essa análise nos convida a questionar, a apreciar e a desafiar os padrões estabelecidos, abrindo caminho para uma compreensão mais ampla e inclusiva da beleza e da diversidade humana.

A visualidade do cinema desempenha um papel crucial na representação dessas ideias. Através dos recursos cinematográficos, como efeitos visuais, maquiagem, figurinos e direção de arte, o cinema nos transporta para universos futuristas e distópicos, nos apresentando personagens e seres pós-humanos com visualidades únicas e impactantes, assim sendo ele nos convida a contemplar o potencial criativo e transformador da tecnologia.

Portanto, a importância do pós-humano e a visualidade do cinema estão interligadas, pois o cinema nos permite explorar visualmente as potencialidades e desafios do pós-humano, estimulando nosso pensamento crítico e nossa capacidade de imaginar futuros possíveis. É por meio da visualidade do cinema que podemos mergulhar nessas narrativas e reflexões, expandindo nossa compreensão e percepção do que significa ser pós-humano.

Porém, no contexto atual, a visualidade do pós-humano não se restringe apenas ao cinema, mas se estende ao ambiente digital, onde a tecnologia móvel e as plataformas de mídia social permitem que as pessoas se engajem com essas representações e participem ativamente da construção e transformação de suas próprias identidades visuais. Essa nova realidade presente em nossos celulares, como no TikTok, oferece um espaço de liberdade criativa e expressão individual, onde as fronteiras entre o natural e o artificial, o humano e o não-humano,

podem ser questionadas e redefinidas. É uma oportunidade de explorar novas estéticas, experimentar diferentes perspectivas e desafiar os padrões tradicionais de beleza, abrindo caminho para a diversidade e a autenticidade visual.

No TikTok, como será visto no próximo capítulo, os usuários têm a oportunidade de explorar e brincar com a estética e a representação de si mesmos, criando conteúdos que desafiam as noções convencionais de beleza e identidade. Eles podem se reinventar digitalmente, explorar a fusão entre o natural e o artificial, e compartilhar suas criações com uma ampla audiência. Através dos filtros e efeitos disponíveis no TikTok, os usuários podem modificar suas aparências, aplicar maquiagem virtual, adicionar adereços digitais e até mesmo se transformar em personagens ou criaturas imaginárias. Essa possibilidade de alterar a própria imagem e experimentar diferentes versões de si mesmo está diretamente relacionada à visualidade do pós-humano.

## 5 MARCAS DO PÓS-HUMANO NO TIK TOK

Ao longo do tempo, surgiram transformações significativas no campo das redes e da internet. Inicialmente, a internet foi aclamada como uma nova forma de comunicação interativa e de disseminação de informações, conhecida como cibercultura. Embora algumas vezes distópicas já existissem, predominava um discurso de democratização da informação e entusiasmo diante das novas formas de socialização, colaboração e acesso limitado à informação disponível nos portais e buscadores da época. (SANTAELLA, 2021)

Santaella busca entender tais transformações em 3 atos, sendo o chamado "primeiro giro copernicano" ou "web 2.0", que se refere à ascensão das plataformas de relacionamento como Twitter, Facebook e outras, que empoderaram os usuários e se tornaram acessíveis por meio de dispositivos móveis. Nessa fase, as wikis e os blogs ganharam destaque, atraindo comunidades de usuários e possibilitando maior participação e interação na construção de conteúdo.

Em se tratando do “segundo giro copernicano” as redes sociais, Santaella (2021) diz que elas entraram em uma “era de anticlímax” em especial o Facebook, que em tendo se destacado nos inícios de 2010, como espaços propícios para a interação social, oferecendo recursos visuais e interativos que promovem essa conexão entre os usuários. No entanto, consideravelmente, tais conexões foram observadas em uma fase de intensas discussões e argumentações polarizadas, que marcou o cenário político brasileiro recentemente, continua presente na atualidade (Caetano, 2018 apud Santaella 2021). As redes sociais se tornaram fontes abundantes de propagação de notícias falsas, contribuindo para a disseminação da pós-verdade, como apontado por Santaella (2018, 2020).

Ao mesmo tempo, é necessário apontar que as redes sociais coexistem com uma variedade de outros recursos e mídias, como jogos, comércio eletrônico e contextos geoespaciais. Além disso, a conectividade tem sido ampliada com o uso de metadados semânticos, permitindo a conexão de recursos diversos à web e possibilitando o uso de diferentes serviços em qualquer lugar.

O “terceiro giro” marca uma nova era em que as sociedades humanas estão imersas, alguns a denominam como a segunda era da internet. A atualidade é caracterizada pela variedade de recursos digitais, o que justifica a denominação web 4.0 para englobar os principais temas do momento, incluindo computação em nuvem, internet das coisas, internet dos corpos, big data, cidades inteligentes e a crescente presença da inteligência artificial (IA).

Esses avanços tecnológicos têm impacto significativo nas dinâmicas sociais e culturais, abrindo novas possibilidades e desafios para a interação humana e a autonomia individual nas teorias da comunicação. (SANTAELLA, 2021)

No entanto, essas mudanças não foram as únicas ao longo da história da internet. Outros giros copernicanos surgiram, marcando importantes conjunturas e alterando os modos de funcionamento das redes. Para compreender melhor esse processo, é necessário explorar mais a fundo os avanços e desafios que cada um desses giros trouxe consigo.

A partir deste trabalho o que nos cabe é nos apoiarmos inicialmente no primeiro e segundo atos, pois é nestes que, em alguma medida, o objeto de estudo deste capítulo, TikTok, parece encontrar suas raízes. Nesse contexto, o TikTok se apresenta como uma plataforma que proporciona a produção, circulação e consumo de conteúdos audiovisuais de forma ampla e acessível.

No primeiro ato, a vida digital em imagens é explorada como uma manifestação da cultura participativa, em 2014, em um momento de transição entre os traços iniciais e avançados das redes sociais e, especialmente, como os smartphones e sua mobilidade facilitaram o registro e a transmissão de momentos vividos em tempo real. Equipados com câmeras de alta qualidade, aplicativos de edição de imagem e amplo espaço de armazenamento, esses dispositivos abrem as portas para a exibição sensacionalista de imagens, concomitante por um voyeurismo sem limites, com o objetivo de promover e apreciar principalmente autorretratos, tanto para si mesmos quanto para os outros. Se isso já era verdade em 2013, desde então se segue de maneira perturbadora e inquietante, especialmente com a incorporação de recursos de vídeo nos smartphones. (SANTAELLA, 2021)

Não foram necessárias mais do que poucas décadas para que aquilo que Foucault (1990, 2004) chamou de técnicas de si, resultantes de uma ascese autocontrolada para a transformação estética da vida, tivesse seus contextos éticos e políticos pervertidos diante da atuação de cada indivíduo como um engenheiro de si, exclusivamente focado no aspecto exterior, exibicionista do corpo em uma variação de poses pretensamente sedutoras e artificialmente aperfeiçoadas, graças às reconfigurações corporais por meio das técnicas de body building, de cirurgias de rejuvenescimento e de enquadramento a padrões convencionais de beleza, para encontrar seu espaço privilegiado de autoexposição proliferante nas imagens difundidas via redes (CINTRA, 2021, apud. SANTAELLA 2021, p. 125). A espetacularização dos corpos tem sido

impulsionada por uma série de fatores que evidenciam a cultura narcisista e a necessidade de auto estilização do Eu, especialmente a partir dos anos 1970. O fascínio em se transformar em um signo, em se ver refletido em uma tela ou plano midiático, tem ganhado destaque. Além disso, programas de TV como Reality Shows, incluindo o Big Brother e A Fazenda, assim como os programas de autodisciplina estética, como Esquadrão da Moda e Dez anos mais jovem, têm contribuído para essa espetacularização. (ALMEIDA, 2013)

A democratização das câmeras digitais portáteis e a popularização dos celulares com câmeras embutidas têm permitido maior mobilidade na captação de imagens. Além disso, os avanços nos softwares de tratamento de imagens, com interfaces amigáveis e tutoriais didáticos, facilitaram o acesso e a manipulação das imagens. A disponibilização de aplicativos de tratamento de imagens para celulares, como o Instagram, também tem desempenhado um papel significativo. (ibid.)

O *smartphone*, termo de origem inglesa que se traduz para "telefone inteligente" em português, representa um dispositivo que combina funcionalidades anteriormente restritas aos computadores, oferecendo recursos avançados em seus sistemas operacionais que permitem o acesso a uma ampla variedade de aplicativos. Esses aplicativos podem abranger desde utilidades essenciais, como mapas de direcionamento e lembretes para hidratação, até ferramentas para contagem de passos. Para que um dispositivo seja classificado como *smartphone*, é necessário que ele possua requisitos mínimos de hardware e software, sendo a capacidade de conexão a redes de dados para acesso à internet uma característica fundamental. Além disso, a capacidade de armazenamento de dados também é um aspecto relevante. Um aspecto notável é a substituição do teclado físico pelo touchscreen, que explora de maneira brilhante o sentido do tato.

No mercado atual, é possível encontrar smartphones com variados níveis de capacidade de processamento, incluindo recursos como filmagens em alta definição, câmeras multifocais, gráficos em 3D e jogos. Marcas renomadas, como iPhone, Samsung, Sony, Motorola e a emergente Xiaomi, proveniente da China, impulsionam um mercado multibilionário que ultrapassa a esfera do próprio dispositivo. De acordo com um relatório do site Tecnoblog, datado de 5 de outubro de 2021, somente no primeiro semestre do mesmo ano, as importações de celulares no Brasil atingiram um faturamento de 1,4 bilhão de reais, superando o valor importado de notebooks, que alcançou a marca de 348 milhões de reais no mesmo período.

O ano de 2013 foi marcado pelo surgimento do fenômeno da *selfie*, e também da popularidade dos smartphones, com as vendas desses dispositivos ultrapassando pela primeira vez as vendas de celulares convencionais. Nesse mesmo ano, a palavra "selfie" foi eleita pela Fundação Oxford Dictionary como a palavra do ano, refletindo o uso exponencial desse tipo de autorretrato. Cintra (2021) aponta para como tornou-se necessário estar sempre preparado para sair bem em uma selfie ou pronto para performar de maneira instagramável, tanto na plataforma como fora dela". Essa cultura da imagem e da performance permeia nossa sociedade contemporânea, onde a aparência e a capacidade de se destacar nas redes sociais são valorizadas.

É importante ressaltar que existe uma convergência entre as redes sociais, embora em certo sentido sejam concorrentes. Os conteúdos podem ser facilmente compartilhados e transitam de uma plataforma para outra (Santaella, 2021). Isso demonstra a interconectividade e a interação entre as diferentes redes sociais, permitindo que os usuários ampliem seu alcance e compartilhem conteúdos de forma mais fluida e integrada. Essa convergência das redes sociais reflete a dinamicidade e a natureza interativa da cultura digital contemporânea.

Outra mudança significativa é a inserção íntima e privativa dos smartphones na vida do indivíduo contemporâneo. Evidências dessa exclusividade e propriedade individual se manifestam através de mecanismos de segurança que bloqueiam e garantem a posse do smartphone. Esses mecanismos de desbloqueio podem variar desde senhas numéricas até reconhecimento facial, de íris ou digital, restringindo o acesso apenas a indivíduos autorizados. O smartphone abriga e centraliza redes sociais, aplicativos bancários, contatos, aplicativos de mensagens como o WhatsApp, agenda, calculadora, entretenimento por meio de aplicativos de streaming

Intimidade nos sugere uma conexão profunda e próxima entre as pessoas e envolve a partilha de experiências pessoais, pensamentos, sentimentos e segredos com alguém de confiança. A intimidade pode existir em vários tipos de relacionamentos, como amizades íntimas, relacionamentos românticos, relacionamentos familiares e parcerias profissionais e geralmente envolve uma sensação de proximidade emocional, confiança mútua, respeito e vulnerabilidade. É a capacidade de se abrir e se mostrar autenticamente para outra pessoa, sabendo que suas emoções e pensamentos serão compreendidos e valorizados. A intimidade implica conhecer profundamente alguém e ser conhecido por ele. Além disso, a intimidade pode se manifestar de várias maneiras, incluindo o compartilhamento de segredos, o apoio

emocional, a empatia, o toque físico, a expressão de afeto e a construção de um senso de cumplicidade e conexão mútua.

O eu íntimo, que um dia foi oculto, acanhado e reprimido, parece cada vez mais transbordar e explodir de seu refúgio. É um eu extrovertido, aberto ao olhar do outro, ansioso por compartilhar a mais íntima subjetividade. A intimidade se torna assim um espaço de performance, onde o sujeito se expõe e se constrói incessantemente." (SIBILA,2011)

Ao observar como as transformações tecnológicas, em especial o advento da internet e das redes sociais, têm influenciado a maneira como vivenciamos e compreendemos a intimidade, a autora problematiza a ideia de que a intimidade seria um espaço privado e resguardado, argumentando que as tecnologias digitais têm ampliado os limites do que consideramos íntimo, tornando-o mais exposto e compartilhado. Ao explorar o fenômeno da exposição de si nas redes sociais, Sibila questiona os efeitos dessa exposição na construção da identidade e nas relações interpessoais.

A web 2.0, como uma rede colaborativa, possibilitou que os produtos midiáticos criados por todos pudessem ser compartilhados e difundidos. A ascensão da internet e do universo digital resultou na descentralização das mídias tradicionais, levando ao declínio de jornais e revistas impressas. Em contrapartida, testemunhamos a febre dos memes e virais, intensificando a presença de todos na bidimensionalização das experiências ao longo da vida. (ALMEIDA, 2013)

Esses são apenas alguns dos fatores que impulsionam a espetacularização dos corpos, promovendo movimentos de exibição sensacional e voyeurismo irrestrito. Diante desse contexto, o TikTok, como uma plataforma de mídia social, se destaca como um espaço onde essas categorias se entrelaçam, permitindo que os usuários explorem e exibam suas performances subjetivas de forma criativa e compartilhada.

Além disso, o TikTok se alinha com a ubiquidade da vida online, que é abordada no segundo ato da Web, em que a presença constante na internet é cada vez mais comum e as fronteiras entre o mundo online e offline se tornam borradas. Através do TikTok, os usuários podem acessar e compartilhar conteúdos a qualquer momento e em qualquer lugar, contribuindo para essa sensação de ubiquidade.

Santaella (202) define que “ubiquidade significa ocupar dois lugares ao mesmo tempo”, e para exemplificar esse modelo virtual de vida e para entender como isso é possível, é necessário considerar a existência de um espaço previamente inexistente: o ciberespaço. Antes de iniciar das mídias móveis e das redes sem fio, o acesso ao ciberespaço exigia rituais demorados, como chegar em casa ou no escritório, ligar o computador e esperar pela conexão para poder navegar na internet ou se comunicar com pessoas em diferentes partes do mundo. Quando tratamos desse segundo ato “ a ubiquidade da vida on-line” o compreendemos como suporte para perceber a fluidez do fluxo entre as relações sobre o espetáculo da vida e o documentarismo pelas redes sociais dela, além da fabricação dessa realidade através das *trends* e músicas da moda que abarcam o tiktok .

## 5.2. O TikTok na mídia

A rede social TikTok, inicialmente lançada como Musica.ly em abril de 2014, foi adquirida pela empresa Bytedance Technology em 2017. Sob essa nova gestão, todas as contas foram transferidas para o novo aplicativo. Inicialmente, o aplicativo conquistou uma grande popularidade entre os adolescentes de 13 a 18 anos. No dia 28 de setembro de 2021, de acordo com o site de notícias G1, o TikTok atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos por mês em todo o mundo, excluindo os dados dos usuários chineses. Essa impressionante quantidade de usuários torna o aplicativo o mais baixado em todo o mundo, superando até mesmo o Facebook. O TikTok é reconhecido como uma plataforma de divulgação e interação através de vídeos.

Ele ganhou popularidade em todo o mundo entre 2019 e 2020, com seu crescimento impulsionado ainda mais durante a pandemia do coronavírus, quando as pessoas se isolaram em casa. No Brasil, a rede social registrou um aumento de 35% entre adolescentes e adultos, e atraiu faixas etárias além de seu público-alvo, como adultos de 35 a 55 anos e acima de 55 anos.

O sucesso da rede pode ser atribuído ao seu modelo de consumo e produção de conteúdo, que se diferencia das plataformas concorrentes. Inicialmente, com vídeos curtos de 15 segundos a um minuto, a plataforma oferece aos usuários a oportunidade de contar histórias de forma simples e direta, hoje além de oferecer mais tempo de tela para produção e exibição do conteúdo, diversos outros recursos são acoplados. O TikTok se destaca por sua alta personalização, entregando conteúdos com base nas vibrações de cada usuário. Isso é possível graças ao algoritmo do aplicativo, que utiliza aprendizado de máquina para identificar e recomendar conteúdos com base no comportamento do usuário, esse algoritmo funciona de maneira diferente do que os usuários estavam acostumados

Diferentemente de outras plataformas, como Instagram, YouTube e Facebook, em que os usuários precisam de tempo livre para consumir os conteúdos, o TikTok se adapta ao estilo de vida moderno, permitindo que os vídeos sejam consumidos a qualquer momento, em pequenos intervalos do dia. Essa abordagem rápida e altamente personalizada contribui para o vício e a popularidade da plataforma.

O TikTok marca uma distinção em relação a outras plataformas de vídeos, como o YouTube, não apenas por seu formato de vídeo, que difere do *WideScreen* 16:9 utilizado no cinema, mas sim pela opção de gravar na verticalidade 9:16. Embora não seja objeto de discussão neste momento, é importante ressaltar essa mudança no código. Além disso, é relevante destacar que a maioria dos influenciadores digitais, ao criar conteúdo para o TikTok, coloca-se em cena de maneira mais presente do que nunca, com a selfie assumindo um papel central, enquanto o corpo em movimento exerce um fascínio semelhante aos primórdios do cinema, como o icônico Charlie Chaplin

É importante destacar que a Cultura da Convergência, um conceito desenvolvido na segunda metade dos anos 2000 por Jenkins (2006), oferece uma abordagem relevante para uma compreensão funcional da rede social TikTok. Em certo sentido, essa plataforma parece abranger os diversos níveis mencionados pelo autor como um sinal de alerta no contexto midiático. A Cultura da Convergência é um processo amplo, complexo e em constante evolução, que envolve transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

Ao explorar a Cultura da Convergência, podemos entender como o TikTok se encaixa nesse contexto e como ele se tornou uma plataforma de destaque. Através da convergência de tecnologias digitais, o TikTok permite aos usuários criar e compartilhar conteúdos de forma rápida e fácil, combinando elementos de vídeo, áudio e recursos interativos e essa convergência tecnológica permite uma experiência multimídia rica e envolvente para os usuários

O TikTok é um espaço onde a narrativa, os personagens e a influência se entrelaçam e se manifestam livremente por meio de vídeos curtos e criativos nos quais os usuários têm a oportunidade de contar histórias, criar personagens e exercer influência no cotidiano e nos bens de consumo. Trata-se de um fenômeno que envolve o fluxo de avassalador de conteúdo entre os mais diversos assuntos, há colaboração entre diferentes setores do mercado midiático e o comportamento migratório do público em busca de experiências de entretenimento desejadas.

O termo "convergência" abrange transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, e sua definição pode variar dependendo do contexto e das perspectivas envolvidas. (JENKINS, 2006). Como um oráculo do início do século o autor nos diz:

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação. (ibid., p.44)

De fato, essa performance comunicacional imperativa da rede social em questão é impulsionada pela interconectividade das tecnologias digitais, que permite que os conteúdos fluam livremente através das diferentes contas e, é claro, há uma formação de participação do público, que se torna produtor e distribuidor de conteúdo, não apenas consumidor passivo, que resulta em uma reconfiguração das dinâmicas midiáticas e da forma como nos relacionamos com as mídias, enfatizando o papel dos usuários como criadores de conteúdo e essa participação ativa do público cria um ambiente colaborativo e descentralizado e envolvidos em experiências narrativas múltiplas.

Ao explorar as interações complexas percebemos que as narrativas se desenrolam em um formato específico de conteúdo e os personagens são construídos para atender e sustentar essa narrativa além disso, há uma potência de influência que se manifestam quase que organicamente entre os usuários e os criadores.

Do ponto de vista da estrutura e do funcionamento o designer de interface foi desenvolvido para ser aparentemente de fácil usabilidade e faz com que esse ambiente digital nos convide a investigar as dinâmicas da narrativa, dos personagens e da influência na sociedade, porém, navegar nesse um cenário de convergência midiática, onde diferentes elementos se entrelaçam e se potencializam, impulsionados pelas transformações da cultura contemporânea nos sugere um trabalho muito minucioso e desafiador.

O TikTok se encaixa na ideia de mídia participativa, pois os usuários têm um papel ativo na produção e distribuição de conteúdo na plataforma. Eles podem gravar vídeos, aplicar filtros e efeitos especiais, escolher trilhas sonoras e compartilhar suas criações com outros usuários. Essa participação do público como cocriadores de conteúdo é uma das características fundamentais da cultura da convergência. Além disso, o TikTok abraça o conceito de transmedia storytelling ao permitir que os vídeos sejam compartilhados e remixados em diferentes plataformas e mídias. Os desafios, tendências e memes que surgem no TikTok muitas vezes se espalham para outras redes sociais, como Instagram, YouTube e Twitter, ampliando o alcance e o impacto dessas narrativas.

A estrutura algorítmica do TikTok também se alinha à cultura da convergência. O algoritmo da plataforma analisa o comportamento em muitas e diferentes perspectivas e é orientado os usuários para oferecer uma experiência personalizada e recomendada, garantindo

que cada usuário seja exposto a conteúdos relevantes e de seu interesse. Isso cria um ambiente de consumo altamente adaptado, onde as barreiras entre produtores e consumidores se tornam menos rígidas.

No geral, o TikTok exemplifica como a cultura da convergência está envolvida na forma como nos envolvemos com a mídia. A plataforma aproveita as tecnologias digitais, promove a participação ativa do público e cria narrativas transmídia que se estendem para além de sua própria plataforma. Como resultado, o TikTok se tornou uma das principais plataformas de mídia social da atualidade, influenciando e sendo influenciado pelas dinâmicas da cultura da convergência. Jenkins complementa:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (2006, p.31)

Atualmente, vivemos em uma era em que temos acesso a uma comunidade de recursos tecnológicos que nos permitem consumir uma ampla variedade de conteúdos midiáticos. No entanto, é importante reconhecer que a convergência não é apenas uma questão de dispositivos sofisticados, mas sim um processo que ocorre dentro de nós, em nossas mentes. Cada indivíduo constrói sua própria mitologia pessoal, sua própria narrativa, a partir dos fragmentos de informações que transmitem o fluxo midiático. Nossas experiências, valores e crenças moldam a forma como interpretamos e damos sentido a essas informações. A convergência não é apenas uma questão de tecnologia, mas também de como integrar e dar significado a essas informações em nossas vidas cotidianas.

Atualmente, nós compartilhamos e discutimos ideias, conteúdos e experiências com outras pessoas, influenciando e sendo influenciados por elas. Através dessa troca, construímos uma compreensão coletiva do mundo ao nosso redor. No entanto, é importante analisar com criticidade essas nuances. Embora tenhamos acesso a uma quantidade cada vez maior de informações e recursos tecnológicos, também precisamos estar cientes dos efeitos e das limitações desse processo o que pode levar à fragmentação da informação, à perda de privacidade e ao consumo excessivo de conteúdo e com isso terreno fértil para uma nova “massificação” que foi instaurada pelo *mass media*.

Devemos questionar a qualidade e a fonte das informações que consumimos, estar cientes dos interesses comerciais por trás dos conteúdos midiáticos e refletir sobre como essas

narrativas moldam nossa percepção da realidade, com isso, estar atento aos efeitos e às restrições desse processo, adotando uma abordagem crítica para aproveitar ao máximo os recursos tecnológicos disponíveis e nesse sentido o TikTok reflete e influencia as tendências e os gostos da sociedade contemporânea oferecendo uma perspectiva abrangente como uma manifestação contemporânea da convergência tecnológica, mercadológica, cultural e social.

## 5.2. Funcionalidade

Claramente muito desse cenário pode se firmar pela facilidade de operação da interface dos TikTok. Os UX Designer são dotados de competências múltiplas e é importante destacar o papel da interface desse aplicativo. Conforme define Santaella (2013), uma interface é o elemento que permite a adaptação mútua de dois ou mais sistemas. No caso do TikTok, a interface proporciona a interação entre os usuários e a plataforma, geram sensações e raízes diversas, que, quando combinadas, culminam em uma experiência completa para o usuário. Essa experiência é moldada pela forma como a interface é projetada, incluindo a disposição dos botões, as opções de personalização, os recursos de edição e os interruptores de descoberta de conteúdo. A interface do TikTok é projetada para facilitar a criação, o compartilhamento e o consumo de vídeos curtos, permitindo aos usuários explorar seu lado criativo e se conectar com uma ampla comunidade de criadores e espectadores. Assim, a interface desempenha um papel fundamental na experiência do usuário no TikTok, fornecendo as ferramentas necessárias para explorar e aproveitar todas as funcionalidades da plataforma e sua facilidade se instaura devidos a alguns aspectos como:

- *Design intuitivo*: A interface é projetada de forma a ser visualmente atraente e organizada, com ícones e menus de navegação claros. Isso torna a plataforma fácil de entender, mesmo para usuários novos.
- *Fluxo de conteúdo contínuo*: O TikTok adota um formato de feed infinito, em que os vídeos são reproduzidos em sequência. Isso permite que os usuários rolem o feed e consumam conteúdo de forma contínua tornando a experiência de uso fluida e envolvente.
- *Recursos de criação simplificados*: A plataforma oferece uma ampla gama de recursos de criação de vídeo, como gravação, edição e adição de efeitos visuais. Esses recursos são apresentados de maneira intuitiva, com opções fáceis de entender e usar, permitindo que os usuários criem conteúdo de forma rápida e sem complicações.

*Recomendações personalizadas:* O algoritmo do TikTok analisa o comportamento do usuário, como curtidas, compartilhamentos e recomendações anteriores, para oferecer recomendações personalizadas de conteúdo. Isso significa que os usuários são apresentados a vídeos que são mais relevantes para seus ouvidos, tornando a experiência de descoberta de conteúdo ainda mais fácil e atraente. Abaixo para ilustrar a praticidade de abertura da conta, com esse passo buscamos para fornecer instruções claras e sequenciais sobre como realizar uma tarefa de como criar uma conta no TikTok. A tabela está organizada em passos cronológicos e uma orientação detalhada e estruturada a partir de consulta no próprio site da empresa e a atividade da própria autora.

#### Passo a passo

1- Baixe o aplicativo TikTok na loja de aplicativos do seu dispositivo móvel (App Store para iOS, Google Play Store para Android).

2- Abra o aplicativo TikTok e toque no botão "Criar conta" ou "Registrar".

3- Selecione um método de registro: número de telefone, endereço de e-mail ou vincular uma conta existente do Google ou Facebook.

4- Insira as informações de registro necessárias, como nome de usuário, senha e detalhes adicionais, dependendo do método escolhido.

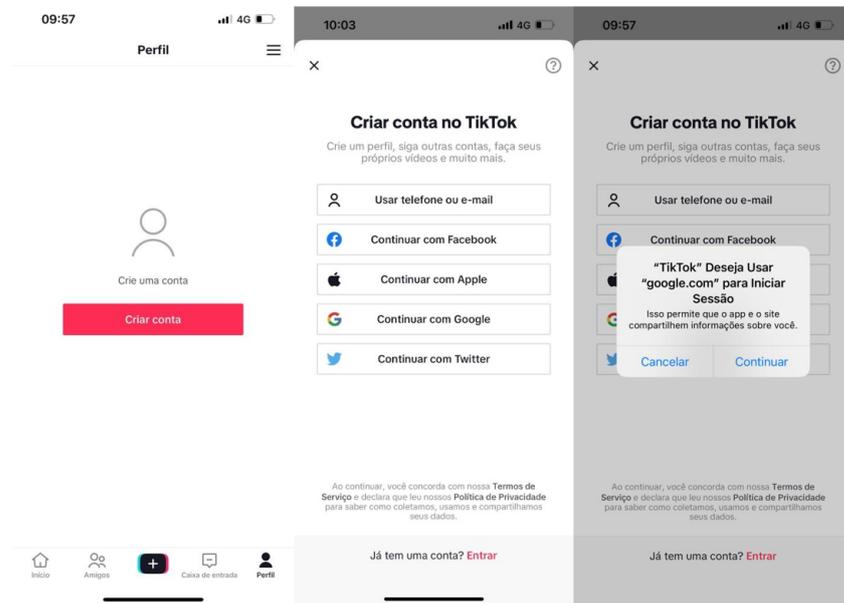
5- Leia e aceite os termos de serviço e a política de privacidade do TikTok.

6- Conclua o processo de verificação, seguindo as instruções para confirmar um código enviado por SMS ou e-mail.

7- Personalize seu perfil adicionando uma foto de perfil e informações adicionais, como biografia e interesses.

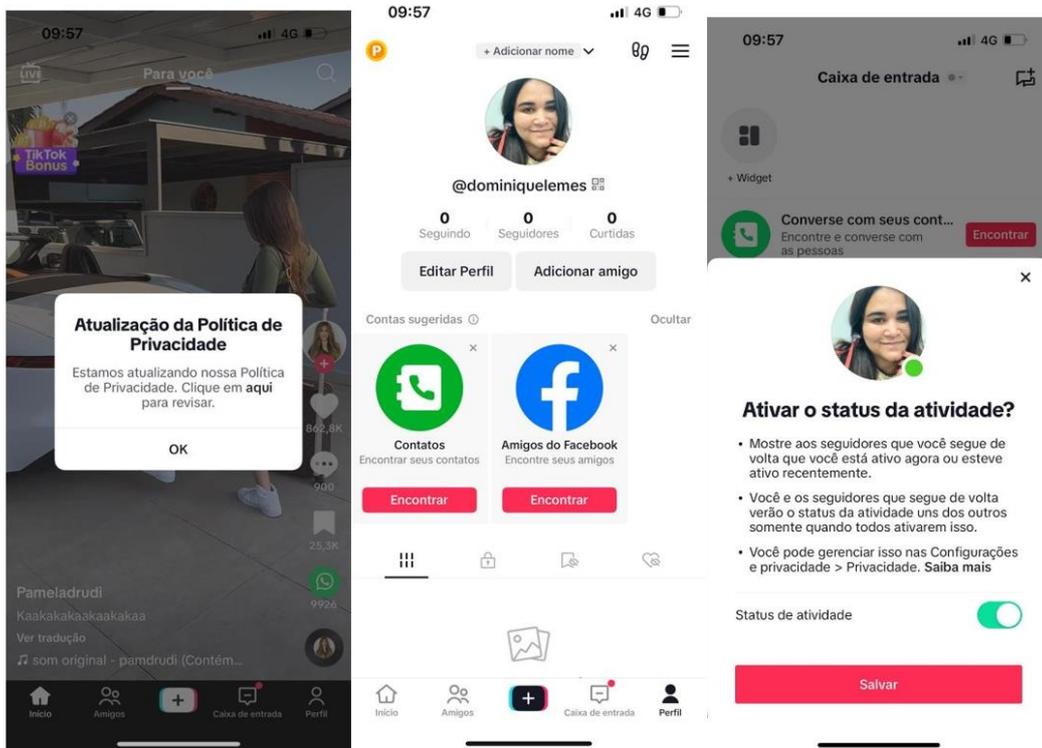
8- Explore o aplicativo TikTok, siga outros usuários e comece a descobrir e criar vídeos.

Figura 20 – Ilustração dos primeiros passos I



Fonte: Produzido pela autora

Figura 21 – Ilustração dos primeiros passos - II



Fonte: Produzido pela autora

Figura 22- Print do “para você”



Fonte: Produzido pela autora

Outro fator fundamental para garantir uma experiência positiva é a adaptabilidade da interface, ou seja, sua capacidade de ser acessada e utilizada em diferentes dispositivos. Com a variedade de aparelhos disponíveis no mercado, cada um com suas próprias telas e recursos, é essencial que a interface do TikTok seja adaptável, permitindo uma experiência plena em qualquer dispositivo.

Essa adaptabilidade não se restringe apenas ao aspecto estético da interface, mas também à sua funcionalidade. É importante considerar as diferentes necessidades e habilidades dos usuários, levando em conta, por exemplo, a utilização da interface por pessoas canhotas ou destros. Garanta que a interface seja intuitiva e fácil de usar para diferentes perfis de usuários, contribuindo para uma experiência mais inclusiva e satisfatória.

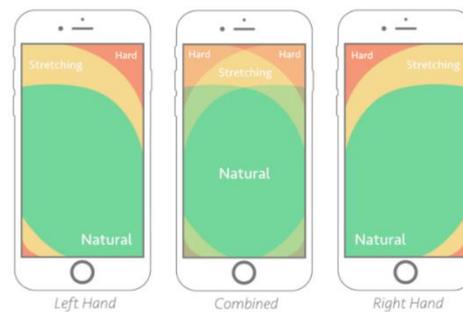
As telas sensíveis ao toque são predominantemente navegadas pelos dedos das mãos, e o conceito de "zona do polegar", conforme a ilustração seguinte, visualmente as áreas mais adequadas para as principais ações de um produto. Esse conceito, cunhado por Steven Hooper, tem como objetivo proporcionar uma experiência de uso mais confortável e satisfatória, evitando que o usuário estique os dedos com precisão ou manipular o dispositivo de maneira não ergonômica.

Ao projetar interfaces para dispositivos com tela sensível ao toque, é essencial considerar a localização e o tamanho dos elementos interativos na zona do robô. Essa abordagem visa facilitar o acesso e a interação com as principais funções do aplicativo, permitindo que o usuário alcance facilmente os comandos necessários sem a necessidade de movimentos difíceis ou desconfortáveis. Se posicionarmos como principais ações e recursos

dentro da zona do motorista, os designers buscam otimizar a usabilidade e melhorar a experiência do usuário. Essa prática leva em consideração a ergonomia dos dispositivos móveis e a forma natural como os usuários seguram e interagem com os dispositivos.

No contexto do TikTok e de outras plataformas de mídia social, é importante observar como a interface é projetada levando em conta a zona do polegar. Os principais controles de reprodução, navegação, curtidas e relaxados devem ser posicionados estrategicamente para facilitar o acesso e o uso intuitivo com o controle, tornando a experiência mais fluida e agradável para os usuários. Ao considerar isso, os designers podem criar interfaces mais acessíveis, funcionais e confortáveis, levando em conta as características físicas e as emoções de interação dos usuários. Essa abordagem contribui para uma melhor usabilidade e experiência do usuário em dispositivos com tela sensível ao toque.

Figura 23 – Zona do polegar



Fonte: BREITENBACH, 2021 p. 39

Figura 24 – Zona do polegar aplicado ao TikTok



Fonte: Elaborada pela autora

Um ponto interessante que diferencia o TikTok de algumas redes de compartilhamento de fotos e vídeos é que não é necessário ter uma conta para acessar o conteúdo. O TikTok

permite que os usuários acessem e assistam aos vídeos de forma independente, sem a necessidade de criar uma conta. Isso amplia o alcance do conteúdo e torna a plataforma mais aberta e acessível para pessoas que desejam explorar e descobrir o conteúdo sem a obrigação de se registrar.

Diferentemente de outras redes sociais que se baseiam nas conexões e contatos entre os usuários, o TikTok concentra-se no interesse individual que reflete pelo conteúdo exibido. À medida que o usuário se envolve com o conteúdo, os próximos vídeos exibidos se tornam cada vez mais personalizados, de acordo com suas emoções deixadas e capturadas pelos algoritmos. Embora o TikTok não se baseie principalmente nas relações entre os usuários, ele oferece coexistência semelhante a outras redes sociais, como a possibilidade de seguir perfis, curtir, comentar e compartilhar vídeos dentro do próprio aplicativo ou em outras redes sociais.

No TikTok, a distribuição de conteúdo é diferente da maioria das redes sociais existentes. O conteúdo produzido não é apenas exibido para os amigos e, amigos dos amigos, mas também é amplamente compartilhado com pessoas que têm possivelmente interesse e disposição para consumir o mesmo tipo de conteúdo. Isso significa que um usuário pode obter milhões de visualizações em um determinado vídeo, mesmo sem ter nenhum seguidor. Além disso, essa dinâmica presente no aplicativo permite que os usuários comecem a assistir vídeos mesmo sem seguir nenhum outro perfil.

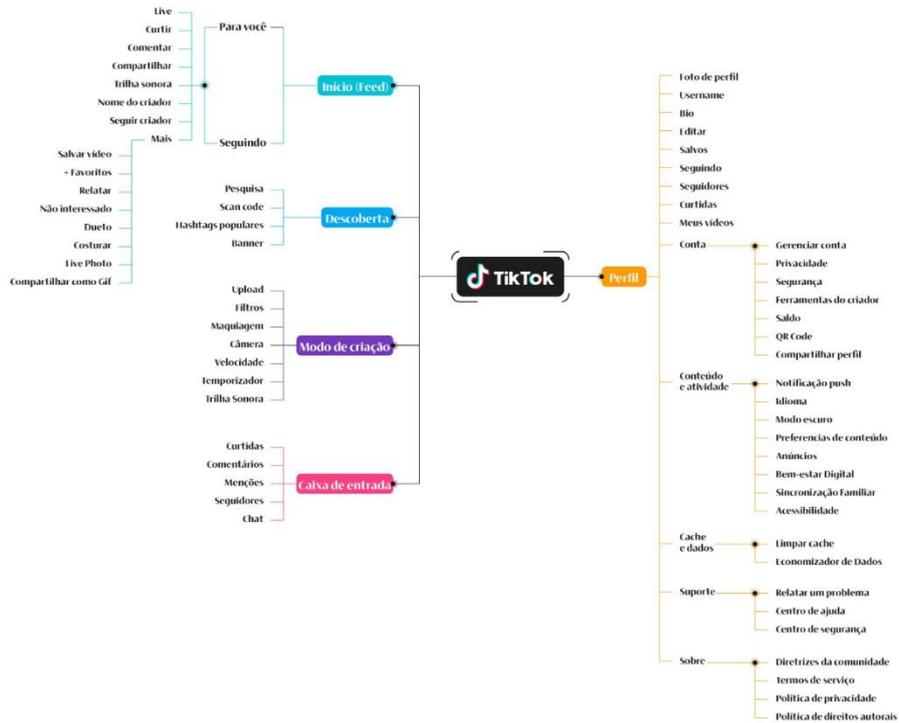
Essa abordagem, até então, única do TikTok, em relação à distribuição e personalização do conteúdo, contribui para sua popularidade e crescimento rápido. Os usuários têm a oportunidade de descobrir e consumir uma variedade de vídeos, independentemente de sua rede de contatos, ampliando seu alcance e diversidade de experiências. Essa dinâmica de distribuição ampla também abre oportunidades para criadores de conteúdo, permitindo que seus vídeos se tornem virais e alcancem um público muito maior do que em outras plataformas. Isso estimula a criação e a criatividade, incentivando os usuários a compartilharem seu conteúdo e se envolverem com a comunidade TikTok.

Portanto, o TikTok se destaca por sua abordagem centrada no interesse pelo conteúdo, sua distribuição ampla e sua capacidade de atrair e envolver usuários mesmo sem conexões pré-existentes. Isso contribui para sua popularidade e torna a plataforma única no cenário das redes sociais e por isso nos confía uma árdua tarefa em compreender e documentar todas as possibilidades do aplicativo.

Ao explorar o TikTok, é importante ter em mente que a plataforma oferece uma vasta gama de recursos e possibilidades para os usuários. Embora seja impossível abordar todos os aspectos e funcionalidades de forma detalhada, é possível obter um panorama geral das

principais características do aplicativo. Com o objetivo de ter uma visão geral antes de explorar as nuances de cada interface, realize uma navegação linear pelas telas do aplicativo e desenvolva um mapa de navegação. Esse mapa representa as diferentes possibilidades dentro do TikTok, ajudando a compreender a estrutura e os recursos disponíveis.

Figura: 25 Diagrama de funcionalidades do Tiktok



Fonte: BREITENBACH, 2021 p. 65

É importante ressaltar que o TikTok está em constante evolução, com atualizações regulares e novas funcionalidades. Portanto, o panorama apresentado pode não englobar todas as atualizações mais recentes. No entanto, ele oferece uma visão inicial e abrangente das principais áreas e recursos disponíveis e ao explorá-lo, os usuários poderão descobrir recursos adicionais, como filtros, efeitos especiais, ferramentas de edição, opções de interação com outros usuários e muito mais. Cada um desses elementos contribui para uma experiência única fornecida pela plataforma e permite que os usuários personalizem e criem conteúdo de acordo com seus ouvidos e interesses.

Diante disto, alocamos o objeto de análise deste trabalho, pois o TikTok oferece um recurso chamado "Modo de Criação", que permite aos usuários produzirem e editarem vídeos

de forma mais aprimorada e criativa. Esse recurso é projetado para facilitar a criação de conteúdo original e atrativo, assim sendo os usuários têm acesso a uma série de ferramentas e funcionalidades que podem ser usadas para aprimorar seus vídeos. Isso inclui recursos como efeitos especiais, filtros, adesivos, músicas e sons, além de opções de edição, como cortar, adicionar legendas e ajustar a velocidade de reprodução.

Uma das principais vantagens do Modo de Criação é a sua interface intuitiva e amigável. Os recursos e ferramentas são organizados de forma clara e acessível, facilitando o processo de criação de vídeos. Os usuários podem explorar diferentes opções e experimentar diversas combinações para produzir conteúdo original e envolvente. Além disso, oferece recursos interativos, como desafios e tendências populares, que permitem aos usuários participarem de movimentos e criações coletivas. Isso contribui para uma maior interação e engajamento na plataforma, permitindo que os usuários se conectem com outros criadores e ampliem seu alcance.

O recurso de Modo de Criação do TikTok tem sido amplamente utilizado pelos usuários para expressar sua criatividade, contar histórias, compartilhar habilidades e se envolver com outros usuários. É uma ferramenta versátil que oferece uma ampla gama de possibilidades para os usuários explorarem e criarem conteúdo autêntico e personalizado ele é um recurso importante que capacita os usuários a produzirem vídeos originais, adicionarem efeitos e elementos criativos, além de se engajarem com a comunidade TikTok por meio de desafios e tendências. É uma parte fundamental da experiência de criação de conteúdo no TikTok e contribui para a diversidade e atração da plataforma.

No portal do TikTok *creators*, o usuário pode se tornar um criador de conteúdo digital, pois há um rico conteúdo sobre como se tornar um além de assuntos relacionados desde dicas para usar equipamentos até mesmo metrificação dos dados. Os Creators, são pessoas comuns que usam suas habilidades criativas e talentos para produzir vídeos e iniciá-los com a comunidade TikTok e eles desempenham um papel fundamental no ecossistema da rede social, pois são responsáveis por gerar conteúdo autêntico e cativante que atrai e entretém os usuários com isso eles têm a capacidade de criar tendências, desafios e movimentos dentro da plataforma, influenciando e inspirando outros usuários.

O TikTok oferece recursos e ferramentas específicas para os Creators, permitindo que eles aprimorem suas habilidades de criação, edição e engajamento com o público. Isso inclui opções de edição avançada, acesso a músicas e sons exclusivos, adesivos e efeitos especiais, além de controles e insights sobre o desempenho de seus vídeos. Além disso eles também têm a oportunidade de crescer sua base de seguidores, interagir com outros usuários e até mesmo

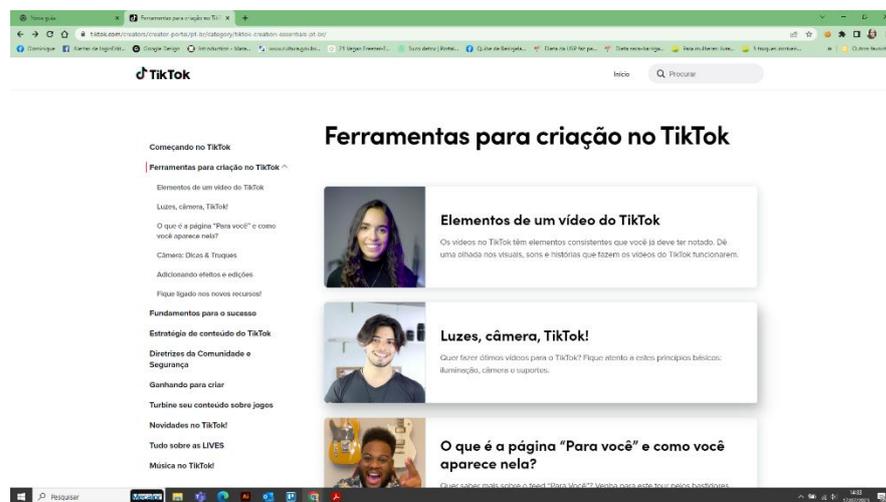
monetizar seu conteúdo por meio de parcerias, patrocínios e programas de afiliados. O TikTok reconhece e valoriza os Creators, oferecendo suporte e recursos para ajudá-los a expandir sua presença na plataforma.

Figura 26: Portal Creator



Fonte: <https://www.tiktok.com/creators/creator-portal/pt-br/>

Figura 27: Porta Creator – Ferramentas de criação



Fonte: <https://www.tiktok.com/creators/creator-portal/pt-br/category/tiktok-creation-essentials-pt-br/>

Vale ressaltar que os usuários do TikTok se assemelham ao conceito de "zapeadores" mencionados por Jenkins (2006), pois usam o controle remoto para pular rapidamente entre os canais de TV, esperando que algo chame sua atenção nos primeiros segundos. No contexto do TikTok, essa semelhança está presente no comportamento de rolagem rápida pelo feed de vídeos, onde os usuários deslizam o dedo na tela em busca de conteúdos que capturam sua atenção instantaneamente.

Nenhum espectador é exclusivamente fiel, casual ou zapeador; a maioria assiste à televisão de maneiras diferentes, em ocasiões diferentes. Mesmo o espectador mais minucioso irá zapear pelos

canais num quarto de hotel, ou ao final de um dia difícil. E, às vezes, o zapeador é fisgado por uma série e passa a vê-la toda semana. Ninguém sabe ao certo, ainda, se o novo ambiente de mídia produziu mais zapeadores, casuais ou fiéis (JENKINS, 2006 P.109)

Essa dinâmica de "zapear" no TikTok reflete a natureza rápida e efêmera do conteúdo na plataforma. Os vídeos são curtos e projetados para capturar a atenção imediata do espectador nos primeiros segundos. Os usuários estão constantemente em busca de conteúdos interessantes, engraçados, criativos ou emocionantes que se destacam em meio a uma comunidade de opções disponíveis. A cultura do "zapping" no TikTok cria um desafio para os criadores de conteúdo, pois precisam criar vídeos que prendam a atenção logo de início para evitar que os usuários continuem deslizando para o próximo vídeo. Isso implica em estratégias de edição rápidas, introduções cativantes e uma narrativa envolvente nos primeiros segundos.

No entanto, essa dinâmica também pode levar a uma certa superficialidade na experiência do usuário, onde a busca por conteúdos impactantes em curtos períodos pode limitar a profundidade dos conteúdos e conteúdos mais complexos ou reflexivos. Os usuários podem acabar focando mais na sensação imediata de entretenimento do que em uma experiência mais profunda e significativa, além de aumentar o rastro digital.

Com uma ampla gama de recursos condensados e navegação facilitada, é possível realizar diversas camadas de análise no TikTok. No entanto, nosso foco principal aqui é explorar o impacto dos filtros digitais na plataforma e como as pessoas se relacionam com eles, considerando os possíveis efeitos resultantes dessa relação simbiótica, principalmente a influência dos filtros digitais na percepção da beleza além de compreender os possíveis efeitos dessa dinâmica é fundamental para uma reflexão mais ampla sobre a influência da tecnologia na nossa vida cotidiana como apontado nos capítulos anteriores deste trabalho.

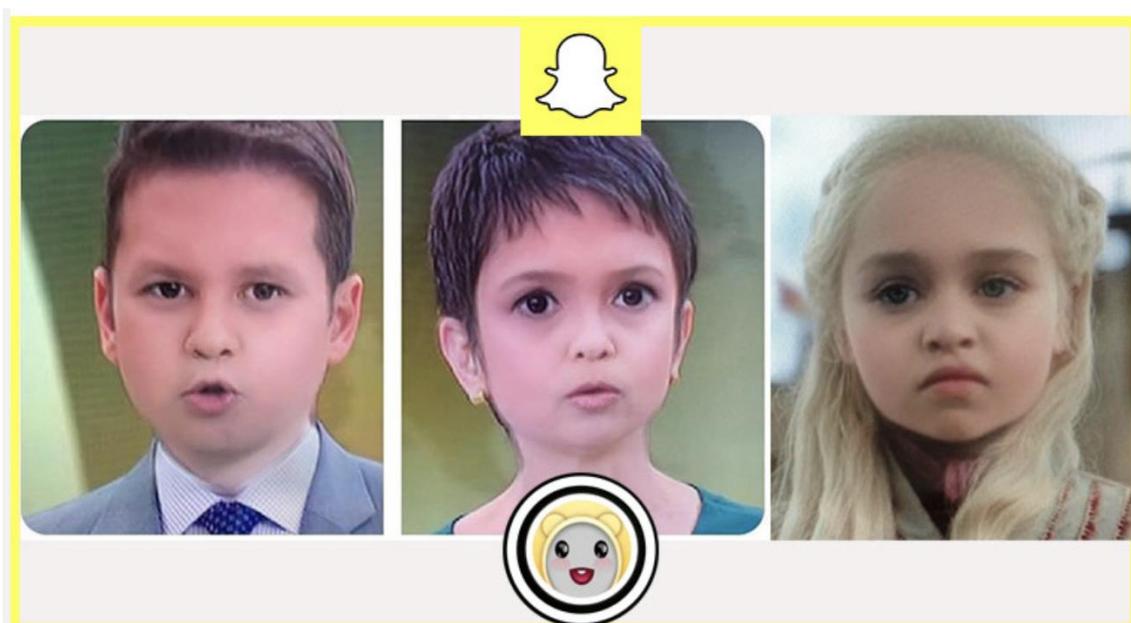
### **5.3. Os filtros digitais**

Os filtros digitais desempenham um papel relevante nas redes sociais, tendo ganhado popularidade principalmente pelo meio do Snapchat, uma plataforma criada em 2010. O Snapchat recebeu a noção de conteúdo efêmero, em que fotos e mensagens desaparecem após serem visualizadas pelo destinatário ou ficam disponíveis por um tempo limitado, como 24 horas. Naquele momento, os filtros, também conhecidos como adesivos digitais ou realidade ampliada, ofereceram uma ampla gama de funcionalidades e novidades aos usuários. Eles variavam a aplicação de efeitos animados, embelezamento da pele, criação de caricaturas,

amorfiadas e outras manipulações visuais. Inicialmente, o Snapchat teve maior adesão nos Estados Unidos, embora tenha conquistado usuários em todo o mundo.

No contexto brasileiro, embora o Snapchat não tenha alcançado o mesmo nível de popularidade de outros países, ainda atrai uma base de usuários, especialmente entre adolescentes na faixa etária de 13 a 16 anos. Segundo relatório da empresa, em dezembro de 2020, o Snapchat contava com aproximadamente 265 milhões de usuários ativos diariamente.

Figura 28 – Filtro famoso em 2019 que simulava o rosto de criança.



Fonte: <https://mobizoo.com.br/aplicativos/filtro-de-bebe-como-pegar/>

Outra rede social que possibilitou a manipulação de imagens dentro de suas ferramentas foi o Instagram. Quando foi criado em 2010, os usuários tinham a opção de aplicar filtros às fotos postadas e realizar ajustes nas cores e tons. Essas postagens aparecem no feed do usuário. O Instagram, inicialmente, tinha como propósito principal o compartilhamento de fotos, destacando-se pela ênfase no olhar fotográfico a partir dos dispositivos móveis, como smartphones que acoplavam câmeras sem muitos recursos de lentes na época.

Ao longo do tempo, o Instagram passou por diversas atualizações e adições de recursos. Em 2013, a plataforma incorporou o compartilhamento de vídeos curtos, com duração de 15 segundos, ampliando as possibilidades de expressão dos usuários. Em 2017, foi lançada a funcionalidade dos Stories, que consistia em postagens de vídeos curtos que duravam apenas 24 horas e não podiam ser salvas, essa adição foi uma clara inspiração no Snapchat, uma rede social popularizada pela mesma forma de compartilhamento efêmero. Essa funcionalidade

tornou-se extremamente popular, proporcionando uma experiência mais imediata em contraste com as postagens permanentes do feed principal.

Figura 29 – Colagem de uma imagem modificada



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram#/media/>

A ilustração acima demonstra como a manipulação e aplicação de filtros e efeitos na foto tratava-se apenas de uma manipulação na cor, textura, como feito em programas de edição similares ao adobe photoshop, no entanto, para utilizar o filtro, era necessário tirar uma foto antes. É importante destacar que, nos primeiros dois anos após seu lançamento, o Instagram estava disponível apenas para usuários do sistema operacional iOS, como iPhone e iPad.

Já os Stories, inicialmente, as publicações não podiam ser salvas, diferentemente do formato atual em que é possível destacá-las em um perfil. Essa formatação foi inspirada no mecanismo do Snapchat e acabou se tornando uma ferramenta muito poderosa e cheia de recursos em 2016, além dos novos filtros de manipulação de imagem, que podem ser usados para expressar humor, criar identidade de marca, celebrar datas comemorativas, realizar dublagens e muito mais, O Instagram se tornou um terreno fértil para a publicidade e influenciar as pessoas

O Instagram se tornou uma plataforma cada vez mais utilizada por marcas e influenciadores digitais, que exploram seu poder de documentar o cotidiano, muitas vezes de forma ilusória, e engajar a audiência. Esses influenciadores digitais se tornaram verdadeiros garotos-propaganda, cobrando valores altos por suas postagens. Um exemplo notável é Kylie Jenner, que chega a cobrar US\$ 1 milhão por um único post patrocinado. Atualmente, o

Instagram é controlado pela Meta Inc., uma empresa que agrega diversas redes sociais e plataformas digitais.

Camila Cintra (2021) faz um estudo super relevante para o tema em questão ela aponta:

O fato é que o Instagram se tornou o maior centralizador de referências estéticas, sobretudo no que concerne ao corpo humano. E por estarmos em contato com tanta intensidade e frequência - pela manhã, quando acordamos, antes de dormir, o dia todo nas nossas mãos e olhos, acaba compondo grande parte do nosso imaginário e das projeções e representações que fazemos sobre nós mesmos. (P.109)

É inegável que, no contexto das redes sociais, especialmente no Instagram, tenhamos observado um fenômeno interessante: a padronização dos rostos. Apesar das diferenças inerentes e da grande diversidade de rostos representados, surge uma percepção de que muitos rostos estão se tornando cada vez mais semelhantes. Esse fenômeno é particularmente evidente entre as chamadas "influenciadoras digitais". (CINTRA, 2021)

Figura 30 – Exemplos de antes e depois do filtro do stories Instagram

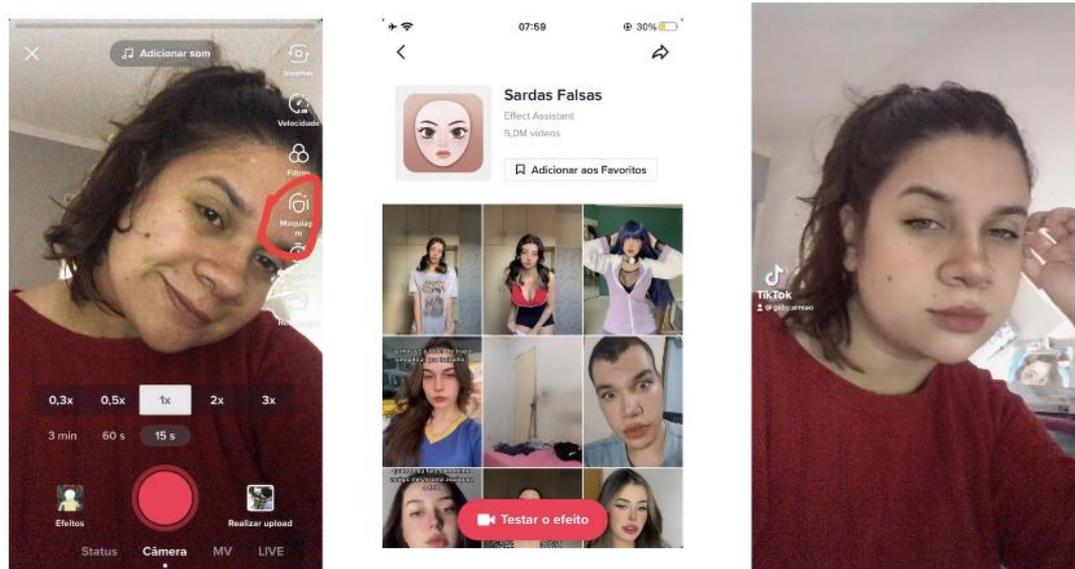


O TikTok, por sua vez, é uma plataforma que oferece uma experiência audiovisual, no qual a funcionalidade dos filtros e a manipulação da imagem desempenham um papel central e já nasce com o aplicativo, diferentemente de outras redes. Os filtros são projetados para realçar as características exclusivas, adicionar elementos lúdicos ou criar tendências visuais impressionantes. Além disso, o TikTok se destaca por seu potencial viral, permitindo que os

usuários compartilhem seus vídeos com um público amplo e diversificado. Essa característica contribui para a disseminação de tendências estéticas e comportamentais, influenciando a forma como as pessoas se apresentam e se relacionam com suas imagens nas redes sociais.

A figura abaixo é de Gabrielly Simiao, de 19 anos, estudante de Publicidade e Propaganda, usuária assídua da rede, que gentilmente serviu de modelo para a explicação de como usar o filtro. Na primeira imagem, ela ao acordar, sem maquiagem e ao clicar em efeitos, escolheu o filtro "sardas falsas", que já havia sido baixado até a data de 23 de novembro de 2021 por mais 5 milhões de usuários, na terceira imagem, ela já aparece com o filtro aplicado. Ao questioná-la sobre como se sentia ela disse: "Se pudesse acordaria com esse rosto todos os dias"

Figura 31: Antes e depois do filtro Sardas Falsas.



Fonte: Elaborado pela autora

Essa autonomia do indivíduo inicialmente apontada em algumas teorias da comunicação como a cibercultura, cultura participativa, corrobora com os processos comunicacionais promovida pelas redes sociais e apoiada pelas transformações tecnológicas. Santaella (2021) nos oferece ainda novos termos como espaços "cíbridos", uma experiência que ressalta a sincronia entre estar no ciberespaço e, ao mesmo tempo, fora dele, criando um jogo de trocas entre presença e ausência e essa sincronia também revela um paradoxo interessante. Enquanto os usuários estão imersos no mundo virtual do TikTok, eles também estão simultaneamente ausentes do espaço físico ao seu redor. Ao navegar pelos vídeos, criar conteúdo e interagir com

outros usuários, eles estão envolvidos em um ambiente virtual que parece transcender a limitação do tempo e do espaço.

Essa dualidade entre estar presente no ciberespaço e ausente no espaço físico é evidenciada pela natureza viciante e absorvente do TikTok. Os usuários podem passar horas navegando pelos vídeos, perdendo a noção do tempo e se desconectando temporariamente da realidade tangível ao seu redor. Essa imersão no mundo virtual cria uma sensação de escapismo, permitindo que os usuários se transportem para uma realidade alternativa, repleta de entretenimento, criatividade e interação social.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que essa experiência no TikTok não é completamente desconectada da realidade física. Os vídeos são criados por pessoas reais, compartilhando suas próprias experiências, talentos e perspectivas. Os relacionamentos digitais permanecem no TikTok e podem se estender para além do aplicativo, afetando as relações e a vida cotidiana dos usuários no mundo offline.

Os usuários podem experimentar uma sensação de conexão e pertencimento no mundo virtual enquanto também lidam com a necessidade de se reconectar com a realidade física e é onde os filtros nos convidam a uma experimentação de técnicas de realidade virtual uma vez que a tela reflete uma imagem manipulada potencializando a experiência de estar simultaneamente presente no ciberespaço e ausente no espaço físico. Os filtros do TikTok são uma forma de realidade virtual que permite aos usuários transformar sua aparência, ambiente e liberdade de maneiras criativas e envolventes, porém ao não se corresponder com a realidade do espelho o usuário se frustra.

Santaella (2021) nos diz que a tecnologia da “Realidade Virtual visa recriar o **sensório humano** tão plenamente quanto possível pelo exame dos dispositivos sem fio e é esse despertar de sentidos complexos humanos que se observa uma explosão de rostos modificados em sua superfície real, enquanto a fotografia e vídeos manipulados pelos filtros do TikTok, onde o rosto é o centro da atenção e das funcionalidades do aplicativo, trabalhamos com a premissa de que embora o usuário perceba e saiba que o filtro simula e indica uma imagem não real, há um efeito e inquietação tamanha que ele o deseja na superfície de sua face.

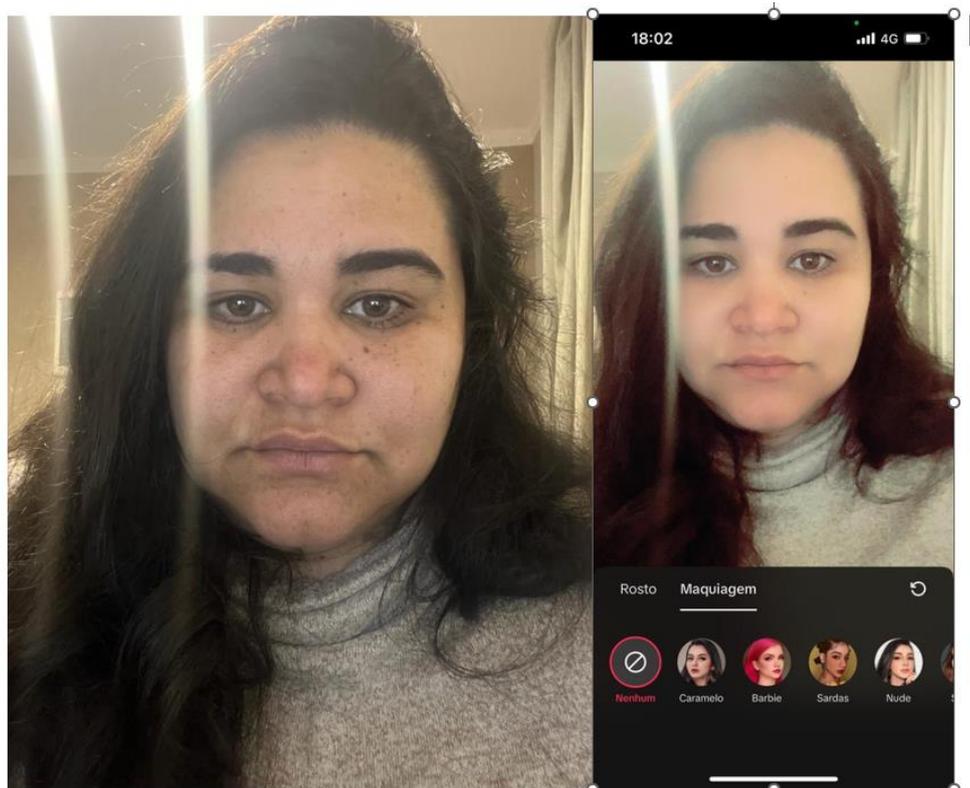
Um apontamento muito valioso é que o TikTok mesmo quando não está aplicado um efeito ou filtro ele modifica sua apresentação na tela. Isso foi motivo inclusive de muitos usuários relatarem a insatisfação que gerou uma matéria de 28 de julho de 2021 no MIT “TikTok mudou o formato do rosto de algumas pessoas sem perguntar” - os usuários notaram em seus vídeos o que parecia ser um filtro de beleza que não haviam solicitado e que não podiam

ser desativados. (<https://mittechreview.com.br/tiktok-mudou-o-formato-do-rostode-algumas-pessoas-sem-perguntar/>). Na matéria os entrevistados relatam que:

“Essa não é a minha cara”, pensou Tori Dawn após abrir o TikTok para fazer um vídeo no final de maio. O queixo refletido de volta na tela estava errado: mais fino e mais feminino. E quando ela acenou com a mão na frente da câmera, bloqueando a maior parte de seu rosto da lente, sua mandíbula pareceu voltar ao normal. A pele dela também parecia estar um pouco mais macia. Em uma investigação mais aprofundada, parecia que um filtro de beleza no aplicativo TikTok estava sendo aplicado na imagem. Normalmente, Dawn mantém esses filtros desligados em transmissões ao vivo e vídeos para cerca de 320.000 seguidores. Mas conforme ela navegava pelas configurações do aplicativo, não havia como desativar o efeito: parecia estar permanentemente no lugar, feminizando sutilmente as características de Dawn. (REVIEW, 2021)

Embora quando consultada a empresa tenha dito que o que aconteceu era apenas um momento passageiro, ao fazer um teste rápido percebemos que:

Figura 32: Foto Esquerda Iphone 13 - Foto direita no app TikTok sem nenhuma funcionalidade de filtro ou efeito aplicado



Fonte: Elaborado pela autora.

Na imagem da esquerda, temos uma foto tirada com um iPhone 13, com as mesmas condições de iluminação, posição e pose. Já na imagem da direita, temos um print da tela do

TikTok, sem a aplicação de qualquer filtro de embelezamento ou efeito, também com as mesmas condições e pose da foto anterior. Essa comparação visual nos permite perceber a diferença entre uma imagem capturada de forma tradicional e uma capturada no ambiente digital do TikTok no qual fica evidenciado que ao adentrar nos aplicativos já somos afetados diretamente por um novo modelo de realidade virtual em que o rosto aparece mais branco, a pele sem manchas, os olhos mais brilhantes, as sobrancelhas arqueadas e o molde do rosto bem delimitado. Como Santaella adverte:

Ganhando intensidade e brilho diferenciado nos delicados ajustes de cor, os corpos e rostos fotografados ganham da *fake*, ao fundir informações visuais capazes de criar atos inebriantes municiadas por recursos instantâneos de poder e distribuição pautados pelas convenções em alta das possibilidades, objetos de cena, roupas, maquiagens, truques e outros quesitos. São rostos e corpos tão perfeitos, que para vítreos, "corpo sem poros, sem exsudação, nem excreção, funcionalizado como um revestimento de celofane, exibindo a juventude da simulação" (SANTAELLA, 2004, p. 129).

Uma diferenciação importante no âmbito do TikTok é que os filtros estão relacionados à composição da imagem mais sob à luz, automaquiagem, sem muitos recursos sofisticados e isso sob a perspectiva da capacidade de manipulação autônoma do usuário. Os filtros oferecem opções para ajustar a iluminação, o contraste e outras configurações relacionadas à qualidade visual da imagem. Além disso, o usuário tem o controle total sobre a seleção e aplicação dos filtros, permitindo personalizar sua experiência visual de acordo com suas intenções criativas e inspiradas.

No entanto, é importante destacar que os filtros não são apenas ferramentas de embelezamento ou manipulação visual, mas também podem ser usados de maneira criativa para transmitir mensagens, contar histórias e criar atmosferas específicas. Os filtros no TikTok se tornam elementos marcantes na construção das narrativas dos criadores de conteúdos

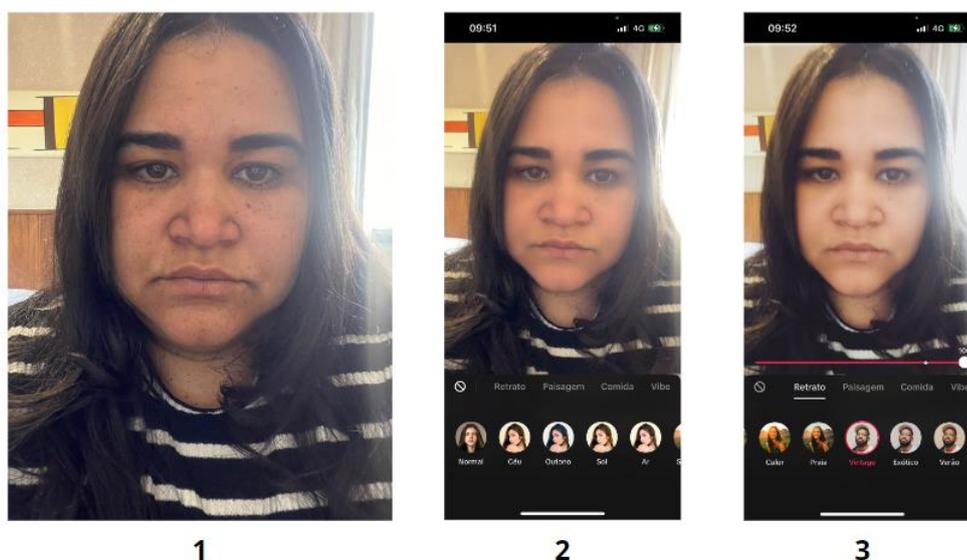
Abaixo análise da composição da ação de um filtro feito pela autora.

Foto 1: Pela câmera frontal do celular; (iphone 13)

Foto 2: dentro do aplicativo sem nenhuma edição.

Foto3: com filtro vintage aplicado em 100% de intensidade.

Figura 33- Ilustração de filtros aplicados



Fonte: Elaborada pela autora

Não se percebeu inicialmente nenhuma manipulação direta nos traços da imagem capturada, exceto aquela que já havia sido mencionada anteriormente como característica própria do aplicativo. No entanto, pode-se observar uma composição de cores mais vívida, com um estilo vintage, onde há um leve amarelamento e um clareamento da pele. Essas alterações foram sutis para criar uma estética nostálgica e retrô na imagem.

No caso das funções de efeito do TikTok, há uma notável potência de interação e não necessariamente interatividade pois, através da realidade virtual criada nesses efeitos, é possível aplicá-los automaticamente no rosto do usuário, dispensando a necessidade de uma intervenção manual. O aplicativo oferece uma vasta variedade de efeitos, que vão desde opções de embelezamento até distrações e jogos interativos sendo que o rosto desempenha um papel fundamental na interação, tornando-se o suporte primordial para a experimentação e o engajamento com esses efeitos. É interessante notar que, diferentemente dos filtros, os efeitos não influenciaram a autonomia do usuário na construção de sua aparência. Na verdade, para

criar efeitos personalizados e carregá-los no TikTok, são necessárias habilidades avançadas em design e programação computacional.

Essa complexidade levou na criação de sites e profissionais especializados na criação desses efeitos não apenas para a TikTok mas também para outras plataformas. Isso evidencia tanto a demanda dos usuários por experiências visuais virtuais em sua rede social quanto a necessidade de conhecimentos especializados para criar esses recursos. No entanto, é importante questionar até que ponto essa experiência de efeitos pré-fabricados está limitando a experiência individual e reforçando uma padronização estética. Com isso os efeitos gerados de tendências e modismos (*trends*) TikTok também pode levar a uma certa uniformidade e perda de originalidade. Portanto, embora os efeitos proporcionem uma experiência de interatividade emocionante, é essencial refletir sobre os efeitos dessas dinâmicas na expressão individual e na diversidade estética.

Abaixo análise da composição da ação de um efeito feito pela autora.

Foto 1: Pela câmera do celular;

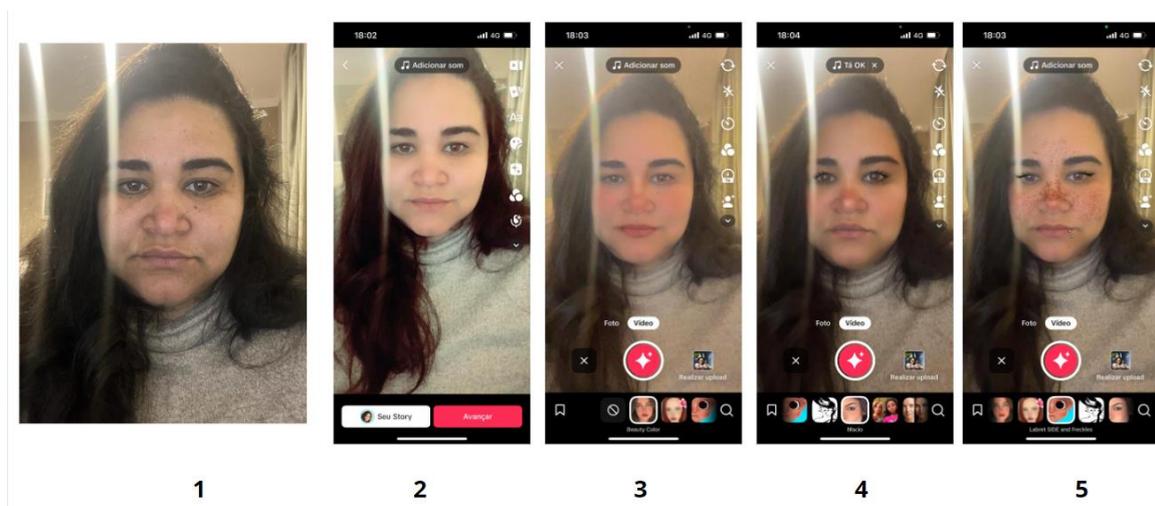
Foto 2: dentro do aplicativo sem nenhuma edição.

Foto 3: Efeito - Beauty Color

Foto 4: Efeito Macio

Foto 5: Efeito Labret Side and Frecles

Figura 34- Ilustração de efeitos aplicados



Fonte- Elaborado pela autora.

Foto 3: O efeito "Beauty Color" é um filtro disponível no TikTok que modifica a cor e a tonalidade da imagem, proporcionando uma aparência maquiada e vibrante. Ele realça os tons presentes na imagem, deixando os lábios mais destacados e as maçãs do rosto com uma tonalidade rosada, sem afetar muito a região do maxilar. Esse efeito foi criado pelo usuário @iayseozdenir, um profissional dedicado que trabalha na área há três anos. O filtro foi usado por 32,6 milhões de usuários até a data da pesquisa. Vale ressaltar que o nome do criador é AYSE ÖZDEMİR e ele segue a religião muçulmana.

Foto 4: O efeito "Macio" é um filtro que suaviza os traços e texturas da imagem, conferindo uma aparência mais suave e polida. Ele pode amenizar imperfeições e uniformizar a pele e outros elementos presentes na foto. O filtro foi criado pelo usuário @uma\_guilia\_artistica, uma criadora mexicana que possui 1,9 milhão de seguidores. Seus vídeos demonstram como criar filtros a partir de fotos de celebridades. Não há informações disponíveis sobre o número de aplicações desse efeito em vídeos.

Foto 5: O efeito "Labret Side and Freckles" é um filtro que adiciona sardas e um piercing labret falso à imagem. Ele proporciona um visual mais descolado e estilizado, adicionando elementos de moda e personalidade à foto. Além disso, o filtro inclui um efeito de delineado de "olho gatinho" que destaca o olhar. Foi criado pelo usuário @robertobreno, que possui 2,3 milhões de seguidores na rede. Ele é conhecido por criar diversos tipos de filtros, principalmente focados em sardas e piercings. Até a data da pesquisa, o filtro foi utilizado em 56 mil vídeos.

Esses efeitos, escolhidos aleatoriamente, são apenas exemplos entre milhares disponíveis no TikTok. Não se tem muito uma resposta da quantidade até o presente momento, mas a viralização dos vídeos depende também do filtro e o recurso sonoro que é atribuído a ele, já que todos esses elementos compõe a dinâmica de distribuição de conteúdo da plataforma.

O que os filtros faciais trazem de melhor aos usuários é o caráter experimental no próprio corpo, com muita versatilidade. Isso vem ao encontro de algo muito caro ao indivíduo hipermoderno, que é por essência um multívíduo, multifacetado e com identidade fluida. Poder brincar com diversas possibilidades, testadas em si mesmo, é um jogo que agrada a esse sujeito. Os filtros se tornam formas múltiplas de experimentação, criação, de expressão, e comunicação. E, por que não, de ser. (CINTRA, 2021, p.40)

Os filtros digitais nos conduzem a uma estética computadorizada que promove uma forma de beleza quase inumana, muitas vezes exagerada e desprovida de expressão, criando

uma aparência irreal. Essas camadas virtuais nos proporcionou uma pele sem imperfeições, contornos faciais esculpidos e olhos ampliado e resultou em um visual hipnotizante. Ao adotarmos esses filtros, nos apresentamos aos olhos do outro como belos e adequados, porém, seguindo uma lógica pré-estabelecida que ordenou um padrão de beleza a ser seguido. Essa lógica é instituída para atender a demandas predefinidas, moldando-nos de acordo com um ideal de beleza selecionado, não apenas como referência, mas como um molde baseado em um determinado tipo de beleza escolhido. (CINTRA, 2021)

A esse visual hipnotizante que antigamente estava a cabo da tela grande do cinema, passa a ser encontrado na palma da mão, e por isso uma experiência estética no sentido semiótico de Peirce se faz muito latente, não estamos falando de apenas ficarmos hipnotizados, mas de sim, admirarmos terrivelmente a aparência a ponto de desejar que ela saia da tela e se instaure no rosto.

Isso levanta uma questão intrigante que merece ser contemplada: será que o fenômeno das tendências pode levar a uma nova forma de massificação? Estaremos constantemente à mercê das últimas tendências? Aqueles que não participam estão excluídos? Será que o senso de pertencimento está sobrepondo a potência criativa do indivíduo? Esses questionamentos levantam inquietações e são temas que podem ser explorados e discutidos em estudos futuros. É importante registrar essa provocação para incentivar pesquisas mais aprofundadas sobre o impacto das tendências na sociedade atual.

#### **5.4 Os filtros sob a perspectiva semiótica**

Para aprofundar nossa análise, precisamos considerar o filtro como um signo em si, ponderando sobre a potência semiótica que ele possui para gerar semioses e suas interpretações. De fato, sendo uma forma de realidade aumentada, o filtro pode ser dissecado em uma análise semiótica. Considerando os conceitos de ícone, índice e símbolo, propomos o seguinte estudo semiótico do filtro do TikTok:

Signo: Filtro do TikTok

Objeto: Imagem/vídeo com efeitos de filtro aplicados

Interpretante: Percepção e compreensão do efeito do filtro pelo usuário

- Ícone: O filtro pode ser considerado um ícone, pois mantém uma relação de semelhança ou semelhança parcial com a realidade física. Ele pode replicar recursos visuais de

elementos do mundo real, como filtros que simulam lentes de câmeras capturadas ou efeitos de iluminação. O ícone do filtro funciona como uma representação visual que se assemelha a algo reconhecível, criando uma associação direta com essa realidade.

- **Índice:** O filtro também pode ser entendido como um índice, pois estabelece uma relação causal ou indicial com o conteúdo original. Ele aponta para a existência de um processo de modificação ou manipulação da imagem, indicando que houve uma ação ou intervenção na criação da imagem filtrada. O índice do filtro remete à noção de que a imagem original foi transformada ou mantida de alguma forma.
- **Símbolo:** Além de sua função icônica e indicial, o filtro também pode ser considerado um símbolo, pois adquire significados culturais e simbólicos que vão além de sua forma física. Cada tipo de filtro pode estar associado a um contexto cultural, estético ou emocional específico. Por exemplo, filtros que suavizam as imperfeições da pele podem simbolizar uma busca pela beleza idealizada, enquanto filtros que adicionam elementos de fantasia podem simbolizar a criatividade e a imaginação

<b>Categorias</b>	<b>ícone</b>	<b>Índice</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Objeto Dinâmico</b>	<b>Objeto Imediato</b>
<b>Filtro</b>	beleza	Artificial	ambiguidade	Aparência humana	Mecanismos internos
<b>objeto</b>	rosto humano	Procedimentos estéticos	platicidade	Rosto liso	componentes visíveis
	<b>Interpretante Dinâmico</b>	<b>Interpretante Imediato</b>	<b>argumento</b>	<b>Remático</b>	<b>Discêntico</b>
<b>Filtro</b>	liberdade de escolha	natureza dupla	Dualidade da aparência e essência	Ambiguidade da natureza humana	Desafio à concepção belo
<b>objeto</b>	Autonomia	dualidade estética	Dualidade da aparência e essência	Busca aparência como a imagem refletida	Desafio à concepção tradicional de humano

## 5.5 Marcas pós-humanas

Como já vimos anteriormente, há muitos indícios de que temos um novo modelo de rosto digital, com sua suavidade e ausência de imperfeições nos convida a refletir sobre as questões levantadas no primeiro capítulo acerca do pós-humano e da modificação do corpo e, neste caso do rosto. Ele representa uma manifestação da busca pelo aperfeiçoamento e pela transcendência dos limites humanos. Esse rosto sem expressão nos faz questionar sobre a perda da individualidade e da confiança no meio à cultura digital, em que a imagem é constantemente moldada e filtrada. É um convite a refletir sobre as transformações da identidade e as novas possibilidades que emergem nesse contexto.

No mundo digital, surge um novo tipo de rosto singular, quase ciborguiano. É um rosto que transmite juventude, com uma pele perfeita, sem poros visíveis, e características cheias e proeminentes. Possui olhos de gato e prolongados, remanescentes de desenhos animados. O nariz é pequeno e elegante, e os lábios são carnudos e exuberantes. Quando olho para a imagem, há uma timidez no olhar, mas uma ausência de expressão.

E enquanto isso no mercado e na cultura existe uma quantidade enorme de procedimentos estéticos, como harmonização facial, rinomodelação, bochectomia, preenchimento labial que tentam reproduzir esse tipo de rosto, isso para além da maquiagem como era feito em momentos anteriores. Com o avanço das técnicas estéticas, é possível observar uma tendência em direção a procedimentos menos invasivos e agressivos. A valorização do território simbólico da leveza, em contraposição ao peso do sólido, reflete-se também na preferência por mudanças físicas sutis. Atualmente, há uma tendência em direção a técnicas consideradas "não-invasivas", "não-agressivas" e "reversíveis", com procedimentos que recebem nomes como "harmonização facial", "preenchimento" e "alongamento". Essa transtética e busca pela leveza também se reflete na nomeação cada vez mais eufemística das atletas, que deixaram de ser vistas como drásticas e passaram a ser encaradas como pequenos ajustes possíveis e desejáveis (CINTRA, 2021)

Em 2018, a BBC (DAVIS, 2018) trouxe ao público uma matéria em que apontava para o desejo dos jovens em ficar parecidos. Na ocasião a entrevistada Crystal adorava trocar selfies com os amigos, porém, ela se deita por um instante antes de enviar suas próprias fotos: "Não consegui parar de olhar como o filtro do Snapchat mudava o meu rosto", disse à BBC. "Ele definia meu queixo, delineava as maçãs do rosto e deixava meu nariz mais reto, o que sempre me fazia sentir um pouco insegura", conta a assistente médica de 26 anos, de San Diego, na Califórnia (EUA). Ela diz que às vezes conseguiu um aspecto semelhante usando maquiagem, mas que não tinha tempo de "se pintar" todos os dias para chegar ao mesmo resultado. Em uma tentativa então de ter o rosto parecido de fato com a versão que via com o filtro das flores do Snapchat, ela decidiu fazer preenchimentos no nariz e embaixo dos olhos.

De 2020 em diante, muitos veículos começaram a trazer o assunto de que os filtros estariam impulsionando o mercado de beleza e estética. Em maio de 2020, o site ELLE (EIRAS, 2020) diz que de acordo com o Censo de 2016 da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, houve um aumento significativo de 390% na busca por procedimentos estéticos não cirúrgicos no país. Entre esses procedimentos, o preenchimento labial é o mais procurado, seguido pela aplicação de botox, peeling, laser e suspensão com fios, de acordo com dados da própria sociedade. Essa tendência de busca por procedimentos estéticos não respiratórios também se

reflete em outros estudos. Em 2017, um estudo da Academia Americana de Cirurgiões Plásticos revelou que 55% das pessoas que realizaram rinoplastia naquele ano o fizeram com o objetivo de melhorarem suas selfies. Esses dados mostram que a motivação para buscar procedimentos estéticos está cada vez mais ligada à busca por uma aparência idealizada nas redes sociais.

Segundo Hilaine Yaccoub (2021), essa mudança de percepção estética está relacionada ao constante ato de tirar selfies, que altera a forma como nos enxergamos e como definimos nossa beleza. O Instagram, por exemplo, assumiu o papel de uma nova capa de revista, e sempre buscamos alcançar o cuidado visual perfeito que vemos nos perfis da rede social.

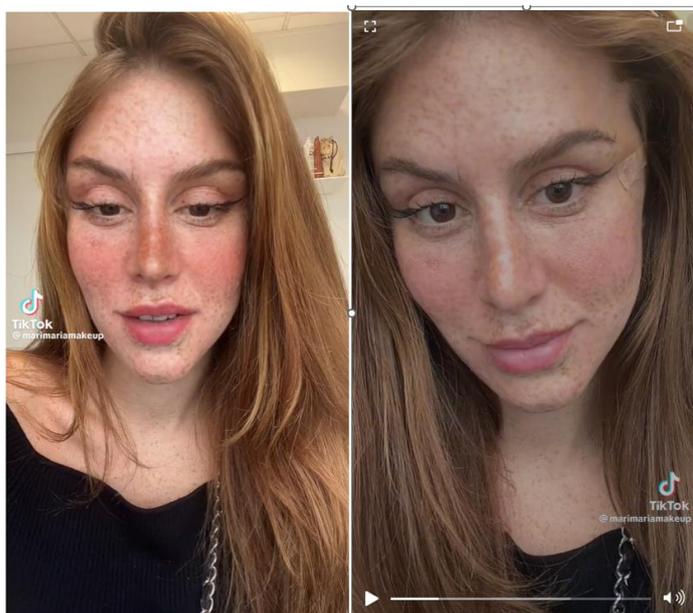
Em julho de 2020, de acordo com uma reportagem do portal de notícias G1 (MATOS, 2020), houve um aumento significativo nas buscas por termos relacionados a procedimentos estéticos após as influenciadoras digitais Flasylane, Flávia Pavanelli e Gabi Prado compartilharem fotos de suas rinoplastias e da técnica de alongamento para os olhos, conhecida como "foxy eyes". O aumento nas buscas foi de 78% para rinoplastia e impressionantes 1.250% para a técnica de alongamento dos olhos. Esse dado demonstra o impacto que as influenciadoras digitais têm na disseminação de tendências estéticas e como a exposição de seus procedimentos pessoais pode despertar o interesse e a curiosidade do público em relação a esses tipos de procedimentos.

Em julho de 2021, o assunto volta no portal do *Estadão* (FRANÇA, 2021) “ diz que Um estudo controlado pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética e pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, em 2021, constatou que no Brasil foram realizados mais de 1,4 milhões de procedimentos estéticos. Esse aumento significativo na procura por cirurgias estéticas pode ser atribuído, em parte, à influência dos filtros de redes sociais e chamadas de vídeo.

Na matéria a fisioterapeuta Karina Rissi, de 37 anos, decidiu fazer botox no início de 2022, impulsionada pelas fotos que tirava e pelas chamadas de vídeo que realizava em seu trabalho. Ela relata que as linhas de expressão e rugas que surgiam ao falar a estavam incomodando. Essas características davam uma aparência de cansaço à sua imagem, mesmo quando ela não estava realmente cansada. “Mesmo usando maquiagem leve, não consegui resolver completamente o problema”. Além dos motivos já mencionados, ela também considerou a natureza de seu trabalho. Como fisioterapeuta especializada em estética, ela entende que sua aparência é seu "cartão de visita". Portanto, cuidar de sua imagem é importante para transmitir profissionalismo aos seus clientes e, com isso, a necessidade de se sentirem confiantes e apresentáveis nas chamadas de vídeo.

Recentemente, a influenciadora digital Mari Maria Makeup, em uma publicação datada de 28 de abril de 2023, revelou em seu perfil o desejo de se assemelhar ao filtro Bella Hadid, popular no TikTok. Ela informou que um dermatologista realizou o procedimento desejado, fornecendo uma explicação sucinta. No entanto, curiosamente, o resultado exato do procedimento permanece incerto, já que ela manteve o efeito do filtro aplicado durante todo o vídeo.

Figura 34- Print do video com frame do início e quando se mostra o procedimento



Fonte : Elaborado pela autora

#### Transcrição do vídeo:

"E eu que cheguei na minha dermato e falei que eu queria ficar com o olho tipo esse filtro com a sobrancelha mais levantada. E ela deixou a sobrancelha assim. Eu fiz fox eyes gente! O que que é isso. Puxa bem aqui né na sobrancelha pega aqui na sobrancelha e vai puxando ai fica inchadinho essa região. Só que como eu tenho muito medo de dor eu fui sedada, porque a primeira vez eu fiz doeu um pouquinho, mas, essa segunda, eu fiquei com medo, não sei, não estava corajosa. Tem dia que eu to meio fraca pra dor. Ai eu falei : -Pode me sedar por favor. " (MARIMARIA 2023, in @narimariamakeup)

A harmonização facial, como exemplo de procedimento estético não complexo e recorrente, é executada por meio diversas técnicas como preenchimento labial, botox e outros, começou a ganhar popularidade mundial no início da década de 2000. No entanto, é importante notar que muitas das técnicas individuais que compõem a harmonização facial possui história longa dentro da medicina estética. Por exemplo, a toxina botulínica (botox) foi aprovada para

uso cosmético nos Estados Unidos em 2002, enquanto os preenchimentos dérmicos têm sido usados desde os anos 1980. As técnicas e produtos usados na harmonização facial continuarão a evoluir e melhorar ao longo dos anos, desde então, a harmonização facial tem se popularizado e se tornado uma opção cada vez mais buscada por pessoas que desejam melhorar sua aparência facial de forma global.

O procedimento de harmonização facial tem se tornado cada vez mais acessível e pode ser facilmente realizado por dentistas qualificados. Existem diversos sites especializados que fornecem informações específicas sobre os benefícios desse tipo de procedimento estético. Além disso, nas revistas de odontologia é possível encontrar uma abundância de revisões bibliográficas que exploram e analisam os aspectos relacionados à harmonização facial.

Essas publicações acadêmicas oferecem uma abordagem mais científica e embasada sobre o assunto, proporcionando uma visão aprofundada sobre os benefícios, técnicas, materiais utilizados e resultados obtidos com a harmonização facial e não apenas como algo sem comprovação científica de melhora em algum aspecto sugerido. Elas podem ser uma fonte valiosa de informações para dentistas que desejam se especializar nessa área e para pacientes que desejam entender melhor os aspectos envolvidos nesse tipo de procedimento.

As revisões bibliográficas apresentadas nas revistas de odontologia oferecem uma análise crítica da literatura existente, compilando e avaliando os estudos científicos disponíveis sobre a harmonização facial. Essas análises ajudam a estabelecer bases sólidas para a prática clínica, permitindo que os profissionais de odontologia defendam tratamentos seguros, eficazes e eficazes. Isso se torna eficiente para não parecer apenas uma banalização da preocupação com a aparência, mas que sim, pesquisa-se sobre os efeitos das toxinas utilizadas e os resultados esperados: Custódio et al, (2020) nos diz

A face é uma das regiões mais complexas do corpo humano e o seu conhecimento anatômico é condição primordial e fundamental para dar mais segurança aos profissionais que nela atuam. A anatomia da face tem recebido muita atenção durante os últimos anos, já que os procedimentos de rejuvenescimento facial, invasivos ou não, vêm sendo realizados de várias maneiras e com uma frequência cada vez maior. (p.2)

Para profissionais que operam nesse campo, um entendimento profundo da anatomia facial é crucial. Tal conhecimento confere maior segurança durante a execução de procedimentos estéticos e rejuvenescedores. Embora a motivação do paciente possa ser primordialmente estética, é necessário que o dentista esteja atento às questões relacionadas à saúde. Esse é um aspecto que complementa.

Todo procedimento estético deve visar, antes de tudo, a saúde do paciente, sempre na busca de resultados naturais e duradouros. O apelo estético da face torna essa região do corpo uma das mais complexas de se realizar qualquer tipo de procedimento. Ossos, músculos, ligamentos, gordura, e pele são os principais constituintes da face, entremeados por vasos e nervos. Todos eles sofrem envelhecimento e podem ser alterados ou afetados por qualquer procedimento realizado. O conhecimento da anatomia relacionada a idade paciente se torna indispensável para o trabalho de um profissional que lide com a estética da face (p.2)

Os estudos nessa área têm explorado a busca pela "fonte da juventude" e têm investigado o uso do botox como uma solução possível para o rejuvenescimento facial. Existem evidências claras de que o botox, uma toxina botulínica, pode fornecer resultados positivos na redução de rugas e linhas de expressão. A toxina botulínica age bloqueando os sinais nervosos que causam a contração dos músculos musculares, o que resulta em um relaxamento temporário desses músculos. Isso ajuda a suavizar as rugas e linhas de expressão, proporcionando uma aparência mais jovem e rejuvenescida.

Estudos demonstraram a eficácia do botox e do ácido hialurônico na área rosto, incluindo testa, pés de galinha ao redor dos olhos e rugas ao redor da boca. Além disso, o botox também pode ser utilizado para tratar condições médicas, como o bruxismo (ranger dos dentes) e hiperidrose (excesso de transpiração). Enquanto o botox age relaxando os músculos e suavizando as rugas causadas pela atividade muscular, o ácido hialurônico preenche as rugas e sulcos, restaurando o volume e a estrutura facial. O resultado do botox geralmente leva de alguns dias a uma semana para se tornar visível e dura em média de três a quatro meses. Já o ácido hialurônico proporciona resultados imediatos e sua duração varia de seis meses a dois anos, dependendo do tipo de produto utilizado e da área tratada.

Desse modo, conclui-se que o uso do AH na harmonização facial confere volume, sustentação, hidratação e elasticidade à pele. As diferentes apresentações farmacêuticas disponíveis permitem a escolha do produto com reticulação e densidade apropriada à reposição volumétrica em diferentes planos de tecidos e zonas anatômicas, de forma a atender as necessidades individuais do paciente proporcionando resultados mais sofisticados. (MAIA, SALVI, 2018 s/p)

Certamente a busca por uma aparência mais jovem não é um fenômeno recente. As cirurgias plásticas existem há décadas e têm sido uma opção para aqueles que desejam alcançar um ideal de beleza. No entanto, é importante ressaltar que a noção de beleza idealizada também

está intrinsecamente ligada ao contexto do consumo comercial. Eco, (2004), discute esse movimento contraditório na qual a arte tentou desafiar e questionar ao longo dos anos. O autor sugere que, no futuro, que pode já ser o presente, podemos enfrentar uma realidade em que não seremos capazes de distinguir o ideal estético propagado pelos meios de comunicação do século XX e anteriores.

Estamos mergulhados em uma “orgia de tolerância, sincretismo total e uma reverência inabalável ao politeísmo da beleza” (ECO, 2004 p. 428). Essa visão provocativa levanta questões sobre como a nossa percepção estética pode evoluir e como isso pode afetar nossa compreensão da beleza e dos padrões estéticos.

Nesse sentido, é importante refletir sobre como a busca pela aparência jovem e esteticamente atraente é moldada por influências dos filtros e das redes sociais e comerciais. As transformações no campo da estética e dos procedimentos estéticos têm sido impulsionadas por avanços tecnológicos e pela pressão social para alcançar um padrão de beleza idealizado que já emerge pelo “mass media” e pelas celebridades.

No entanto, é fundamental manter uma perspectiva crítica e questionar os ideais de beleza impostos pela sociedade. Devemos buscar uma personalidade da diversidade e individualidade, reconhecendo que a beleza não pode ser reduzida a um padrão único, porém parece que estamos na contramão disso e nos padronizando cada vez mais ao invés de entender o que poderia nos libertar das amarras dos padrões estéticos e permitir uma experiência mais enriquecedora e saudável de nossa própria beleza. A busca pela beleza deve ser uma jornada individual, baseada na certificação e na valorização da diversidade. Portanto, se faz mais que necessário evocar o *ciborg* de Haraway sendo a “encarnação de um futuro aberto às ambiguidades e às diferenças” Santaella (2003) afirma:

Em um mesmo corpo, reúnem-se o mecânico e o orgânico, a cultura e a natureza, o simulacro e o original, a ficção científica e a realidade social. A declaração de Haraway de que somos todos ciborgs deve ser tomada em sentido literal e metafórico. No sentido literal, porque as tecnologias biológicas e teleinformáticas estão, de fato, redesenhando nossos corpos. Metaforicamente, porque estamos passando de uma sociedade industrial orgânica para um sistema de informação polimorfo. (p.186).

Na contemporaneidade, os espectadores, ou usuários encontram-se imersos em um vasto oceano de linguagens e imagens, confrontando-se diretamente com signos e suas semioses em diversos níveis. Han (2017 p.35) alega: “O problema não é o aumento das imagens em si, mas uma coação icônica para se tornar imagem”. Essa afirmação reflete uma realidade onde a

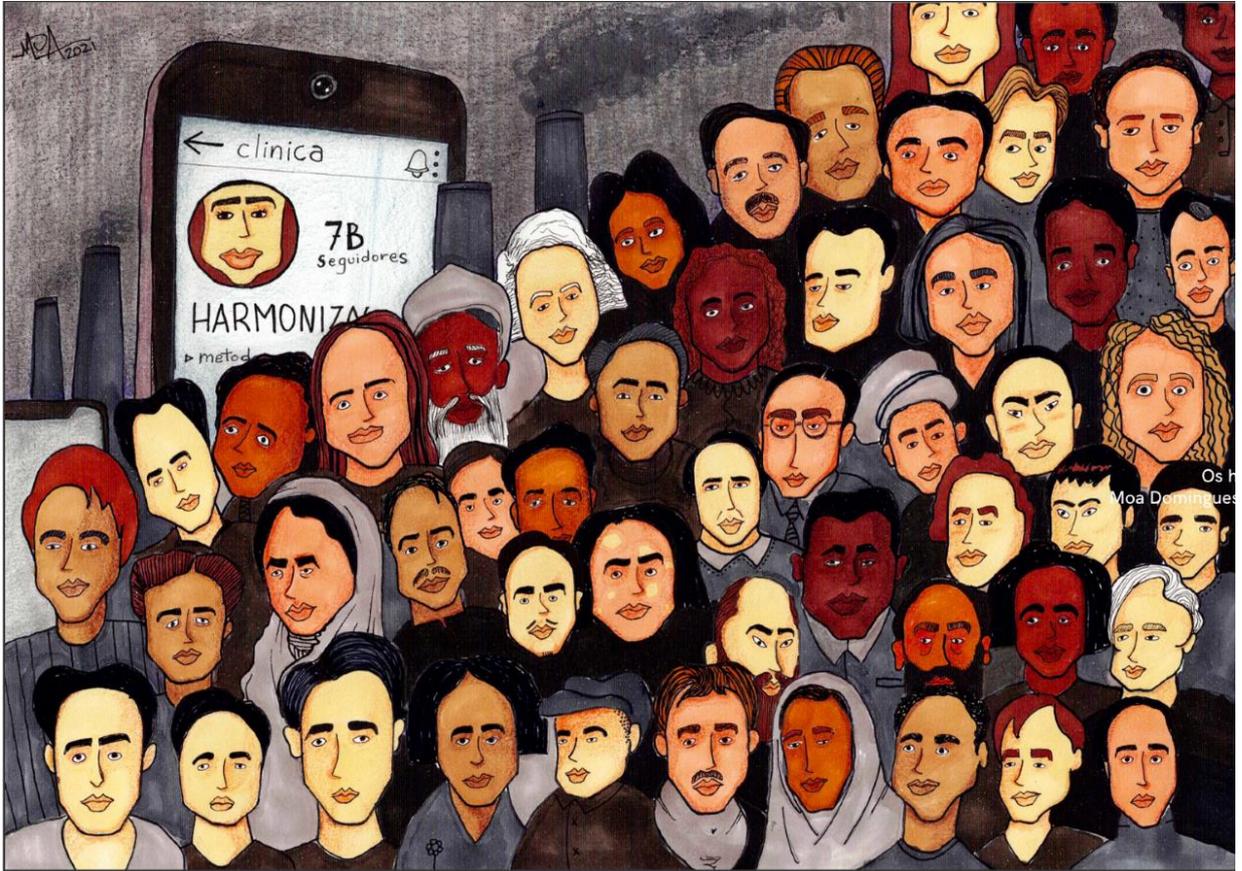
perspectiva imagética vai além da mera produção e consumo, mas evoca uma pressão implícita para a transformação do indivíduo em consumo de imagem.

Diante do aumento significativo de procedimentos estéticos, a provocação final surge como uma inquietação em relação à percepção renovada da estética, impulsionada pelo uso deliberado de filtros e pela presença pervasiva das redes sociais. Esta transformação levanta uma questão crucial e complexa: Pode o ser humano unir-se à máquina para estabelecer um novo padrão estético?

Presentemente, somos cada vez mais influenciados pela virtualidade, a distinção entre o humano e o artificial parece ter se dissolvido bem organicamente. A interface digital é agora um elemento inseparável da identidade, e o aprimoramento estético tem sido cada vez mais direcionado por padrões definidos pelas representações digitais. Portanto, a fusão homem-máquina, nesse sentido, não apenas é plausível, como também já está em curso. Contudo, é essencial considerar os efeitos éticos, a virada estética e refletir se ela representa uma evolução positiva e se ainda restou algo de humano no pós-humano.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 34 - Os Harmonizados



Fonte: Obra de Moa Domingues feito a Marcador e Nanquim sobre Papel Canson

Essa obra foi apresentada a mim em abril de 2021, coincidentemente ou não, no mesmo dia em que terminei de escrever meu projeto de ingresso no TIDD. Lembro-me claramente que o artista, um amigo que tive a sorte de conhecer durante o curso de semiótica psicanalítica na PUC me mostrou a obra e eu imediatamente lhe respondi: "É sobre isso que vou pesquisar!". Ao longo do tempo de pesquisa, percebi cada vez mais a sensibilidade da arte e dos artistas em relação às mudanças culturais, e sinto-me afortunada por tê-los por perto. Como forma de referenciá-los e concluir meu trabalho, desejo descobrir se consegui finalmente capturar as inquietudes da pesquisadora que nasceram ao longo desses dois longos anos.

A obra do meu amigo, *Os Harmonizados*, uma releitura dos "Operários" de Tarsila do Amaral, revela algo importante sobre a relação entre a arte e a cultura contemporânea que foi descobrindo que a arte sempre ocupa um lugar sensível da estética como experiência admirável pois assim ela desempenha um papel crucial na orientação do nosso esforço ético. Ela nos indica

a direção para onde devemos direcionar nossos esforços em busca do ideal. Quando reconhecemos a beleza em algo, seja na arte, na natureza ou nas ações humanas, somos inspirados a buscar essa qualidade em nossas próprias vidas.

A estética nos oferece um senso de discernimento sobre o que é valioso e digno de busca. Ela nos convida a refletir sobre o que realmente importa, despertando a sensibilidade e a percepção de aspectos estéticos em nosso cotidiano. Ao apreciar a harmonia, a proporção, a originalidade e outras características que tornam algo admirável, somos motivados a nos esforçar para alcançar essas qualidades em nossas próprias ações e escolhas. Ela nos oferece uma bússola para orientar nossas decisões e ações éticas, lembrando-nos constantemente do ideal de beleza e excelência que buscamos alcançar.

De fato, o TikTok transcende sua função inicial como uma simples rede social, envolvendo-se em uma plataforma de distribuição de conteúdo que oferece um nível de autonomia sem igual. Funções, que antes eram reservadas a produções cinematográficas mais sofisticadas, agora podem ser executadas com apenas alguns toques na tela. Essa plataforma permite a utilização de técnicas avançadas, como a fotogenia, que vai além da mera aparência física dos atores e atrizes, envolvendo também a maneira como são capturadas pela câmera e como suas imagens são manipuladas por meio de técnicas de montagem, como o croma -key, e a incorporação de trilhas sonoras.

O TikTok permite aos usuários explorar e experimentar uma variedade de recursos de produção de conteúdo, tornando-se um espaço de criação e expressão artística. As ferramentas disponíveis na plataforma permitem a edição de vídeos de forma rápida e acessível aos usuários, que por sua vez, criam vídeos com qualidade profissional e efeitos visuais impressionantes. A incorporação de trilhas sonoras também desempenha um papel importante na criação de atmosferas e na amplificação das mensagens transmitidas por vídeos.

Essa ascensão da produção audiovisual e o acesso facilitado a recursos de edição e montagem trazem uma nova dinâmica ao mundo digital, permitindo que indivíduos comuns se tornem criadores de conteúdo e compartilhem suas narrativas com potencial criativo ou às vezes apenas mais de um mesmo. No entanto, é importante destacar que, embora essas ferramentas esportivas sejam incríveis, também podem contribuir para a disseminação de conteúdos inautênticos e promover uma cultura de aparências idealizadas. Portanto, é essencial que os usuários desenvolvam uma consciência crítica em relação aos efeitos dessas tecnologias e utilizem-nas de forma responsável, promovendo uma cultura de segurança e valorizando a diversidade de perspectivas e experiências.

Anteriormente, o cinema possuía um poder ritualístico, onde a tela grande e a experiência coletiva dos espectadores geravam escritores e envolvimentos com os objetos estéticos apresentados. No entanto, com o avanço da tecnologia e a popularização dos dispositivos móveis, essa dinâmica mudou. Agora, somos nós que, por meio das telas menores, exercemos um poder de impacto sobre elas.

Antes também, o cinema nos envolvia e nos imergia em um mundo audiovisual, criando uma experiência de contemplação coletiva e de entrega ao espetáculo visual. Agora, com as telas menores, somos nós que influenciemos o que é exibido, selecionando e compartilhando conteúdos de acordo com nossos interesses e ouvidos. As telas se tornaram receptoras de nossas escolhas e de nossa interação, inscreveram-nos em agentes ativos na construção da experiência estética. Essa mudança de dinâmica também reflete uma transformação na relação entre o público e os objetos estéticos. Antes, éramos impactados pelas grandes produções cinematográficas e pela magia da tela grande. Agora, temos o poder de impactar as telas, ao criar e compartilhar nosso próprio conteúdo, expressando nossa criatividade e visão estética por meio de aplicativos como o TikTok.

Essa transformação na relação entre as telas e os espectadores evidencia o poder da tecnologia em democratizar a criação e a fruição estética. Através de dispositivos, podemos exercer nossa influência estética de forma mais pessoal e direta, participando ativamente do processo de produção e consumo de conteúdo audiovisual. Portanto, essa mudança de dinâmica nos convida a refletir sobre o papel do público na era digital e a importância de nossa interação e criatividade na construção de experiências estéticas contemporâneas

O rastro do pós-humano, que se manifesta no cinema, traz consigo vestígios distintos. A figura da mulher-máquina, cuja aparência fria e artificial incita uma mistura de medo e desconfiança. Exemplarmente, a replicante Priss de "Blade Runner", um ser artificial com características físicas positivas, sem quaisquer imperfeições. a Sra. Ida Lowry, cuja busca incessante pela juventude é uma sátira da obsessão social por uma aparência perfeita, rigidamente controlada pelo Estado. Atingimos um ponto culminante com Ava, uma inteligência artificial hipnotizante do filme "Ex Machina". Ava possui um rosto liso, belo e jovem, representando uma beleza quase surreal.

No entanto, as desconfianças e réplicas parecem desvanecer-se diante da invasão das telas na cultura, enquanto a sátira e o rosto impecável se aproximam cada vez mais da realidade, parecendo assim estarmos na contramão das narrativas dos filmes. A potência criativa dos

aplicativos de manipulação de imagem facilita o sujeito a criar diversas versões de si, experimente esses possíveis em contrapartida, a busca por profissionais, cujos serviços se tornem mais acessíveis financeiramente a cada dia. O ideal de beleza, liso e jovem, tornou-se - se um objetivo obsessivo a ser alcançado, embora ilusório. As pressões sociais e os padrões estéticos exercem uma enorme ênfase na aparência física, levando muitas pessoas a perseguirem a perfeição e se afastarem de sua própria natureza humana, aproximando-se desse ideal pós-humano.

Embora não tenha conseguido falar um pouco sobre essa obsessão a partir dos elementos da psicanálise, gostaria de apresentar apenas rudimentos e provocação. Com base na teoria psicanalítica de Lacan, pode-se dizer que o 'ideal do eu' projetou o desejo íntimo encarnado, e o gozo que opera "do outro lado" ao desejo, todos têm papel na obsessão contemporânea com a aparência e a autoimagem. No entanto, a busca constante por esse 'ideal do eu' pode levar à reclamação e à insatisfação, pois sempre haverá uma lacuna entre o real e o ideal, entre quem somos e quem desejamos ser. Essa é a natureza do desejo em Lacan - uma busca incessantemente impulsionada pela falta. O objeto do desejo é sempre algo que está além do nosso alcance, algo que sempre nos escapa. Isso cria uma dinâmica de constante busca e desejo, um ciclo perpétuo de desejo.

Além disso, a busca desenfreada por prazer ou "gozo", através da constante mudança e aprimoramento de nossa aparência, pode acabar sendo realizada em uma forma de prazer que é ao mesmo tempo doloroso, pois nunca estamos completamente satisfeitos com nossa aparência e sempre estamos buscando melhorá-la. Essa padronização da aparência e a obsessão com a imagem idealizada nos confrontos com uma questão fundamental: o que resta de nossa identidade individual quando temos à mão tanta tecnologia para moldar nossa aparência, e ainda assim optamos pela mimese de um simulacro infinito mediado pela tela? Se a era do humanismo dá lugar ao pós-humano, qual é o espaço para o 'eu' autêntico, único e imperfeito?

## Dois dedos de prosa

São Paulo, 14 de junho 2023.

Enquanto estava parada no engarrafamento, lembrei-me de uma notícia que havia viralizado nas redes sociais. Rapidamente, mostrei uma imagem no meu celular para Meu Bem, exibindo uma harmonização facial impressionante do ator Estênio Garcia, que hoje tem 91 anos.

Meu bem, é um contador, Controller em uma multinacional que quase nunca usa as redes sociais, nem tem uma conta de usuário no Instagram. Se diz um grande leitor de livros de figuras.

Ao ver a imagem da “transformação do rosto” de Estênio. Seus olhos se arregalaram e ele exclamou: " - Nossa, mas ele está a cara do Murphy!

Eu perguntei, mas quem é Murphy?!

Ele: - o RoboCop! ... Nossa, mas parece que ele passou por uma verdadeira metamorfose"! exclamou meu bem sorrindo e achando graça na nova aparência do ator.

Soltando uma gargalhada incontrolável.

Eu me juntei a ele na risada, divertida com sua reação produtiva. Brincamos sobre como Estênio poderia agora protagonizar um novo filme, "RoboCop: Brasileiro!", sendo um policial harmonizado enquanto enfrentava os desafios de uma cidade caótica como São Paulo.

Diante disso, comecei a contar para ele sobre o pós-humano, sobre como os filmes como robocop tinham a ver com esse trabalho, contei sobre os conceitos que estava estudando, sobre o que é a harmonização facial com que nossa sua filha trabalha por ser dentista, até chegar no portão de casa após 1 hora 30 minutos no trânsito. E olhando nos olhos ele disse:

Não entendi nada, mas amo ver sua empolgação quando fala!

Com amor, Dominique

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariane Tojeira Cara. A imagem das adolescentes na web: a busca pela corporeidade espetacular. 2013. 249 f. **Tese** (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

BÍBLIA. Gênesis. Português. In: **A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 6-167.

BREITENBACH, Daniel Bueno; O TikTok como experiência formadora de hábito; **Monografia**. São Leopoldo-RS. 2021

\_\_\_\_\_. Êxodo. Português. In: **A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 168-302.

\_\_\_\_\_. Levítico. Português. In: **A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 303-401.

\_\_\_\_\_. Números. Português. In: **A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 402-541.

\_\_\_\_\_. Deuteronômio. Português. In: **A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p.542-655.

CINTRA, Camila. **O Instagram está padronizando os rostos?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, (Coleção Interrogações), 2020.

CUSTÓDIO, Antônio Luis Neto; LOPES, Áquila Daniel Lamar; FIGUEIREDO, Francielle Cristina ; GONÇALVES, Karine Pricilla Macedo. CONTARINI, Leandro Cesar Silva; DIAS, Siviane Soares. SMAS e Ligamentos da face - Revisão anatômica. **Aesthetic Orofacial Science**, [S. 1.], v. 2, n. 2, 2021. DOI: 10.51670/aos.v2i2.61. Disponível em: <https://ahof.emnuvens.com.br/ahof/article/view/61>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DAVID, Anna. Jovens fazem cirurgias plásticas para ficar parecidos com suas selfies com filtro. **BBC**, 05 maio 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43910129>. Acesso em: 10 de julho 2023.

DRIGO, Maria O.; SOUZA, Luciana C. P. de. **Aulas de semiótica peirceana**. Curitiba: Appris, 2021. p. 52.

ECO, Umberto. **História da beleza**. São Paulo: Record, 2004.

EIRAS, N. Os filtros do Instagram estão mudando a nossa aparência na vida real? **Elle**, São Paulo, 25 mai. 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>. Acesso em: 10 de setembro 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução brasileira de Luís Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANÇA, Beatriz. A influência dos filtros de redes sociais e chamadas de vídeo na busca por procedimentos estéticos. **Estadão**, São Paulo, 11 julho 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/a-influencia-dos-filtros-de-redes-sociais-e-chamadas-de-video-na-busca-por-procedimentos-esteticos>. Acesso em: 10 de junho 2023.

FONSECA, Mariano de Araujo. **Eu-Avatar**: reflexões acerca do eu mediado. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GIORGENON, Daniela. **O corpo (inter)face**: sentidos sobre a relação sujeito, corpo e objetos tecnológicos de conexão à rede eletrônica. 2016. Tese Doutorado - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-13072018-152207/>. Acesso em: 02 maio 2023.

GOMES, Alice Chaves De Carvalho. **O Sujeito das redes sociais digitais**: posição adolescente e os impasses de separação frente ao olhar do outro. Tese de Doutorado. Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

GREGÓRIO, Gregório De Sordi. **Do avatar ao sujeito**: transicionalidade e identificação no espaço virtual. 2014. x, 119 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis : Vozes, 207

\_\_\_\_\_. **A Salvação do Belo**. Tradução de Cláudia Martinelli Vieira. Lisboa: Relógio d'Água, 2019

HARAWAY, Donna. "A cyborg manifesto: Science, technology, and socialist feminism in the late twentieth century", in: **Simians, cyborgs, and women**: The reinvention of nature, New York, Routledge, [1985] 1991.

\_\_\_\_\_. **The Companion Species Manifesto**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?** [Entrevista concedida a] Nicholas Gane. Ponto Urbe [online]. 31 jul. 2010. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/1635?lang=en>. Acesso em 24 julho 2023.

HAYLES, Katherine. Virtual bodies and flickering signifiers. in: DRUCKREY, Timothy (ed.). **Electronic culture. Technology and visual representation**, New York, Aperture Foundation, 1996, pp. 259-277.

\_\_\_\_\_. Katherine. **How we became post-human?** Virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics, The University of Chicago Press, 1999.

JOYCE, James. **Retrato do Artista quando jovem**. Tradução Guilherme Silva Braga. São Paulo: MEDIAFashion.2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2006.

JORNAL USP. Cresceu mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens nos últimos dez anos. **Jornal USP**, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>

KANT, Immanuel. **A crítica da faculdade do juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, Homero Luis Alves. **Do corpo-máquina ao corpo-informação**: o pós-humano como horizonte biotecnológico. Tese Doutorado em Sociologia -Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

LIPOVETSKI, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**. Viver na era do capitalismo artista. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**,1979. 12a ed. Corrêa Barbosa, Ricardo (trad.) Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAIA, Ilma Elizabeth Freitas; SALVI Jeferson de Oliveira. O uso do ácido hialurônico na harmonização facial: uma breve revisão. In **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR 2018**. Canoas, 2018

MATOS, T. Rosto de influenciadora: Por que ex-BBBs e celebridades estão cada vez mais parecidos? **G1**, São Paulo, 08 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/07/08/rosto-de-influenciadora-por-que-ex-bbbs-ecelebridades-estao-cada-vez-mais-parecidos.ghtml>. Acesso em: 15 junho 2020.

McLUHAN, Marshall. Decio Pignatari (trad.). **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969

McLUHAN, Marshall; e FIORI, Quentin. **O meio é a mensagem**. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NAKAMITI, Eduardo Kiochi. **A questão do futurismo pós-humano e da vida artificial: comunicação científica e de divulgação nas ciências da complexidade**, 2014. Tese Doutorado em Comunicação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

NUNES, Leandro Anderson de Loiola. **Transfigurações da imagem humana por Personas: em ambiente cultural terrestre e em ambiente de inteligência artificial**. 2018. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.27.2018.tde-17072018-155750. Acesso em: 2023-05-12.

PÓS-HUMANO In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-humano>. Acesso em: 03 maio. 2023.

QUARESMA, Alexandre; SANTAELLA, Lucia ; Pós-humano. [Diálogo no Programa de televisão, apresentado por Marina Machado no Programa Capital Natural da emissora Band. São Paulo, SP. 7 out. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4nQqHE3cuPU>. Acesso em 25 de setembro de 2021

RODRIGUES, Cassiano Terra. Peirce, Charles Sanders. **Enciclopédia jurídica da PUC-SP**. Gonzaga, André Luiz Freire (coord. de tomo). 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/58/edicao-1/peirce,-charles-sanders>> Acesso maio 2023.

SALA, Marina. O papel das redes sociais no contexto atual de pós-verdade. 2019. 98 f. **Dissertação** (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Estética: de Platão a Peirce**. 2ª ed., São Paulo: Experimento, 1994.

\_\_\_\_\_. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**, São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Corpo e comunicação: sintoma da**. São Paulo: Paulus, 2004a.

\_\_\_\_\_. Os desafios do pós-humano. **Communicare (Porto)**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 17-26, 2004b.

\_\_\_\_\_. Pós-humano: por quê? **Revista USP**, (74), 126-137. junho/agosto 2007

\_\_\_\_\_. O pós-humano e a reconfiguração do sujeito. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p. 69-77, dez. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5161>. Acesso em: 9 maio 2023.

\_\_\_\_\_. L. **Percepção. Fenomenologia ecologia semiótica.** São Paulo: Cengage Learning, 2012

\_\_\_\_\_. Estética da Fascinação. **DAT Journal**, v. 4, p. 22-36, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Estética e Semiótica.** Curitiba: Intersaberes, 2019b.

\_\_\_\_\_. **Humanos hiper-híbridos** Linguagens e cultura na segunda era da Internet. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTAELLA, Lúcia; FELINTO, Erick. **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo.** São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Flávia Martins dos. **Do segundo corpo:** reflexões sobre os investimentos na imaterialidade. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SEBASTIÃO, S. Sujeito pós-moderno: de andrógino a pós-humano. **Comunicação & Cultura**, n. 9, p. 59-75, 1 jan. 2010.

SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **La intimidad como espectáculo.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

\_\_\_\_\_. **En los límites de lo humano: robots, cyborgs y otras quimeras tecnológicas.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2019.

SILVIA, Simone Genuíno. **Entre filtros e hastags:** Instagram, o novo espelho de narciso, Monografia. Publicidade e Propaganda. Universidade Federal Rio Grande do Norte. Mossoró, 2012.

TIKTOK. Creator Portal. O que você que aprender TikTok: tiktok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/creators/creator-portal/pt-br/>. Acesso em: 15 julho. 2022.

TIKTOK. Creator Portal. Ferramentas para a Criação no TikTok: tiktok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/creators/creator-portal/pt-br/category/tiktok-creation-essentials-pt-br/>. Acesso em: 15 julho. 2022.

## ANEXO

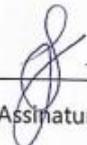
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM**

Eu, Gabrielly Simião Oliveira, nacionalidade Brasileira, estado civil, solteira, portadora da Cédula de identidade RG nº.538613464, inscrito no CPF/MF sob nº 47096848800, residente à Av./Rua Tito Temporim, nº. 686, município de Ferraz de Vasconcelos/São Paulo AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **"RASTROS DO PÓS-HUMANO NA ESTÉTICA DO AUDIOVISUAL"**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

São Paulo, dia 24 de Julho de 2023.



(Assinatura)

Nome: Gabrielly Simião Oliveira  
Telefone p/ contato: (11) 949902064